



**ARTHUR THOMAS**

**Da Marcha Para o Oeste  
ao Parque Municipal**

**Fábio Luporini**

**KAN**  
editora

**ARTHUR THOMAS**  
**Da Marcha Para o Oeste**  
**ao Parque Municipal**

**KAN**  
editora

**KAN**  
editora



**ARTHUR THOMAS**  
**Da Marcha Para o Oeste**  
**ao Parque Municipal**

**FÁBIO LUPORINI**

Copyright @ 2024 Fábio Luporini  
ISBN 978-65-86198-38-6  
Londrina – 2024  
1ª Edição

*Pesquisa e Texto*  
Fábio Luporini

*Projeto*  
Luciano Schmeiske Pascoal

*Coordenação Editorial*  
Marcos Losnak

*Revisão*  
Karen Debértolis

*Projeto Gráfico*  
Visualitá® Gestão em Design Estratégico

*Foto da capa*  
Luciano Schmeiske Pascoal

---

L965a Luporini, Fábio.  
Arthur Thomas: Da marcha para o oeste ao Parque  
Municipal / Fábio Luporini. – Londrina: Kan, 2024.  
240 p. : il.

ISBN 978-65-86198-38-6

1. Parque Arthur Thomas – História – Londrina (Pr). 2. Parque  
Estadual Mata dos Godoy – Londrina (Pr). 3. Parques conservação.  
4. Pioneiros Londrina (Pr). 5. Educação ambiental. II. Título.

CDU 930.1(816.2)

---

Catálogo elaborado pela Bibliotecária Roseli Inacio Alves CRB 9/1590



ACERVO NDPH – Núcleo de Documentação e  
Pesquisa Histórica/acervo Jornal Folha de  
Londrina/Josué de Carvalho

# ÍNDICE

## PRÓLOGO

**Memórias e Descobertas** – Fábio Luporini ..... 9

## APRESENTAÇÃO

**Passado e Futuro** – Solange C. Batigliana ..... 11

## PREFÁCIO

**Legado Histórico** – Alex Canziani ..... 13

## PARTE I – **O HOMEM** ..... 20

Telegrama ..... 21

Marco Zero ..... 30

A Ponte ..... 42

Mr. Thomas ..... 54

Sala de Visitas ..... 64

Sócio do Chefe ..... 72

Usina de Energia ..... 81

PARTE II - <b>O PARQUE</b> .....	100
A Mata .....	101
Mini Zoológico .....	111
A Criação da AMA .....	119
Descobrimdo o Parque .....	127
Anedota de Beto Carrero .....	137
Água e Fogo .....	141
Água e Terra .....	150
Cobras e Onça .....	156
Borboletas .....	162
Mamíferos .....	168
Mascotes .....	177
Os Macacos e as Pedras .....	184
Mil Pássaros .....	188
Sons da Mata .....	208
O Futuro .....	221
ENTREVISTADOS .....	225
BIBLIOGRAFIA .....	226
AGRADECIMENTOS .....	230



PRÓLOGO

## **MEMÓRIAS E DESCOBERTAS**

Fábio Luporini

Sempre digo que a História é feita de histórias. Escrever uma biografia de uma pessoa, de uma empresa ou de uma instituição ajuda a contar a narrativa de uma cidade, de um povo, de uma nação. Só que esta biografia que lhe chega às mãos tem um caráter especial. O enredo que você lerá aqui é a própria História de Londrina. É a gênese do mito colonizador, do desenvolvimento econômico, do boom imigratório e modernista. Mas, também, é o resquício de um Norte do Paraná que não existe mais, de um fragmento de floresta preservada, de uma riqueza que não se mede em dinheiros.

O convite é para que descubramos, juntos, as tantas histórias, lendas e anedotas que circundam o pioneiro Arthur Thomas, um escocês que gastou seus mais áureos anos de vida na fundação e construção de Londrina, assim como rodeiam o Parque Arthur Thomas, uma joia rara no meio da cidade, mostrando que os esforços de preservação dão resultado e possibilitam uma convivência harmônica entre seres humanos e natureza, muito embora isso dependa mais dos seres humanos que dos animais.

A inspiração para este projeto me veio a partir da escolha da Prefeitura Municipal de Londrina sobre o marco dos 90 anos da cidade, completos oficialmente no dia 10 de dezembro de 2024: o Parque Municipal Arthur Thomas. Pensei por que não resgatar a história do pioneiro que dá nome à unidade de conversação e, depois, a ideia foi crescendo, estendida para a história do próprio parque que vai virar até um documentário produzido pelo grande jornalista e documentarista Luciano Pascoal. Tudo isso é parte da história fundante de Londrina, mas, também, da história seguinte, que se preserva no presente e se vislumbra no futuro.

Existem muitas histórias sobre o pioneiro Arthur Thomas, todas espalhadas aqui e acolá. Algumas em livros, outras em jornais e revistas, periódicos da época, vídeos e fotos, enquanto outras somente na memória de algumas pessoas. Agora, as principais estão todas reunidas num só lugar: este livro. Obviamente existem muitas outras informações e lembranças sobre Arthur Thomas que não cabem neste espaço. A diferença deste livro, no entanto, é que, com ele, o leitor tem uma visão completa de quem foi o pioneiro responsável pela cidade.

O mesmo vale para o Parque Arthur Thomas. Foi preciso resgatar memórias e lembranças para reuni-las todas juntas e não deixar algumas anedotas caírem no esquecimento. Neste caso, muita gente ainda pode contar muitas histórias com o parque, além de as pessoas ainda poderem construir lembranças e memórias afetivas. Mais que isso, os responsáveis pela gestão do Parque Arthur Thomas têm em mãos o destino de um dos mais importantes fragmentos urbanos de Mata Atlântica. Basta aproveitar o talento e o trabalho do competente corpo técnico da Secretaria Municipal de Ambiente (SEMA).

Então, durante a leitura, considere um livro no qual se pode fazer muitos parênteses, acrescentar muitas histórias, memórias e lembranças. É um projeto vivo, aberto e que, certamente, revela apenas alguns dos principais aspectos da fascinante história do desenvolvimento do Norte do Paraná, das peculiaridades da jovem Londrina e, por fim, do mais que importante, essencial e fundamental Parque Arthur Thomas.

Que esta leitura desperte em você o desejo de preservar a História e a natureza!

APRESENTAÇÃO

## **PASSADO E FUTURO**

Solange Cristina Batigliana

Londrina é Londrina por muitas coisas e pessoas que por aqui chegaram. Londrina é Londrina por ser um lugar construído pelo esforço e luta de muitas pessoas. Londrina é Londrina pela visão de futuro de muitos. Londrina é Londrina por ter um céu azul, como nenhum outro, e uma natureza rica e belíssima.

Como diz o autor, este livro trata da história de um homem que se tornou nome de avenida, de escola, de vinho e do parque urbano mais importante de Londrina. Lendo suas páginas é possível embarcar na história e ver, pelos olhos de Arthur Thomas, o presente e o futuro daquele lugar que iria ser colonizado pela Companhia de Terras Norte do Paraná: “Não fosse o escocês que aceitou a ideia de vir colonizar o Norte do Paraná, talvez este livro não estivesse sendo escrito, nem esta história sendo contada. Tanto que, a despeito da hierarquia política constituída, com prefeito e vereadores, o homem forte de Londrina era o diretor-gerente da Companhia de Terras Norte do Paraná.”

Nomes que estão em monumentos, ruas e praças eram as pessoas reais que foram entrelaçando suas vidas e construindo uma cidade e uma região. A visão de futuro e de organização de uma cidade com qualidade de vida para seus moradores era um imperativo.

“Londrina era praticamente uma clareira, um povoado repleto de pioneiros e trabalhadores quando foi constituída como município, naquele 10 de dezembro de 1934.”

Em poucos anos, Londrina já contava com uma usina de energia, com um ramal de linha férrea,

com uma ponte que cruzava o Rio Tibagi, com um desenho urbano agradável, com a Santa Casa de Misericórdia, com jornais, com escolas, com um desejo franco de ser um lugar bom para se viver.

Os 90 anos de existência deste belo lugar chegaram, os homens do passado ainda estão aí nos monumentos e homenagens. A vida das pessoas construiu a história e a memória da cidade. E hoje os desafios continuam, o Parque Arthur Thomas retrata a ousadia do passado e a potencialidade do futuro. Conhecer um pouco mais sobre a história deste homem e deste lugar pode inspirar a geração presente e as futuras.

Solange Cristina Batigliana é graduada em Direito (2008) e História (1995) pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), especialista em Direito Público (Direito Administrativo) e Administração Pública, gestora cultural no Município de Londrina com experiência na produção de eventos e espaços. Foi responsável pela implementação e gestão do Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PROMIC), de 2005 a 2012. Entre 2013 e 2016, ocupou o cargo de secretária municipal de Cultura de Londrina. Hoje, está à frente da Diretoria de Patrimônio Artístico e Histórico-Cultural de Londrina.

P R E F Á C I O

## **LEGADO HISTÓRICO**

Alex Canziani

Este livro é uma celebração da história, da natureza e das pessoas que contribuíram para moldar Londrina e a região Norte do Paraná. A obra, dividida em duas partes que se complementam, oferece um panorama detalhado do impacto de Arthur Thomas e sua visão de desenvolvimento, assim como da criação e preservação de áreas verdes que, até hoje, representam o pulmão ecológico de Londrina.

A primeira parte apresenta a trajetória de Arthur Thomas e o papel essencial que ele desempenhou na colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná. Desde seu encontro histórico com Lord Lovat, em 1924, que resultou em um dos mais ousados empreendimentos colonizadores da região, até os momentos que consolidaram Londrina como uma cidade planejada e inovadora, Arthur Thomas foi uma figura central nesse processo. Seu legado vai além da economia e da política, refletindo-se na estrutura urbana e nas áreas verdes que proporcionam qualidade de vida à população até hoje.

Já a segunda parte concentra-se no legado ambiental de Londrina, com atenção especial ao Parque Arthur Thomas, uma área de preservação que, além de oferecer lazer, tornou-se um laboratório a céu aberto para pesquisas ambientais. O parque passou por várias fases e desafios ao longo de sua história, como a desativação de antigas instalações industriais e a adaptação de áreas verdes para acompanhar o crescimento urbano.

O Parque Arthur Thomas, como unidade de conservação, exemplifica o equilíbrio necessário entre o progresso e a sustentabilidade. Ao longo dos anos, ele se consolidou como um espaço de educação

ambiental e pesquisa científica, além de ser um refúgio natural para os cidadãos de Londrina. Este livro documenta essa jornada, ao mesmo tempo que celebra as vidas de pessoas, como Nilson Pereira Dias, as quais dedicaram anos de trabalho para preservar esse patrimônio.

Ao unir a história de um pioneiro visionário com a evolução da cidade e seus recursos naturais, este livro convida os leitores a refletirem sobre o passado, presente e futuro de Londrina. Que cada página desta obra inspire a compreensão sobre a importância de preservar o meio ambiente, honrar nossas raízes e construir um futuro onde o desenvolvimento sustentável seja uma prioridade inegociável.

O autor demonstra uma habilidade notável em contar histórias, entrelaçando fatos históricos e ambientais com relatos pessoais e memórias coletivas. Ele transporta o leitor para o contexto histórico de Londrina e do Norte do Paraná, utilizando uma linguagem envolvente que equilibra informações técnicas com narrativas vívidas. Com riqueza de detalhes, o autor recria os eventos e personagens centrais da história, como Arthur Thomas, enquanto explora também o impacto ambiental e social de suas ações. Descrições ricas permitem visualizar paisagens e cenários, desde a mata atlântica que cercava a região até o desenvolvimento urbano, criando uma experiência quase cinematográfica.

A edição deste livro coincide de forma simbólica com os 90 anos de Londrina, celebrando tanto o passado quanto o presente da cidade. Ao longo dessas nove décadas, Londrina evoluiu de uma pequena colônia planejada para 30 mil habitantes para a metrópole vibrante que é hoje. Este livro, lançado neste marco importante, homenageia a trajetória histórica, econômica e ambiental da cidade,

conectando os pioneiros, como Arthur Thomas, às transformações contemporâneas que moldam a vida local.

Ao refletir sobre o legado de Londrina, especialmente no que diz respeito à preservação de suas áreas verdes, como o Parque Arthur Thomas, este livro permite uma visão mais profunda do equilíbrio entre crescimento e sustentabilidade. A revitalização do parque para o aniversário de 90 anos reforça esse esforço contínuo, que ecoa em toda a narrativa.

Este livro não é apenas um registro histórico, mas também uma visão para o futuro. Londrina, em constante transformação, reverencia suas raízes ao mesmo tempo em que se projeta para os próximos 90 anos com um compromisso renovado com a preservação ambiental, a educação e o desenvolvimento sustentável. Esta edição especial, publicada em um momento tão simbólico, reforça o papel do autor como cronista da história local, unindo passado e presente em uma narrativa que captura a essência de Londrina em um ponto crucial de sua jornada.

Alex Canziani, formado em Direito pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), já foi vereador, vice-prefeito, presidente do Instituto de Desenvolvimento de Londrina (Codel), secretário estadual de Emprego e Relações do Trabalho do Paraná, deputado federal, secretário de Governo da prefeitura de Londrina e, em 2024, é secretário estadual de Inovação, Modernização e Transformação Digital (SEI.)



FOTO Luciano Schmeiske Pascoal





Arthur Thomas

ACERVO Museu Histórico de Londrina





PARTE 1

# O Homem

ACERVO Museu Histórico de Londrina

## **Telegrama**

Era janeiro de 1924. O distinto inglês Lord Lovat estava no Brasil como observador da Missão Montagu, que viajava por terras paulistas e norte-paranaenses. A missão, chefiada pelo também Lord Montagu, havia sido convidada pelo então presidente Arthur Bernardes com o objetivo de estudar a economia brasileira e as possibilidades de investimentos que poderiam reorganizar o Ministério da Fazenda e as finanças do país. Os ingleses eram conhecidos por investir capital em plantações de algodão na África, a fim de abastecer a cada vez mais expansiva indústria têxtil inglesa, fruto da Revolução Industrial mais de um século antes.

Nascido na Escócia em 1871, Simon Joseph Fraser era considerado o 16º Lord Lovat. Depois de ser educado na Abadia do Forte Augusto na Escócia, foi estudar na renomada Universidade de Oxford. Serviu no exército inglês como oficial e alcançou o posto de major. Nesse período, teve contatos pessoais com figuras de destaque, entre elas o então Príncipe de Gales, que viria a se tornar o Rei Eduardo VII, filho mais velho da Rainha Vitória, que reinou de 1901 até sua morte, em 1910. Assim, Lord Lovat era uma pessoa influente. Mas, anos antes de assumir seu lugar na Câmara dos Lords, na Inglaterra, Lord Lovat havia embarcado numa temporada de viagens e, entre elas, visitado a África.

Sempre atento às oportunidades de investimentos, Lord Lovat se interessou pela colonização e pelo desenvolvimento da região africana. Então, em 1907, fundou uma companhia para colonizar áreas férteis do Sudão. Como diretor técnico da Sudan Cotton Plantations Syndicate, além de assessor para assuntos de agricultura e reflorestamento, foi convidado para participar da missão chefiada por Edwin Samuel Montagu, ex-secretário de Finanças do Tesouro da Inglaterra, que viera preparar um estudo confidencial das condições econômicas do Brasil e vislumbrar a potencialidade do investimento de capital inglês.

Mesmo em não tão boas condições de saúde, Lord Lovat acompanhou a missão em longas e inúmeras viagens pelo interior de São Paulo e, depois, pelo Norte do Paraná. Ao mesmo tempo, um grupo de fazendeiros do hoje chamado Norte Pioneiro do Paraná, entre eles Major Barbosa Ferraz e Antônio Ribeiro dos Santos, buscavam investidores estrangeiros interessados em aplicar capital na região, mais especificamente na continuação das obras da Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná, que a essa altura chegava até a meio caminho entre as cidades de Ourinhos (SP) e Cambará (PR). O engenheiro Gastão de Mesquita Filho, responsável pela construção e exploração dessa ferrovia, ficou encarregado de acompanhar o Lord Lovat na visita ao Norte do Paraná.

Paulista de Limeira, Gastão de Mesquita Filho era um jovem engenheiro, formado em 1918, na Escola Politécnica de São Paulo, com um currículo que o tornava o profissional ideal para os planos dos fazendeiros de café no Norte Pioneiro. Em pouco tempo, provou sua eficiência profissional ao construir estradas de rodagem em Três Lagoas e Santana do Paranaíba, no Mato Grosso, além de construir as oficinas da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, em Bauru, no interior paulista. Em 1922, foi convidado para assumir a construção da linha da Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná, que seria concluída em 1925.

Entre os fazendeiros estavam o Major Barbosa Ferraz, Willie da Fonseca Brabazon Davids, Gabriel Ribeiro dos Santos, Antônio Ribeiro dos Santos e Manoel da Silveira Correa. Foram eles que haviam contratado Gastão para a tarefa de construir a ferrovia. Nesse período, junto com sua esposa Isaura de Moraes Barros Mesquita, o jovem engenheiro morava em uma casa de madeira cedida por Willie Davids no meio do sertão paranaense, enfrentando as dificuldades que a vida pioneira impunha.



A construção da ferrovia trouxe o desenvolvimento ao Norte do Paraná

ACERVO Museu Histórico de Londrina

Uma delas era justamente o fato de que os recursos dos quais os fazendeiros dispunham não eram suficientes para avançar com rapidez as obras da ferrovia. Então, era uma preocupação do grupo atrair investidores entusiasmados com a empreitada.

A essa altura, o Major Barbosa Ferraz já desfrutava de cinco mil alqueires plantados com pelo menos um milhão de pés de café, nos arredores de Cambará. As terras férteis do major fizeram brilhar os olhos do lorde inglês. E no cair de uma tarde daquele janeiro de 1924, quando o sol se punha e dava lugar ao crepúsculo da luz de lampiões a gás de acetileno, alguns dos viajantes se reuniam para um jantar na fazenda do major. Além de Lord Lovat e de Gastão de Mesquita Filho, estavam Willie Davids, prefeito de Jacarezinho, o filho do major, Leo Barbosa Ferraz, e os diretores da Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná, Antônio Ribeiro dos Santos, Gabriel Ribeiro dos Santos e Manoel da Silveira Correa.

Nem bem começaram o jantar, Lord Lovat decide fazer uma proposta financeiramente irrecusável ao grande proprietário das terras. Entretanto, categoricamente, o major diz não à venda de seus cafezais em terras férteis. Meio desorientado, o inglês vira-se para Willie Davis, em busca de uma intervenção, de uma ajuda. Quem se adianta, no entanto, é Gastão de Mesquita Filho, dizendo que o governo do Paraná estava a vender terras tão férteis quanto a preços muito baixos por causa da inexistente linha de transporte. Mas que isso logo não seria um problema, graças à construção da linha de trem, que ajudaria a valorizar as áreas adquiridas, tornando o empreendimento muito lucrativo.

Gastão Filho nada mais fez que aproveitar sua “virtú” (capacidade, competência) numa ocasião de “fortuna” (sorte, oportunidade), como diria o pensador renascentista Nicolau Maquiavel, pai do pensamento político moderno. O engenheiro vislumbrou a possibilidade de investimento do capital inglês numa região em franco desenvolvimento e que também se beneficiaria com a decisão de Lord Lovat. Dessa maneira, ele encantou o lorde inglês, o qual também abriu os olhos para uma interessante oportunidade de investimento que mudaria por completo a História do Norte do Paraná.

Logo após o jantar, os homens de negócios passaram à sala de jogos, onde Gastão de Mesquita Filho teve a oportunidade de apresentar a Lord Lovat o plano de construção da estrada de ferro até

Cambará e, mais adiante, rumo a extensas áreas de terra roxa em glebas a serem desbravadas, além dos rios Cinzas, Laranjinha, Tibagi e Ivaí. Sobre uma mesa de bilhar, ele estendeu um mapa para mostrar os primeiros traçados da ferrovia, que ousadamente chegaria até o Paraguai, via Guaíra. Gastão sabia que Lord Lovat estava interessadíssimo em comprar terras, ainda mais as férteis iguais às que tinha visto em suas andanças pelo Norte do Paraná. Então, passou a explicar sobre uma colonização racional, implantada com recursos ingleses, capaz de transformar as glebas em riquezas aos agricultores e ao Paraná.

Os olhos de Lord Lovat brilhavam vislumbrando as possibilidades de lucros para o capital inglês, mas, também, de abrir estradas, provocar o desenvolvimento e gerar riqueza ao país e aos agricultores. Gastão de Mesquita Filho insistia na colonização racional, que mesclava a repartição inteligente de terras, em lotes relativamente pequenos, junto com a construção da estrada de ferro, que ajudaria a trazer os agricultores e, ao mesmo tempo, escoar a produção.

Depois de visitar as terras férteis de Cambará, após ouvir atento e entusiasmado as explicações de Gastão de Mesquita Filho, Lord Lovat não teve dúvidas de que era, de fato, um excelente investimento. Estava convencido a tal ponto que, naquela mesma hora, decide enviar um telegrama ao gerente da Sudan Cotton Plantations Syndicate, que morava na capital do Sudão, pedindo que fosse imediatamente encontrá-lo na Inglaterra, em Londres, para discutirem a aplicação e o investimento de capital inglês no Brasil. Do outro lado, quem recebe o telegrama é ninguém mais ninguém menos que Arthur Hugh Miller Thomas.

Arthur Hugh Miller Thomas seria um nome decisivo para a criação de Londrina e, por esse motivo, batizaria escola, prédio, avenida, bairro, conjunto habitacional e até vinho, além de um parque municipal e uma estátua de bronze em sua homenagem. Nascido na Escócia, mais especificamente em Edimburgo, no dia 13 de dezembro de 1889, Thomas era filho de John Machay Thomas e Agnes Brown Donnelly Thomas. Ficou órfão de pai muito cedo, aos 14 anos. Seu pai era alcoólatra e, quando morreu, deixou a responsabilidade financeira da família sobre seus ombros. Arthur Thomas tinha pouca ajuda do avô materno e, assim, entre seus 15 e 16 anos, teve de se virar para trabalhar.



Arthur Thomas recebeu um telegrama de Lord Lovat que mudou para sempre sua vida e a do Norte do Paraná

ACERVO Museu Histórico de Londrina

Ingressou como jornalista na DC Thomson & Co., praticamente no início da empresa, fundada em 1905 por David Couper Thomson, na cidade de Dundee, na Escócia, onde sua família morava à época. A DC Thomson & Co. se tornaria rapidamente uma das maiores empresas jornalísticas do Reino Unido. No início, eram publicados quadrinhos, jornais e revistas, entre eles alguns dos mais importantes como The Courier, The Evening Telegraph e The Sunday Post, com quadrinhos de Oor Wullie, The Broons, The Beano, The Dandy e Commando. Artur Thomas rapidamente ascendeu na profissão. Sempre teve o dom da palavra. Até escrevia poesias e contos.

O sonho de Arthur Thomas era trabalhar em outro grande jornal inglês, na cidade de Sheffield, o que se concretizou por pouco tempo. Por alguma razão, o jovem foi demitido e, depois de concluir alguns estudos e adquirir experiência em comércio e trabalhos literários, foi para o Oriente, para Singapura. Na ocasião, Singapura fazia parte do império inglês pelo mundo. Em 1819, havia sido fundada como posto comercial da Companhia Britânica das Índias. No ano de 1924, o império britânico assumiu a soberania, até Singapura ser invadida pelo Japão, na

Segunda Guerra Mundial. Então, entre 1906 e 1907, Arthur Thomas era jornalista no principal jornal de língua inglesa de Singapura.

O escocês também passou pela península Malaia e pela China, sempre dedicando-se ao jornalismo, mas, também, à cultura e ao comércio da borracha. Enquanto isso, dedicou-se a uma atividade que lhe seria de muito valor anos mais tarde: o treinamento militar, inicialmente com oficiais ingleses, além de malaios e chineses. O grupo se reunia todo sábado para treinar como tropas. Quando eclodiu a Primeira Guerra Mundial, em 1914, Arthur Thomas já estava preparado para o combate. Aliás, já era sargento e, assim, aliou-se como voluntário, servindo ao exército inglês entre 1915 e 1918.

Só que o front da Primeira Guerra Mundial estava longe de onde Arthur Thomas se encontrava. Entretanto, precisamente no dia 15 de fevereiro de 1915, Arthur Thomas entrou em ação. Àquela época, integrava o Singapore Volunteer Corps ao lado de homens que, civis como ele, tinham muita energia e precisavam dar vazão de alguma maneira. A solução foi se encontrar aos finais de semana para treinamentos militares. Mas, naquele 15 de fevereiro, Arthur Thomas estava de folga quando o alarme soou. Largou correndo o bilhar que jogava, assim como tantos outros deixaram seus escritórios, quadras de tênis e campos de golfe, para se enfileirar ao lado de outros voluntários. Não era um exercício. Era um regimento indiano aquartelado em Singapura que se amotinou para defender o entreposto.

No entorno do quartel, onde passou a noite em piquetes, Arthur Thomas teve de ajudar no resgate de crianças e mulheres de uma comunidade isolada na qual todos os homens haviam sido assassinados pelos rebeldes indianos. Enquanto isso, esperava a ordem para atacar. Fazendo parte do grupo de voluntários mais experientes, Arthur Thomas tinha como missão conter os rebeldes e, depois, atacá-los e resgatar os britânicos sitiados no quartel. O escocês narrou a noite de combate no Straits Times do dia 12 de maio de 1915, contando que avançaram contra o quartel ao raiar do sol, abrindo caminho a tiros. Uma mistura de sentimentos tomou Arthur Thomas, entre confusão e medo. Ouvia tiros passarem raspando, ajudou um colega baleado na coxa e chegou a ficar deitado sem proteção debaixo do tiroteio.

Os dias se passaram, Arthur Thomas revezava as rondas nos piquetes e teve de reconhecer e identificar dois corpos de amigos que haviam sido mortos no combate. Em um determinado dia, choveu tanto que ele e os companheiros tiveram de tirar as roupas encharcadas para serem torcidas. O fato curioso foi narrado em uma carta à mãe, após o combate. Em pouco tempo, o motim foi controlado e, posteriormente, os rebeldes capturados. Arthur Thomas chegou a acompanhar a execução dos prisioneiros. Tudo isso certamente provocou impacto em seu espírito.

Embora o treinamento fosse para a reserva, para dar apoio ao exército quando fosse necessário, a Inglaterra precisou mais que nunca desses homens que treinaram nos anos anteriores. Afinal, o país havia perdido grande parte de seus oficiais, pertencentes à elite do exército inglês, principalmente em batalhas na Bélgica e na França. Então, o Reino Unido necessitava de oficiais treinados. Arthur Thomas chegou a liderar tropas inglesas na Bélgica, iniciando como primeiro-tenente. No front, acabou ferido por duas vezes na França, ocupou o posto de comandante em uma das companhias mais importantes do destacamento escocês, The Seaforth Highlanders, e terminou sua participação na guerra como capitão, chegando a ser ajudante do coronel comandante. O jovem foi condecorado com a Cruz Militar duas vezes por sua bravura, quando foi ferido gravemente em 1916.

A experiência da guerra aflorou em Arthur Thomas uma qualidade que, antes, talvez não enxergasse: a liderança. O jovem escocês foi um bom líder e, passada a guerra, decidiu mudar radicalmente a direção de sua vida. Acreditando que a carreira já bem-sucedida como jornalista não lhe possibilitaria elevados ganhos financeiros, procurou outros meios de ganhar a vida. Logo após a guerra, foi contratado pela Kassala Cotton Company, uma firma algodoeira com sede no Sudão, onde foi diretor de plantações de algodão maiores que seis mil alqueires. A Kassala Cotton Company era uma espécie de subsidiária da Sudan Plantation Syndicate Limited, empresa-mãe fundada em 1904 e que tornaria o cultivo de algodão o negócio central da economia sudanesa durante o período do colonialismo britânico no Sudão.

O sucesso na empreitada, como líder e gestor, chamou a atenção de um nobre inglês, Lord Lovat, que era diretor da Sudan Plantation e depositava confiança total no jovem Arthur Thomas. Foi por isso que, naquele janeiro de 1924, Lord Lovat enviou telegrama para o escocês. Lord Lovat, que havia

visitado o interior de São Paulo e o Norte Pioneiro do Paraná, vislumbrou a chance de investir o então abundante capital inglês da Sudan Plantation Company em atividades agrícolas brasileiras. Revelou ao seu conterrâneo Thomaz Muir, na ocasião gerente do Banco Comercial do Estado de São Paulo, a intenção de reunir um grupo de amigos investidores ingleses.

Do lado brasileiro, necessitava de um interlocutor que pudesse ajudar em questões práticas e burocráticas, o qual entendesse de questões jurídicas. Por isso, antes de embarcar para Londres, Lord Lovat já fez contato com o advogado João Domingues Sampaio, em um jantar privado no Hotel Esplanada. Do lado inglês, o lorde tinha Arthur Thomas. Então, Lord Lovat embarcou para a Inglaterra e os dois se encontraram na Oxford Street, em Londres, uma das mais importantes avenidas na área de Westminster. Foi ali que Lord Lovat ofereceu uma oportunidade de emprego no Brasil. A vida de Arthur Thomas no Sudão era solitária e o escocês vislumbrou nessa oferta a possibilidade de uma vida mais interessante.

Lord Lovat instruiu Arthur Thomas acerca dos objetivos, propósitos e intenções dos acionistas da Sudan Plantation Company, entre eles Sir Frederick Eckstein, general Arthur M. Asquith, Edward Green, Sir Alexander Mc Intyre, Percy Horsfall, entre outros. Certamente Lord Lovat descreveu a Arthur Thomas tudo o que encontrou, viu e vislumbrou no Brasil e o enviou para aplicar os recursos e orientar o novo empreendimento. Em meados do ano de 1924, Arthur Thomas embarca para o Brasil, um destino que lhe renderia a maior e mais duradoura aventura de sua vida.

## **Marco Zero**

Enquanto envia Arthur Thomas para o Brasil, Lord Lovat organiza a fundação da Brazil Plantations Syndicate Ltd., com um capital de 200 mil libras esterlinas. A orientação jurídica era do advogado João Domingues Sampaio e de seu amigo, também advogado, Antônio Moraes Barros. A princípio, parece que a ideia era replicar nas terras tupiniquins o modelo de exploração algodoeira que já era implementado no Sudão. Por isso, o destino inicial de Arthur Thomas foi o interior de São Paulo. Por lá, foram compradas as fazendas Guatambu, em Birigui, e Caiuá e Santa Emília, em Salto Grande, além da usina de beneficiamento de algodão em Bernardino de Campos.

Na prática, os ventos foram mudando de direção e a Brazil Plantation foi transformada em Paraná Plantation e, mais tarde, deu origem à subsidiária Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP). É que diversos proprietários de terras, na época, conhecedores dos recursos que os ingleses investiriam, buscavam empréstimos a fim de comprar terras griladas do Estado do Paraná. Depois que o Brasil passou de Império a República, o Paraná passou a dispor de uma grande quantidade de terras devolutas que, a partir de 1922, o governo começa a conceder infinitos alqueires a empresas privadas de colonização.

O momento não podia ser mais que perfeito. Tão perfeito que Arthur Thomas e João Sampaio, antes mesmo de criarem a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), estiveram em Curitiba para uma audiência com o então governador do Estado, Dr. Caetano Munhoz da Rocha, propondo comprar esses títulos de terras devolutas, algumas das quais griladas, mediante autorização da Câmara Legislativa Estadual assegurando a propriedade à Brazil Plantations, de Londres. O apoio prometido foi cumprido e um relatório foi enviado aos sócios ingleses. Mais tarde, João Sampaio viajou a Londres, onde trabalhou na sede da Sudan Plantations com os empresários britânicos a fim de organizar a nova empreitada.

Em Londres, João Sampaio fora explicar, argumentar e convencer os empresários ingleses acerca do investimento. Ele e Arthur Thomas haviam redigido um memorando alguns meses antes e João Sampaio ficou encarregado de prestar informações e esclarecimentos na Inglaterra. O plano deu certo. De Londres, entre os dias 27 e 31 de julho, Lord Lovat telegrafou a Arthur Thomas autorizando

rapidamente as providências necessárias para implantar o que havia sido proposto no memorando. Ao mesmo tempo, João Sampaio telegrafou a Arthur Thomas dizendo que, para os encaminhamentos jurídicos, contasse com a ajuda de seu antigo companheiro de escritório, Antônio Moraes Barros.

Então, no dia 24 de setembro de 1925, Arthur Thomas registra a Companhia de Terras Norte do Paraná, com seus estatutos e capital de 1 mil contos de réis. Na ocasião, estava com ele o advogado Antônio Moraes Barros, constituído o primeiro presidente. Arthur Thomas foi designado o primeiro gerente administrativo da CTNP. Enquanto isso, Lord Lovat e João Sampaio se comunicavam, via telégrafo, com os representantes aqui no Brasil, a fim de decidirem quais terras comprar. Isso exigia um aumento de capital da Brazil Plantations, que, pouco a pouco, encerraria suas atividades algodoeiras e seria liquidada, dando lugar à Paraná Plantations, com presidência de Lord Lovat. A ideia era levantar capital para realizar a compra de terras, as obras da ferrovia e das estradas de rodagens.

E, por isso, resolveu-se fundar, em São Paulo, a Companhia de Terras Norte do Paraná. Afinal, seria uma empresa juridicamente brasileira, sob direção de brasileiros, uma sociedade anônima controlada pela Paraná Plantations, de Londres, fonte e origem de todo o dinheiro necessário para as atividades colonizadoras. Quando João Sampaio retorna de Londres, ainda em 1925, assume a direção da CTNP. A essa altura, as lavouras de algodão, que já não iam bem, são abandonadas e cresce o interesse na compra das terras devolutas do Norte do Paraná. Numa decisão histórica, a CTNP decide, enfim, investir na colonização das terras à margem esquerda do Rio Paranapanema, entre os rios Tibagi e Ivaí, justamente o que havia proposto aquele grupo de fazendeiros, pouco mais de um ano antes.

A visita ao governador do Estado foi importante porque as terras devolutas eram ocupadas por posseiros e grileiros, além de possuidores de concessões, antes outorgadas pelo próprio governo estadual. Então, com a aprovação da Câmara Legislativa Estadual, a CTNP comprou, de uma vez, uma área de 415 mil alqueires, pagando preços estabelecidos por lei, cerca de duas a três vezes mais que o valor, mas, ao mesmo tempo, assegurando o direito líquido e inquestionável sobre as terras negociadas. Dessa maneira, a companhia decidiu comprar ainda mais terras, somando, ao final, um total de 515 mil alqueires. Desses, 450 mil alqueires foram adquiridos por 8.712 contos de réis, o que dava, em 1925, cerca de 20 mil réis por alqueire paulista de 24.200 metros quadrados.

Entretanto, o plano era também construir a estrada de ferro, não apenas comprar as terras. Em 1928, a Companhia de Terras Norte do Paraná comprou ações da Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná, que necessitava de financiamento. A aquisição se concretizou no dia 30 de junho de 1928, tendo também como diretores Arthur Thomas e João Sampaio, entre outros. Assim, tanto a Companhia Ferroviária quanto a CTNP estavam ligadas à Paraná Plantations, com sede em Londres, das quais Arthur Thomas era diretor. Esse foi o pontapé inicial da colonização do Norte do Paraná: a partir do momento que a Paraná Plantations tinha uma empresa responsável pela compra e venda de terras e outra pela construção da ferrovia, colocou-se em prática o plano de desenvolvimento do Norte do Paraná.

O dia 20 de agosto de 1929, quase um ano após toda essa transação comercial, marca a partida rumo ao desconhecido. Em Ourinhos, ao redor de um caminhão Ford 29, ainda de madrugada, num dia de inverno, alguns homens se prepararam para embarcar na jornada inóspita e imprevisível que seria reconhecer a região e demarcar as terras compradas pela CTNP. Estavam na caravana, entre outros, George Craig Smith, um jovem paulista com descendência inglesa, além do agrimensor russo Alexandre Razgulaeff, assim como alguns peões contratados para abrir as picadas na mata virgem.

Com o inverno seco, a viagem foi relativamente tranquila. De tarde, a caravana já estava em Jataí, na beira do Rio Tibagi, conhecida como cidade maleitosa por conta das muitas infecções por malária, registrada assim por George Craig Smith. Ali mesmo, compraram uma tropa com burros de carga e montaria para seguirem viagem até as terras da CTNP, distantes cerca de 22 quilômetros de onde estavam. A caravana contratou o serviço de um indígena como guia, que tinha habilidade também em amansar os animais. O grupo dormiu em um rancho de palmito e, bem cedinho, no dia seguinte, 21 de agosto de 1929, atravessou o majestoso e imponente Rio Tibagi, uma travessia até então desconhecida e que reservava muitos mistérios e aventuras.

Sem pontes, a caravana precisou encontrar um trecho no leito do rio que fosse possível atravessar os animais a nado, um por um, acompanhados por um dos integrantes remando numa canoa feita de tronco de árvore. Enquanto um remava, outro segurava o burro pelo cabresto, guiando o animal até a outra margem do Rio Tibagi. Foram diversas as travessias, perigosas, com os animais e os

mantimentos para a outra margem do rio, de onde a caravana finalmente iniciou a caminhada até a região denominada como Patrimônio Três Bocas. Se a travessia do rio foi complicada, a caminhada foi ainda mais. Lenta, a caravana seguia por um picadão escuro, no meio da mata fechada, no chão barrento cheio de tocos e buracos.

No meio do caminho, o grupo avistava árvores imensas, uma floresta de perobas, paus d'alho, ipês dos mais coloridos, palmitos em abundância que serviriam de alimento a tantos desbravadores e pioneiros. Mas, também, os desafios foram grandes. Assustados, os burros tentavam escapar por picadas laterais. Até que, no fim da tarde daquele dia, a caravana chegou ao local demarcado como divisa das terras da CTNP. O engenheiro Alexandre Razgulaeff foi o responsável por definir o que hoje chamamos de Marco Zero de Londrina. Ele fincou o primeiro marco de madeira na terra roxa e disse: "Chegamos. Aqui começam as terras da Companhia de Terras Norte do Paraná".

Ali mesmo, montaram acampamento. Descarregaram os mantimentos, fizeram uma pequena clareira no meio da floresta densa e escura, onde construíram dois ranchos com foices e machados. Os animais foram amarrados, para não fugirem. Os palmitos, em abundância, serviram de banquete ao grupo faminto da viagem longa e difícil. Com os troncos dos palmiteiros, construíram as paredes dos ranchos improvisados e das camas, cobertas com as folhas, que também alimentavam os animais. De noite, os mosquitos apareceram e incomodaram os integrantes da caravana, que acendiam fogueiras para afastar os insetos com a fumaça.

George Craig Smith voltava com frequência para Jataí e Ourinhos, depois retornava ao local do primeiro acampamento nas terras da CTNP, sempre levando suprimentos aos trabalhadores. Depois, foram contratados carpinteiros portugueses, que construíram o primeiro hotel campestre da Companhia de Terras Norte do Paraná, além de um armazém da empresa. A primeira fase da derrubada se estendeu por dez alqueires, numa região onde funcionaram a Serraria Curato, a Anderson Clayton e a Viação Garcia. Enquanto isso, a direção da CTNP trabalhava em frentes burocráticas, inclusive na busca de possíveis compradores de terras na região.

Arthur Thomas, que havia se casado no dia 5 de junho de 1926 com Elizabeth Shirlaw Muir –

filha de Thomaz Muir, gerente do Banco Comercial do Estado de São Paulo e que havia sido interlocutor de Lord Lovat –, dividia seu tempo em São Paulo com as intensas atividades relacionadas à CTNP. A notícia do casamento de Arthur Thomas com Elizabeth Muir, aliás, foi destaque no jornal *Folha da Manhã*, criado em julho de 1925 como uma edição matutina da *Folha da Noite*. A notícia foi publicada em inglês. O pai de Elizabeth era da alta sociedade paulistana na época, morava num casarão na Avenida Paulista. Até mesmo a lista de pessoas que compareceram ao casamento foi publicada pelo jornal.

Como gerente da companhia, Arthur Thomas tinha grande responsabilidade em cuidar para que a



O casamento de Arthur Thomas com Elizabeth Muir foi destaque na época

ACERVO Museu Histórico de Londrina



colonização das terras, já em curso, não fosse lesiva à região. Portanto, era preciso planejar, administrar, organizar, fiscalizar, instruir. Ao mesmo tempo em que era preciso derrubar a mata para dar lugar aos primeiros acampamentos para depois se desenharem os primeiros traços de urbanização, era extremamente importante conservar parte da floresta, com o objetivo de não se perder a fertilidade do solo da região. O cenário registrado em fotografias era de restos de troncos apontando para o céu, árvores carbonizadas esfumaçando os vestígios da queima, além das cinzas que pairavam pelo ar.

O trabalho intenso de planejamento era porque a CTNP havia adotado diretrizes bem definidas de colonização: construir cidades destinadas a serem núcleos econômicos maiores, que deveriam estar distantes de cem em cem quilômetros, enquanto os núcleos urbanos menores estariam separados por distâncias

As primeiras casas de Londrina eram erguidas no meio da mata derrubada

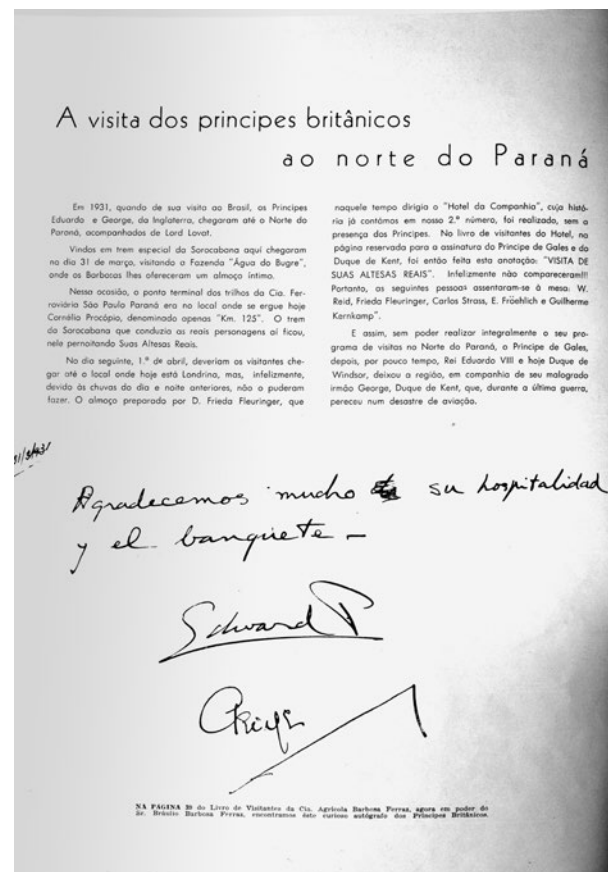
ACERVO Museu Histórico de Londrina



que variavam entre dez a 15 quilômetros. Os pioneiros, nem mesmo Arthur Thomas, imaginariam que quase um século depois esses centros estariam mais conurbados do que se planejou. No entanto, a recomendação era preservar cinturões verdes ao redor dessas áreas urbanas, incluindo matas preservadas e chácaras que servissem à produção de alimentos.

O progresso era evidente. Mas os resultados ainda eram acanhados. A primeira leva de compradores de terras chegou em dezembro de 1929, trazida pelo pioneiro agenciador de terras e responsável por alguns dos mais importantes registros históricos dos primórdios de Londrina, Hikoma Udihara. Logo surgiram as primeiras casas daquele povoado aberto no meio da mata. Alfredo Koch foi quem construiu a primeira casa de Londrina. A segunda foi erguida por David Dequech. Em 1930, a estrada de rodagem atravessou Jataí até o Patrimônio Três Bocas. As vendas de terras ainda estavam fracas. Arthur Thomas, que nessa época ainda residia em São Paulo e precisava administrar tudo, ordenou a mais rigorosa economia.

Para se ter uma ideia de como aquela aventura estava longe dos grandes centros, o chefe do escritório central da Companhia de Terras Norte



Os príncipes britânicos visitaram o Norte do Paraná

ACERVO Museu Histórico de Londrina



Arthur Thomas acompanha a visita dos príncipes britânicos

ACERVO Museu Histórico de Londrina

do Paraná, Gordon Fox Rule, considerado o primeiro funcionário efetivo da empresa, contratado em 1º de janeiro de 1926, só visitou Londrina em 1930. E ficou maravilhado com tudo o que viu. Mas, ainda era preciso impulsionar a venda de terras.

E uma jogada de marketing foi lançada para tentar atrair a curiosidade de compradores. Gordon Fox Rule estava numa comitiva e testemunhou a visita que o então Príncipe de Gales fez à região de Cornélio Procópio, no dia 31 de março de 1931. Sua Alteza, que se tornaria o Rei Eduardo VIII de janeiro de 1936 até abdicar ao trono, em dezembro do mesmo ano, era acionista da Paraná Plantations. E tinha interesses em ajudar a impulsionar a venda de lotes rurais e urbanos das terras do Norte do Paraná. A comitiva incluía ainda o irmão do Príncipe de Gales, o príncipe George, que recebera o título de Duque de Kent e se tornaria Jorge VI, após a abdicação do irmão, o Rei Eduardo VIII.

Arthur Thomas e Lord Lovat acompanhavam os príncipes com a comitiva que viajou de trem pela Estrada de Ferro Sorocabana até Cambará, onde foram recebidos na fazenda do Major Barbosa Ferraz. Suas Altezas desembarcaram na estação Leoflora. Depois, os príncipes ainda viajaram por 17 km na linha férrea em construção, em direção a Jataí, parando na altura do Km 125, onde hoje se situa a cidade de Cornélio Procópio. Foi nesse trecho da ferrovia que pernoitaram, dentro do trem. Tudo foi registrado pela revista "A Pioneira".

Por pouco a comitiva não chega a Londrina. A visita à cidade estava programada, mas uma chuva torrencial do dia anterior impossibilitou a viagem, que ainda não era feita de trem. Até mesmo um almoço havia sido preparado por Frieda Fleuringer, que na época dirigia o Hotel da Companhia. Essa, aliás, foi uma das últimas vezes em que Lord Lovat visitou a região, acompanhando os netos de seu amigo, que também havia sido Príncipe de Gales, depois Rei Eduardo VII. Lord Lovat morreria dois anos depois, na Inglaterra, sem ver o resultado dos seus grandes esforços colonizadores.

O esforço propagandista parece ter dado certo. A estação da estrada de ferro de Jataí foi inaugurada em maio de 1932. Na ocasião, também foi instalada a primeira linha telefônica, trazendo ainda mais progresso para a localidade. Para a inauguração dessa ferrovia, estava em Jataí o general Arthur M. Asquith, um dos acionistas da Paraná Plantations, representando a empresa de capital inglês

## Desaparece um grande amigo de Londrina

A notícia de que IAN FRAZER estava com a saúde seriamente abalada repercutiu, rápida e consternadora, em toda a cidade. Tanto entrou nos lares humildes como ecoou nas melhores casas de Londrina, despertando os mesmos sentimentos, pois a pessoa focalizada gozava a estima geral da população.

Logo depois a notícia de sua morte, na madrugada de 10 do corrente, erguia em todos os cantos palavras de consternamento por tão grande perda.

Figura altamente conhecida e estimada, todos recordavam a sua vinda para Londrina, diretamente da Inglaterra, sua terra natal, em época distante, quando a civilização norte-paranaense estava estagnada na barranca do Tibagi.

Comentava-se a bravura deste heróico lavrador, que do nada arrancara uma das mais belas propriedades agrícolas da região.

Falava-se, aqui e acolá, neste grupo de motoristas ou naquela vida de café, referência à bondade transbordante do inesquecível FRAZER.

Seu enterro teve o acompanhamento mais impressionante que se possa imaginar.

Acorreram os seus colonos e empregados, os pequenos sítios do Limoeiro, da Água do Pampo, do Ribeirão do Cambé, do Lindóia, os seus amigos do Rotary Club, seus compatriotas, elementos do comércio e da indústria, das classes liberais, todos desejosos de prestar o tributo da sua última homenagem àquele que, em vida, não tinha inimigos.

Não há dúvida que FRAZER se impuzera a admiração do povo por dois traços primaciais de sua personalidade: A Bondade e o Amor ao Trabalho. Poderia servir de paradigma à gente londrinense, a esta raça de desbravadores destemidos que aqui se está caldeando com a contribuição das mais diferentes etnias.

A borda da sua cama, após os ofícios religiosos, usou da palavra, como representante do Rotary Clube de Londrina, do qual o extinto era sócio fundador, e como intérprete de seus inúmeros amigos, o dr. Rui Cunha, que em termos repassados de sincera emoção despediu-se, em nome de Londrina, do seu grande benfeitor.

«Revista-Jornal» se fez representar, pela sua secretária srta. Maria Gonzalez Vicente, no sepultamento e nas homenagens prestadas a este ilustre cidadão de duas pátrias e que

deixa viúva d<sup>ta</sup>. Neta Frazer e órfãos três filhinhos de menor idade — Ana Elizabete, Moira e Verônica.

Esteve na cidade, vindo de Galla, no Estado de São Paulo, o irmão do falecido sr. Simon Frazer.

A família nosso p<sup>re</sup>zamos. A Londrina nessa solidariedade na dor que experimenta pela perda de tão querido amigo.

### Ginásio Londrinense

(SOB INSPEÇÃO FEDERAL)

Cursos Primario, Admissão, Ginásial e Comercial (Noturno)

Caixa Postal, 196

LONDRINA — PARANÁ

### SAQUINHOS DE PAPEL

Façam seus pedidos à

### GRÁFICA YPIRANGA

Sacos de todos os tamanhos, de papel «KRAFT», em branco ou impressos

Fábrica moderna, dispondo das mais perfeitas máquinas automáticas

Preços sem competição e entregas rápidas

### Maia & Filho Ltda.

Rua Ceará esquina Espírito Santo  
Londrina — Paraná



A morte de Lord Lovat repercutiu no Norte do Paraná, onde o inglês enxergou um futuro a ser desenvolvido

ACERVO Museu Histórico de Londrina

A ferrovia foi inaugurada em 1935, transformando o povoado em cidade

ACERVO Museu Histórico de Londrina



A estrada de ferro chegou a Londrina e era símbolo do desenvolvimento do Norte do Paraná

ACERVO Museu Histórico de Londrina

mantenedora da CTNP. Ele visitou o povoado aberto no meio da mata que começava a ganhar as primeiras casas e construções, escolhido pela diretoria da CTNP para ser a primeira cidade dentro do enorme latifúndio comprado pelos ingleses para ser loteado e colonizado.

Na volta, o grupo que acompanhou a inauguração da estrada de ferro de Jataí e a visita ao Patrimônio Três Bocas se deteve em Ourinhos, na casa do engenheiro T. D. Hamilton, da Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná. Estavam também Arthur Thomas e o advogado João Sampaio, diretores da Companhia de Terras Norte do Paraná. Durante o jantar, uma conversa animada vangloriava o grandioso progresso que a região obtinha, em vista dos anos anteriores. Então, o general Asquith propôs que aquele grupo animado escolhesse o nome da futura primeira cidade daquela empreitada inglesa. Os interlocutores argumentaram sobre suas sugestões e, por último, quem tomou a palavra foi o advogado João Sampaio.

Não era a primeira vez que o orador tinha de defender seus pontos de vista e argumentos para convencer ingleses, como o fizera anos antes em Londres, na sede da Sudan Plantations. Desta vez, ele ponderou que o progresso que estavam assistindo diante dos olhos era patrocinado por um grupo de ingleses. Era um plano que, apesar dos interesses econômicos e comerciais, reintegrava ao Estado do Paraná mais de 500 mil alqueires de terras devolutas dos grileiros. E que, por isso, era justo que se fizesse uma homenagem à fonte de todos esses recursos, que vinham de Londres. Então, propôs batizar a primeira cidade dessa empreitada colonizadora com o gentílico das filhas de Londres, Londrina. Depois de propor o nome, recebeu os aplausos de todos os que estavam presentes. E, assim, Arthur Thomas testemunhou o nascimento do nome de Londrina.

## A Ponte

Londrina ainda não era município, quando foi batizada naquele jantar em Ourinhos. Londrina era praticamente uma clareira, um povoado repleto de pioneiros e trabalhadores quando foi constituída como município, naquele 10 de dezembro de 1934. Apesar disso, o progresso avançava pela cidade. E mais e mais pessoas desembarcavam no sertão do norte paranaense. Uma das famílias que migrava para cá era descendente de italianos: eram os pais de Omeletino Benato, filho de pais brasileiros e neto de avós italianos. Nascido no dia 12 de setembro de 1929, em Ipaussu, um pequeno município hoje com cerca de 15 mil habitantes, pertinho de Ourinhos, no estado de São Paulo, Omeletino veio ainda bebê morar com a família em Jataí.

O pai de Omeletino foi gerenciar uma olaria na cidade à beira do Rio Tibagi, uma empresa da Companhia Maxwell de São Paulo. Nesse período, o pai produzia telhas para atender a uma crescente

demanda do mercado consumidor da época.

Então, o pai de Omeletino saía para vender telhas pelas cidades da região, entre elas Cornélio Procópio, Assaí, na época chamada de Três Barras, e São Jerônimo da Serra, além de Londrina, cujo núcleo urbano estava em franco desenvolvimento. Quando atravessava o Rio Tibagi, ainda sem uma ponte específica para a travessia, o pai de Omeletino trazia a família, a esposa e os dois filhos. Omeletino Benato pisou na terra vermelha de Londrina com seus quase quatro anos completos, ainda em 1933, ao lado do pai, da mãe e do irmão mais novo.



Omeletino conheceu Londrina em 1933, quando tinha quase 4 anos de idade

**FOTO** Luciano Schmeiske Pascoal

Nessa primeira vinda, a família foi recebida por um farmacêutico prático, que serviu um lanche e uma dose de garrafada. Basicamente, as garrafadas são uma mistura de plantas e ervas medicinais mergulhadas em bebidas alcoólicas, com objetivos diversos dentro da medicina popular. É que, em Jataí, toda a família de Omeletino havia contraído a malária. A mesma doença que acometeu por duas vezes o engenheiro George Craig Smith. Então, vislumbrando melhores possibilidades de trabalho e de desenvolvimento, o pai de Omeletino resolveu assentar morada na Londrina que ainda nem era município. A família se mudou de vez no dia 25 de março de 1934, em uma casinha simples de madeira na Rua Minas Gerais, hoje Rua Senador Souza Naves, esquina com a Rua Piauí, onde está construído o Edifício Centro Comercial.

E, assim, Londrina ia ganhando cara de cidade. Até que através do Decreto Estadual n.º 2.519, assinado pelo interventor Manoel Ribas, em 3 de dezembro de 1934, marcou-se a data da instalação do município: 10 de dezembro. A solenidade estava um tanto esvaziada, diz o relato do jornalista Humberto Puiggari Coutinho. Na ocasião, ele era secretário-tesoureiro de Jataí. No dia 9 de dezembro, por volta das 11h, ele estava almoçando no único restaurante que havia na cidade, ao lado do prefeito, Odilon Borges de Carvalho, e do juiz de direito, Antônio Baltar Júnior, quando adentrou ao recinto Anchises Paquetes, um funcionário do fisco estadual.

Batendo palmas para chamar a atenção dos presentes, Anchises anunciou que, no dia seguinte, às 14h, seria instalado o município de Londrina, tomando posse o primeiro prefeito, Joaquim Vicente de Castro, nomeado pelo interventor Manoel Ribas. Anchises convidava “os paranaenses presentes” para comparecerem. O convite, entretanto, causou frieza no público, inclusive nas autoridades, porque, de fato, quase não havia paranaenses naquela terra que acolhera tantos imigrantes paulistas, mineiros e de tantas outras regiões do país e até nacionalidades. Na recusa do prefeito e do juiz de irem à instalação do município, Humberto Puiggari Coutinho acabou indo à solenidade, que aconteceu esvaziada.

A instalação do município ocorreu em uma modesta e humilde sala de uma casinha de tábuas na Rua Maranhão. Havia poucas pessoas presentes. É que, na ocasião, os moradores de Londrina preferiam ter sido indicado outro prefeito, o Carlos de Almeida, o qual fora indicado por Willie Davids

como “inspetor de quarteirão”. Carlos, que trabalhava na Companhia Ferroviária São Paulo–Paraná, era bem-visto pelos habitantes pioneiros e era ele quem ajudava, como interlocutor, as pessoas com a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), redigindo uma carta, um requerimento ou até intercedendo por algum enfermo doente no hospital instalado pela companhia. E fazia isso sem qualquer remuneração. Era um tempo em que os moradores do pequeno povoado sentiam-se como familiares uns dos outros, afinal, eram as pessoas com as quais conviviam e que enfrentavam juntos os desafios.

Diz o relato do jornalista Humberto Puiggari Coutinho que a população aclamou Carlos de Almeida como candidato ao posto de prefeito. Sugestões foram feitas ao interventor Manoel Ribas, inclusive endossadas pelos diretores da CTNP. Quando veio o decreto com o nome de Joaquim Vicente de Castro, as pessoas ficaram surpresas e decepcionadas, não por despreço ao nome indicado, apesar de desconhecido, mas, sobretudo, por acreditarem que alguém “da família” pudesse assumir o cargo.

De toda maneira, Londrina avançava no progresso. A essa altura, os diretores da CTNP já haviam se mudado para o município. De modo especial, a partir de 1935, quando a chamada Casa Sete foi transferida de Cornélio Procópio para Londrina, após o término da construção da estrada de ferro. Em Cornélio, a Casa Sete era a residência dos ingleses solteiros e tinha esse nome porque era a sétima casa construída para a administração da colonização. Depois de desmontada em Cornélio, foi montada em Londrina nos fundos da residência do diretor-gerente da Companhia de Terras Norte do Paraná, Arthur Thomas. A casa de Arthur Thomas estava localizada na hoje Avenida São Paulo, onde foi construído o moderno Hotel São Jorge, que posteriormente se transformou no Hotel Sahão.

Dos fundos da casa era possível avistar a mata virgem, repleta de árvores altas, cujo crepúsculo se escondia por trás do horizonte verde. Pela Casa Sete, já em Londrina, passaram ilustres moradores, entre eles George Craig Smith, Dino Schneider, Luiz Estrella e Eugênio Larionoff, todos funcionários da CTNP e empenhados no progresso da clareira que se abria cada vez mais e cuja mata dava lugar às primeiras casas de madeira. Mais tarde, passaram também pela residência outros nomes importantes como o próprio Carlos de Almeida, que quase se transformou no primeiro prefeito, além de Caetano Otranto, Amadeo Boggio, Elias Tarran, Guilherme Pires, entre outros.

Da Casa Sete, nos fundos da casa de Arthur Thomas, surgiram grandes nomes do pioneirismo londrinense, assim como grandes projetos que permanecem na vida urbana até hoje. Foi da varanda daquela casa que nasceu a ideia da Avenida Higienópolis: George Craig Smith e Eugênio Larionoff desenharam esse plano urbanístico num espigão de mata virgem em uma parte alta da cidade. Os amigos convenceram o diretor da CTNP, Arthur Thomas, a implantar o projeto. O diretor-gerente da empresa estava resistente, considerando a avenida muito larga para a época. Mas cedeu à insistência dos pioneiros. Mais que isso, o próprio Eugênio deu o nome à avenida e construiu a primeira casa na primeira quadra, além de financiar o plantio de árvores nas quadras abertas, tamanha era a crença no projeto. Deu no que deu e, hoje, a Avenida Higienópolis é das mais importantes de Londrina, tendo sido também o ponto de encontro de jovens, o local do “footing”, isto é, um lugar onde se passeia em busca de um romance.

A Casa Sete testemunhou ainda diversas festas e banquetes, às vezes um smoking ou outro, até mesmo a criação do primeiro clube social de Londrina, criado pelos moradores da residência. Dali saíram Luiz Estrella, como um dos primeiros vereadores do município, e o próprio Eugênio Larionoff, que construiu e arrendou o primeiro hotel da cidade de Rolândia, o Hotel Rolândia. Ainda assim, o desenvolvimento de Londrina dependia de fatores externos, que não eram responsabilidade de seus moradores, dos pioneiros e nem mesmo da CTNP. Uma delas era a construção da ponte rodoviária sobre o Rio Tibagi.

A travessia pelo rio, feita inicialmente com canoas e mulas pela caravana da CTNP, já ganhara uma ponte para o trem totalmente de madeira, iniciada em 1934 e inaugurada em 1935. Centenas de trabalhadores e voluntários, a maioria formada por moradores locais com amplo interesse na obra, juntaram-se na construção, auxiliados por embarcações. Mesmo assim, uma das primeiras grandes obras de infraestrutura da região ainda era insuficiente para atender o sempre crescente fluxo de imigrantes entre as cidades de Londrina e Jataí. Grande parte da travessia ainda era feita por balsa, o que ocasionava demora na espera e alongava a viagem. Afinal, viajar à capital Curitiba passava obrigatoriamente pela travessia do rio, já que o único caminho era pela Estrada do Cerne.

E a decisão de construir a ponte veio num desses momentos em que o tráfego estava complicado, justamente numa situação acontecida com quem tinha o poder de mandar construí-la: o interventor



A travessia sobre o Rio Tibagi, entre Jataí e Londrina, era feita por balsa

ACERVO Museu Histórico de Londrina

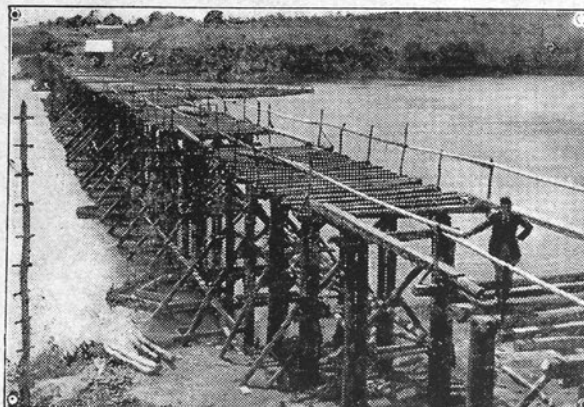
Manoel Ribas, o mesmo que havia decretado a elevação de Londrina a município. Manoel Ribas foi interventor do Paraná em diferentes ocasiões. Primeiramente, de 1932 a 1934, quando decretou a criação do município. Depois, foi governador entre 1935 e 1937. E, em seguida, novamente interventor, entre 1937 e 1945. E foi nesse momento que se deu a construção da nova ponte.

Manoel Ribas era amigo pessoal de Arthur Thomas. E quando estava em Londrina, encontrava-se com o diretor-gerente da Companhia de Terras Norte do Paraná, ocasiões em que conversavam sobre o futuro da cidade, que já se destacava no que foi chamado por ele como Norte Novo. Ao mesmo tempo, a necessidade de se construir uma ponte à altura do fluxo e da necessidade da interligação entre o sertão paranaense e o restante do estado, por meio da capital, assim como ao interior paulista, era assunto que rodeava as conversas das rodas sociais londrinenses. Inclusive dos que visitavam o então Palácio São Francisco, sede do governo estadual. A construção da ponte também era uma demanda da Associação Comercial de Londrina (ACL), que necessitava escoar a safra e a madeira da região.

Numa dessas vindas a Londrina, Manoel Ribas foi convidado para diversas homenagens, entre elas um banquete e um baile em um salão onde mais tarde funcionou o Cine Brasília. O convite partiu do então prefeito, Miguel Blasi, que esteve à frente do município entre 1941 e 1943, além de Carlos de Almeida e de Humberto Puiggari Coutinho. O bom humor reinou durante o banquete e o baile, Manoel Ribas conversou com muitos interlocutores e até se arriscou a dançar com uma dama. Depois de finalizados os acordes musicais, Manoel Ribas se viu rodeado por damas e cavalheiros, um dos quais o interpelou cobrando a construção da nova ponte rodoviária sobre o Rio Tibagi.

Despistando a conversa, Manoel Ribas disse que não poderia dar certeza, que era preciso consultar os secretários de Fazenda e o de Viação e Obras Públicas. Os interlocutores argumentaram, mas Manoel Ribas levantou-se dizendo que precisava ir dormir, que o “deixassem em paz com as lamúrias de ponte”. Essa foi a deixa para recolher-se à casa do amigo Arthur Thomas, onde estava hospedado. No dia seguinte, logo cedo, interventor fez as malas e partiu para Curitiba, conduzido por um motorista em um carro oficial.

# LONDRINA, TERRA DA PROMISSÃO



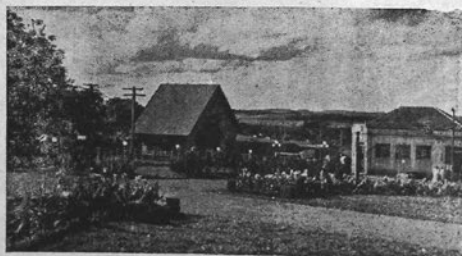
Início de ponte sobre o Tibagy. A engenharia e a técnica já auxiliavam a zona.

Predios de tijolos, cimento, e concreto, vão substituindo as construções de madeira.



TRECHO DA RUA TUPI

Jardim, vendo-se o predio em que provisoriamente funciona o Banco do Brasil e uma residencia particular.



Matéria de revista sobre o início da construção da ponte sobre o Rio Tibagi

ACERVO Museu Histórico de Londrina

Entretanto, não imaginava a surpresa que o destino lhe reservara. Ao chegarem próximo ao Rio Tibagi, o motorista teve de parar o veículo em uma fila de carros e caminhões esperando a travessia, grande parte feita àquela época por uma balsa a motor, presa numa forte cadeia de aço, por onde passavam automóveis, caminhões de carga e até carroças. A balsa era pequena e a aglomeração era inevitável. Ainda mais porque a pequena ponte de madeira, construída anos antes para o trem, não dava conta do alto fluxo nem tampouco do volume de carga da travessia.

Impaciente e com pressa, Manoel Ribas pediu ao motorista que fosse verificar o que acontecera. De fato, seria impossível que lhe dessem passagem porque havia rompido o cabo de aço por onde corria a carretilha que se prendia à balsa. Tudo estava paralisado, aguardando o término do conserto. Alguns motoristas de caminhão, sem perceber a placa oficial, pediam paciência ao passageiro. Outros, desferiam impropérios e blasfêmias contra o governo, que seria o culpado por aquele atraso. Até que perceberam que se tratava do interventor Manoel Ribas.

Quando se deram conta, assumiram um ar de respeito, mas sem perder a chance de cobrar a construção da ponte. Um gritou: “Pois ele que mande fazer a ponte, a fim de evitar as barbaridades que está ouvindo”. De 1º de fevereiro de 1942, quando esse fato pitoresco aconteceu, até a construção da ponte, foram quatro anos. Em 11 de abril, o interventor Manoel Ribas enviou telegrama ao prefeito de Londrina, Miguel Blasi, e ao presidente da Associação Comercial de Londrina, David Dequech, comunicando que as obras seriam iniciadas. A ponte de concreto foi concluída em 1946 e potencializou o rápido desenvolvimento de Londrina.

Naquele tempo, apesar do progresso, as pessoas ainda conviviam umas com as outras, sem distinção entre trabalhadores e autoridades. Todos eram pioneiros. Da mesma maneira que era possível encontrar-se com seus vizinhos, vindos de tantas partes do Brasil, era possível encontrar-se com os diretores da CTNP ou, até mesmo, com o prefeito e o interventor Manoel Ribas, como foi o caso do banquete e do baile oferecidos ao governador. Assim, Omeletino Benato se lembra da primeira vez que viu Arthur Thomas, até então o poderoso diretor-gerente da Companhia de Terras Norte do Paraná.



A sede da CTNP ficava na Avenida Paraná

ACERVO Museu Histórico de Londrina

Era 1936, a família Benato havia recém-chegado à cidade. Omeletino foi com o pai até a sede da CTNP, que ficava na Avenida Paraná, quando viu de longe um senhor distinto. Omeletino não sabia quem era, mas gravou o rosto em sua memória. Depois, perguntou ao pai, que lhe respondeu: era Mister Thomas. Afinal, todos lhe chamavam pela alcunha inglesa de senhor, já que ele tinha origem escocesa. O tempo foi passando e Omeletino foi crescendo. Em 1938, ainda criança com



A quadra de tênis era um dos locais favoritos dos ingleses para passar o tempo

ACERVO Museu Histórico de Londrina

quase dez anos de idade, gostava de assistir os ingleses e outros pioneiros jogarem tênis numa quadra que havia num terreno onde hoje está construída a Biblioteca Pública de Londrina.

Aos sábados à tarde, aos domingos ou aos feriados, Omeletino ia para o gramado na beira da quadra assistir aos jogos. Era perto de sua casa. Observava dois meninos correndo de um lado para o outro pegando as bolas e, assim, sentia-se extasiado. Até que, um dia, num sábado, um dos meninos faltou. E um dos jogadores foi até o portãozinho próximo de onde Omeletino estava sentado e perguntou se ele sabia pegar as bolas de tênis. Contente, Omeletino disse que sabia, muito embora nunca tivesse feito aquilo e não tinha certeza se realmente sabia. Alegre, entrou para a quadra e, em dez minutos, aprendeu a “profissão”.

No dia seguinte, um domingo, Omeletino voltou à quadra e levou um de seus irmãos mais novos, que também entrou para a quadra pegar as bolas de tênis. Entre os jogadores, estavam Arthur Thomas e sua esposa, Elizabeth Shirlaw Muir. Noutro dia, próximo ao bosque, o engenheiro da CTNP Ernesto Rosenberg encontrou Omeletino e perguntou se o garoto tinha ido receber. Sem entender, Omeletino perguntou o que deveria receber. E Rosenberg disse que era o ordenado pelo trabalho de ter buscado as bolas de tênis durante o jogo do fim de semana.

Rosenberg levou Omeletino e o irmão à sede da CTNP. Lá, orientou um alto funcionário a pagar o ordenado dos meninos, que adentraram ao escritório onde nem sabiam que era proibido entrar. Omeletino recebeu a quantia de 22 mil réis e o irmão, 20 mil réis, além de um quilo de carne suína. Assinaram um recibo e, com a fortuna nas mãos, foram para casa. Quando a mãe dos garotos viu, desconfiou. Onde eles tinham arrumado tanto dinheiro? No dia seguinte, o pai levou os filhos até a sede da CTNP, para confirmar se era verdade. E confirmou. Omeletino mal sabia que, de gandula no tênis, tornar-se-ia sócio de Arthur Thomas.



Arthur Thomas, diretor gerente da CTNP, trabalhando em seu escritório

ACERVO Museu Histórico de Londrina

## **Mr. Thomas**

Sem dúvida alguma, não fosse Arthur Thomas, Londrina teria tomado outro rumo. Não fosse o escocês que aceitou a ideia de vir colonizar o Norte do Paraná, talvez este livro não estivesse sendo escrito, nem esta história sendo contada. Tanto que, a despeito da hierarquia política constituída, com prefeito e vereadores, o homem forte de Londrina era o diretor-gerente da Companhia de Terras Norte do Paraná, Arthur Thomas. Não apenas porque a empresa detinha a maior parte dos terrenos da cidade até os domínios da CTNP, afinal, ela é quem os tinha comprado do governo e vendia aos pioneiros, mas, sobretudo, porque era a companhia quem monopolizava o planejamento urbano.

Ao mesmo tempo, Arthur Thomas conseguia entender que a Companhia de Terras Norte do Paraná era uma empresa que precisava dar lucro, apesar de que fosse às custas do progresso e do desenvolvimento da população. Por isso, os terrenos eram vendidos a preços acessíveis, com pagamentos em prazos largos. A casa onde Omeletino morava com a irmã, foi comprada assim. A família morava numa pequena casa de madeira na esquina das ruas Minas Gerais com Piauí, que já estava ficando pequena. Até que, em 1939, o pai de Omeletino foi até a sede da CTNP para verificar se havia algum terreno para ser comprado.

Arthur Thomas ouviu a conversa e perguntou ao corretor sobre o terreno das antas. A data à qual se referia o diretor-gerente da CTNP era um terreno duplo, na própria Rua Minas Gerais, próximo onde estava sendo construída a Santa Casa de Londrina. Vazio, o terreno era ocupado por umas antas do Major Achilles Pimpão, um delegado que impunha ordem na cidade e tinha o hobby de criar os animais. O corretor disse que um rapaz havia reservado as duas datas para comprar, mas não havia aparecido para concretizar o negócio. Arthur Thomas disse, então, para vendê-la ao Benato. O pai de Omeletino argumentou que não tinha dinheiro para pagar o terreno. Arthur Thomas virou-se para ele e perguntou se ele conseguiria quitar a dívida em dois ou três anos. E assim foi. A casa começou a ser construída, ficou pronta dali uns dois anos e sobreviveu ao tempo, chegando aos 90 anos de Londrina. Dentro dela, um baú de memórias chamado Omeletino Benato.

Não muito distante dali, a CTNP doou um terreno de 24 lotes, totalizando 12.075 metros quadrados,



A CTNP doou um terreno de 24 lotes totalizando 12.075 metros quadrados para a construção da Santa Casa de Londrina  
**ACERVO** Museu Histórico de Londrina

uma quadra inteira, para a construção da Santa Casa de Londrina. Arthur Thomas, como diretor-gerente da empresa, tinha uma preocupação enfática de que os imigrantes que aportassem em Londrina tivessem não apenas condições de comprar terras para construir ou plantar, mas, também, encontrassem todo o apoio de uma infraestrutura mínima como educação, saúde, transporte. Na visão do escocês, era preciso promover o desenvolvimento sem se esquecer das necessidades da população. Tanto que o terreno para a construção da primeira escola pública de Londrina, o Grupo Escolar Londrina, que se transformou em Grupo Escolar Hugo Simas, construído em 1937, foi uma doação feita pela Companhia de Terras Norte do Paraná.

Dessa maneira, entender a figura de Arthur Thomas é imprescindível para compreender o que Londrina é hoje. O escocês foi escolhido por Lord Lovat não simplesmente porque apenas era um bom líder e administrador, mas porque tinha uma capacidade indiscutível de organização e de negociação. Não à toa foi o responsável por negociar e comprar os lotes da CTNP em toda a extensão dos 515 mil alqueires. Arthur Thomas diria sempre que a visão do desenvolvimento do Norte do Paraná era de Lord Lovat. Mas, sem dúvidas, foi Arthur Thomas quem viabilizou na prática essa visão.

A atuação de Arthur Thomas foi fundamental também para a criação da Santa Casa de Londrina. Em 1936, quando Londrina tinha apenas um ano e um mês de fundação, política e juridicamente, o pequeno hospital de campanha da Companhia de Terras Norte do Paraná, construído em madeira para atender os primeiros pioneiros, imigrantes e trabalhadores, já não dava conta da demanda. Além do que, os primeiros anos do município assistiram a um surto de febre amarela silvestre. Então, um grupo procurou Arthur Thomas para propor a criação de um hospital que atendesse às demandas da cidade. Estavam nesse grupo Joaquim Petrole, professor de datilografia, Honório Martins Ribeiro, vereador, e o jornalista Humberto Puiggari Coutinho, dono do jornal Paraná Norte, então único veículo de comunicação da cidade. É que Humberto já era um velho conhecido e amigo de Arthur Thomas, que os recebeu com entusiasmo na sede da CTNP.

A proposta veio exatamente ao encontro da visão de planejamento para Londrina que Arthur Thomas queria colocar em prática, ou seja, dotar a cidade de equipamentos de infraestruturas que, além de atender à população, também pudessem ser um instrumento de propaganda, para atrair novos

**Paraná-Norte**

ANNO III | LONDRINA, 13 de Dezembro de 1936 | NUM. 114

**DR. JOÃO FIGUEIREDO**  
Médico  
Clínica de adultos e crianças — Paraná  
Atende crianças para São Paulo  
Londrina  
Correio Paulistano  
Anúncios e inserções — Nesta relação

**COMPANHIA DE TERRAS NORTE DO PARANÁ**

Vendas a preços módicos e com facilidades nos pagamentos, das melhores terras do Norte do Paraná, situadas em ótimo clima e onde a água é abundante, em virtude da enorme quantidade de correços, arroios e regatos que banham a região :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: ::

**Magníficas terras roxas próprias para café**

Nas terras da Companhia, além do **Café**, devido a exuberância da riqueza do solo, o lavrador que semeia, obtém compensadoras e fartas colheitas de:

**Algodão — milho — feijão — batatas — arroz — etc.**

As árvores frutíferas prosperam e produzem de forma extraordinária. :: ::

**Estrada de ferro — Excelente rede de perfeitas estradas de rodagem.** : : : : : : :

Serviço completo de omnibus e jardineiras, ligando entre si as futuras cidades de Londrina, Nova Dantzig, Rolândia e Arapongas. :: :: :: :: :: :: :: ::

**Não ha saúvas**

Peçam informações aos agentes locais ou directamente á

**COMPANHIA DE TERRAS NORTE DO PARANÁ**

<p><b>Séde</b> <b>LONDRINA</b> Estrada de Ferro São Paulo-Paraná Estado do Paraná</p>	<p><b>Agencia Principal</b> Caixa postal, 2.771 Rua 3 de Dezembro N. 48 São Paulo</p>
---	---

**Agentes em toda parte — Informações detalhadas, sem compromisso.**

Typ. Oliveira — Londrina — Est. do Paraná

Além dos anúncios de propaganda do Norte do Paraná, CTNP apostou na fundação de um hospital para atrair imigrantes

ACERVO Museu Histórico de Londrina

compradores de lotes. Arthur Thomas compartilhou a ideia com o médico do hospital da companhia, João Figueiredo, além do juiz de paz e vereador João Wanderley e de Carlos de Almeida, o funcionário da Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná que quase havia sido o prefeito. A notícia foi publicada no Paraná Norte no dia 16 de fevereiro de 1936.

Estava acertada a decisão de fundar um hospital em Londrina, uma sociedade beneficente, uma casa de caridade. E convocaram a população para uma reunião no dia 29 de fevereiro, às 20h, no Paço Municipal, onde já seria eleita a diretoria provisória, que se encarregaria dos trabalhos preliminares, desde a constituição da sociedade até a elaboração dos estatutos. A reunião acabou sendo realizada no dia 1º de março, quando 28 pessoas compareceram no salão nobre do Paço Municipal, à época, uma casinha de madeira na Rua Maranhão esquina com a Rua Mato Grosso.

Arthur Thomas foi escolhido como presidente da comissão provisória, por sugestão do amigo Humberto Puiggari Coutinho. Para se tornar sócio fundador, estabeleceu-se que cada um fizesse um pagamento de 20 mil réis. E já na primeira reunião, o diretor-gerente da CTNP anunciou que a empresa doaria o terreno equivalente a 24 lotes, com mais de 12 mil metros quadrados, para a construção do hospital. Contudo, havia uma preocupação entre médicos da cidade, que acabou retardando o avanço dos trabalhos e, conseqüentemente, das obras. E isso foi determinante para o modelo jurídico escolhido para o novo hospital.

É que os médicos temiam que a Santa Casa ficasse sob jurisdição da CTNP, tal qual era o hospital da campanha, que tinha seu próprio corpo médico e não permitia que outros profissionais o utilizassem para internar seus pacientes. Diante desse impasse, a partir de um debate acalorado, Arthur Thomas sugeriu o modelo jurídico de uma Santa Casa de Misericórdia, recomendando que se pedissem aos mesmos tipos de hospitais de Curitiba, Botucatu e Jacarezinho os estatutos para serem replicados. Não foi o único motivo que fez com que o projeto fosse se arrastando ao longo de quase dez anos.

Nesse meio tempo, a cidade pleiteou a construção de uma nova cadeia, já que a existente era um pequeno cômodo de madeira que não mais atendia as necessidades da população. Além disso, a prefeitura precisou dispensar atenção ao Hospitalzinho dos Indigentes, surgido em 1937 e mantido com doações de bailes beneficentes. É fato também que uma viagem prolongada de Arthur Thomas à Inglaterra ajudou a esfriar os ânimos da primeira assembleia, pois ele era o presidente da comissão. Entretanto, não faltaram mobilizações para arrecadar fundos: rifas, tómbolas, campanhas e doações de empresas. Até mesmo a Empresa de Transportes Garcia & Garcia, dos sócios Celso Garcia Cid e José Garcia Villar, doou cinquenta metros cúbicos de areia para a obra.

A grande dificuldade estava, mesmo, em arrecadar verbas com a prefeitura ou com o governo estadual. Mas as campanhas deram certo e, no dia 10 de março de 1940, foi lançada a pedra fundamental. Em 13 de agosto do mesmo ano, começaram as obras. A comissão provisória deu lugar à nova diretoria, empossada no dia 15 de setembro de 1940: Arthur Thomas e Willie Davids foram escolhidos como presidentes honorários e Antônio Camargo C. Ferraz, o presidente. As campanhas não pararam. O próprio Arthur Thomas lançou a “Campanha das Duas Horas”, incentivando os trabalhadores a doarem dinheiro equivalente a duas horas de trabalho.

Em 1943, no dia 2 de outubro, Arthur Thomas enfim cumpriu a promessa de doar o terreno, assinando as transmissões de posse ao lado do tabelião José de Oliveira Rocha, que lavrou a escritura gratuitamente. A Santa Casa, finalmente, é inaugurada no dia 10 de setembro de 1944. Assim, a visão empreendedora e empresarial de Arthur Thomas se mistura a uma ótica humanista e desenvolvimentista: o pioneiro sabia que fazia parte de um movimento importante de transformação do sertão paranaense em uma referência mundial de desenvolvimento. Tinha orgulho disso. E manifestava pensamentos como esse nas cartas que escrevia para a mãe e para os irmãos.

Nem todo mundo concordava. E Claude Lévi-Strauss era um dos discordantes. Antropólogo, professor, filósofo e sociólogo, reconhecido como o fundador da antropologia estruturalista e um dos grandes intelectuais do século XX, o francês esteve no Brasil pela primeira vez em 1935. Naquela época, no entanto, ele era apenas um estudante que estava observando populações a fim de estabelecer uma não distinção entre nativos e civilizados, buscando uma teoria que contemplasse uma estrutura humana comum capaz de integrar cada sociedade e etnia. Viajando do Centro-Oeste ao Norte do Brasil, o pensador francês veio parar nada menos que em Londrina.

Não se tem notícia se Claude Lévi-Strauss conheceu ou conversou com Arthur Thomas em um mês de permanência na cidade. Mas sua visão do progresso que assistiu na terra vermelha era um pouco diferente do que estavam testemunhando os colonizadores ingleses. Em seu livro “Tristes Trópicos”, o antropólogo assinalou a racionalidade do planejamento urbano, o que era visível e motivo de sucesso da empreitada, mas, ao mesmo tempo, manifestou preocupação com o ritmo acelerado de derrubada da mata nativa e da vegetação.



Comitiva que recebeu o presidente Eurico Gaspar Dutra foi tomar um café na casa de Arthur Thomas

ACERVO Museu Histórico de Londrina



O presidente Dutra visitou as obras do novo prédio da Estação Ferroviária  
ACERVO Museu Histórico de Londrina

Escreveu o autor: “Quando se percorria a região a cavalo ou num caminhão, utilizando as estradas recém-abertas que acompanhavam as cristas dos montes à maneira das vias romanas na Gália, não era possível saber se o país vivia: os lotes alongados apoiavam-se de um lado na estrada e de outro no ribeirão que percorria o vale que ficava ao fundo; mas era embaixo, junto da água, que a instalação tinha começado: a derrubada ia subindo lentamente a encosta, de tal modo que a própria estrada, símbolo da civilização, ficava entalada na densa cobertura florestal que continuaria ainda durante alguns meses ou anos a coroar os cumes das colinas. Ao fundo dos vales, pelo contrário, as primeiras colheitas, sempre fabulosas nessa terra roxa, terra violeta e virgem, saíam entre os troncos das grandes árvores jacentes e das cepas. As chuvas do inverno se encarregariam de decompô-las em húmus fértil que, quase em seguida, elas arrastariam ao longo das ladeiras junto com o que alimentava a selva desaparecida cujas raízes já não estariam para retê-lo. Veremos, dentro de 10, 20 e 30 anos a esta terra de Canaã tomar o aspecto de uma paisagem árida e devastada?” (LÉVI-STRAUSS, 1996, p.115-116).

De fato, Londrina despontava no cenário do progresso e do desenvolvimento. Tanto que era óbvio que o planejamento da cidade havia extrapolado tudo o que os ingleses haviam pensado. Arthur Thomas sabia disso. A cidade chamava a atenção no cenário nacional e, como se sabe, posteriormente, até mesmo virou referência internacional. Tanto que, no dia 16 de fevereiro de 1948, Londrina recebeu um visitante ilustre. O então presidente da República, o general Eurico Gaspar Dutra desembarcou na cidade ao lado do governador Moisés Lupion. Uma multidão de carros aguardava o pouso do avião presidencial na Viação Velha, seguido do pouso de um avião com uma comitiva ministerial da presidência.

De lá, acompanhados pelo prefeito Hugo Cabral, a comitiva foi tomar um café na casa de Arthur Thomas. Nas imagens, assinadas pela Rossi Filme, disponível no acervo da Cinemateca Brasileira, é possível ver o pioneiro escocês, ao lado de uma turma de políticos, militares e autoridades que acompanharam a visita oficial, entre eles Celso Garcia Cid e outras personalidades da época. O café não durou muito porque a agenda do presidente era extensa: foi até o prédio da Câmara Municipal, inaugurou algumas obras públicas e visitou o novo prédio da Estação Ferroviária, que ainda estava em construção, hoje atual Museu Histórico Padre Carlos Weiss.



Então presidente da República, o general Eurico Gaspar Dutra visitou Londrina em 1948

ACERVO Museu Histórico de Londrina

Inegável é o fato de que Arthur Thomas deixou sua marca pela cidade. De que foi um homem importante não apenas por ter sido diretor-gerente da CTNP, mas por ter contribuído de maneira intensa na construção da Londrina que existe hoje. Entretanto, as marcas que o pioneiro escocês deixou estão além dos livros oficiais. Perpassam as vidas das pessoas, das famílias. E ficam registradas nas memórias de quem conviveu com Arthur Thomas.

## Sala de Visitas

Arthur Thomas e sua esposa, Elizabeth Shirlaw Muir, eram considerados a sala de visitas da cidade. Toda autoridade que visitasse Londrina tinha parada obrigatória na casa do escocês, diretor-gerente da Companhia de Terras Norte do Paraná. Não eram apenas autoridades que visitavam a residência. Anos mais tarde, já em 1948, Arthur Thomas recebeu para um almoço o então presidente da National Coffee Association, dos Estados Unidos, George Robbins, que havia vindo a Londrina visitar a zona produtora de café em franco desenvolvimento. Londrina, naquela época, já despontava no cenário internacional com a produção de café.

Essas e outras situações, de certo modo, geraram atritos entre os empresários colonizadores e o poder público, de modo especial com o primeiro prefeito de Londrina, Joaquim Vicente de Castro, indicado pelo interventor Manoel Ribas. Relatos da época dão conta de que Arthur Thomas pediu ao delegado de polícia que ficasse de olho no prefeito. Nada passou de ameaças. Mas isso é anedota. Até porque os relatos também dizem que Mister Thomas era de uma moral irrepreensível.

O certo é que, como um bom escocês, Arthur Thomas não dispensava seu whisky. Após as 17h30, não recebia nem deputado. Fechava-se em seu casarão imponente na Avenida São Paulo esquina da Avenida Paraná para apreciar seu whisky escocês. Algumas histórias indicam que havia alguns litros enterrados na sede do Country Club. Nunca nada foi encontrado. Entretanto, o interventor Manoel Ribas, frequentemente em Londrina, se hospedava na casa do amigo Arthur Thomas. E, claro, apreciava os bons whiskeys com o pioneiro colonizador. Só que Manoel Ribas era hipertenso. E numa dessas ocasiões, acabou passando mal e sofrendo uma crise de pressão alta.

Então, pediu providência ao ajudante de ordens Achilles Pimpão, que logo avisou que em Londrina tinha um médico muito bom, conhecido carinhosamente como Doutor Preto. Manoel Ribas teria esbravejado que não estava perguntando a cor do médico, mas pedindo a presença de um. E logo o médico foi chamado. Era Justiniano Clímaco da Silva, baiano de Santo Amaro da Purificação, que foi até a casa de Arthur Thomas dar assistência ao interventor. Logo recuperado, o interventor convidou o médico para almoçar na casa do escocês. Todavia, Justiniano Clímaco nunca havia provado um gole

de whisky. Mesmo assim, tomou pelo menos três doses, causando espanto nos convivas e no próprio interventor. A relação entre médico e paciente se estreitou de tal modo que Justiniano Clímaco se tornaria o primeiro deputado estadual por Londrina, eleito em 1947, convidado pelo interventor a se candidatar pelo Partido Social Democrata (PSD).

Outras figuras importantes e pioneiras que frequentaram a intimidade da vida de Arthur Thomas foram Alcides de Mello e um Chevrolet De Luxe. Ambos são de 1938. O veículo, fabricado naquele ano. E o motorista, ingressado na Companhia de Terras Norte do Paraná no dia 1º de abril de 1938. Em 11 anos, Alcides rodou 65 mil quilômetros com o Chevrolet De Luxe 1938, na maioria das vezes carregando Arthur Thomas. Noutras, era Willie Davids, também diretor da CTNP. Movido a gasogênio, o veículo rodou grande parte da extensão da área comprada pela companhia. Diariamente, Alcides se apresentava na casa de Arthur Thomas às 9h. De lá, poderiam ir a alguma nova cidade sendo fundada pela colonização da companhia. Ou poderiam ir a São Paulo ou Curitiba, resolver alguma coisa que se fazia necessário.

Quem também era transportada por Alcides no Chevrolet eram as esposas de Thomas e Davids, respectivamente, Elizabeth e Carlota. As duas trabalhavam arduamente em ações beneficentes e rodavam a zona rural de Londrina recolhendo doações de frangos, cabritos e leitões para as quermesses e leilões. Alcides permaneceu na CTNP até Arthur Thomas se aposentar, em 1949. Contudo, a amizade e o trabalho continuaram porque o motorista acompanhou o patrão na Fazenda Primavera, que o escocês havia comprado na região norte de Londrina. Era homem de confiança do pioneiro e foi alçado ao cargo de administrador da fazenda, podendo, inclusive, vender a colheita de café, autorizar embarques ferroviários ou rodoviários. A Fazenda Primavera foi o local que Arthur Thomas escolheu morar após se aposentar dos trabalhos na CTNP. O escocês poderia ter escolhido morar em qualquer outro lugar do mundo, mas preferiu a terra vermelha que ajudou a desbravar décadas antes. Na Fazenda Primavera, moravam Arthur Thomas, a esposa Elizabeth e o único filho do casal, Hugh Thomas.

Tamanha era a amizade do antigo motorista com a família Thomas que, certa feita, o próprio Alcides carregou Hugh no colo, ainda criança, numa dessas andanças do escocês por aí. O escocês e a esposa

costumavam voltar de São Paulo em um trem especial da Sorocabana, até Ourinhos. Então, Alcides ia buscar o casal com o filho de Chevrolet. Nessa época, a travessia do Rio Tibagi ainda era feita por balsa. E choveu muito naquele dia. Era de noite e o jeito foi atravessar a ponte ferroviária. Alcides teve de carregar Hugh no colo, através da ponte ferroviária, porque a correnteza havia arrancado a balsa do cabo de segurança, impedindo a travessia de automóveis. Arthur Thomas, Elizabeth e Alcides carregando Hugh atravessaram iluminados pela luz de um lampião Petromax emprestado do Hotel Manfrinato, em Jataí. Uma travessia perigosa. Do outro lado, o engenheiro Ernesto Rosemberg os esperava de carro. Coincidentemente, décadas mais tarde, já em 1998, Alcides e Hugh se tornaram vizinhos, morando no mesmo prédio, no centro de Londrina.

Entretanto, já na Fazenda Primavera, Alcides de Mello morou ao lado dos patrões. A fazenda havia sido comprada inicialmente por Alexandre Beltrão, considerado o fundador de Ibiporã, irmão do engenheiro Francisco Beltrão e que estruturou o núcleo urbano e desenhou o traçado da cidade em uma faixa de terras que ficava entre o Rio Tibagi e a área pertencente à CTNP. A fazenda tinha 100 alqueires, mas quando Arthur Thomas a comprou, acrescentou ainda mais 30 alqueires de terras compradas dos sitiantes em volta. Anos mais tarde, a fazenda foi vendida a Alcides Vezozzo.

Quando Alcides de Mello foi morar na Fazenda Primavera, não havia ainda energia elétrica no local, o que só chegaria em 1950 por meio de geradores. Muitos bichos rondavam, inclusive cobras capturadas e destinadas ao Instituto Butantã, que, em troca, enviava soros antiofídicos. Foi Elizabeth quem pediu que derrubassem apenas as árvores necessárias à construção da sede, mantendo o bosque em volta da casa. E por falar em energia elétrica, Arthur Thomas testemunhou a chegada da luz elétrica em Londrina, nos primeiros anos do município, ainda por geradores.

Antes da primeira usina elétrica entrar em funcionamento em Londrina, a luz era fornecida através de geradores. Um deles estava instalado na Serraria Siam. Certo dia o motorista Alcides de Mello embarcou no Chevrolet com Arthur Thomas, além de Willie Davids e Gastão de Mesquita Filho. O destino era um espigão na Warta, rumo a Bela Vista do Paraíso. De lá era possível enxergar a clareira aberta na mata, chamada de Londrina. Até que, precisamente às 20h, a Serraria Siam aciona o gerador e a luz se acende em Londrina, que já tinha alguns postes instalados na Rua Maranhão



Serraria Siam, onde estavam instalados os primeiros geradores de energia elétrica de Londrina

ACERVO Museu Histórico de Londrina

Londrina, a cidade que tem progredido de maneira assombrosa, fruto da orientação magnífica que lhe imprimiu a Cia. de Terras Norte do Paraná, tem em si um pouco de tudo o que representa os esforços de uma população nobre e destemida. Com um pouco mais de uma década de existência, a cidade mais futura do Estado do Paraná, conta com inúmeras agremiações comerciais, industriais, culturais, sociais e desportivas.

Dentre estas últimas é que queremos salientar o ESPORTE CLUBE RECREATIVO OPERARIO. Fundado pelo seu atual Presidente, sr. Jacob Bartolomeu Minatti, jovem industrial, que tem sido secundado em seus esforços pelos demais componentes da Diretoria, esse clube acaba de dotar Londrina de um excelente melhoramento no campo dos esportes: um estádio, o primeiro construído no norte do Paraná.

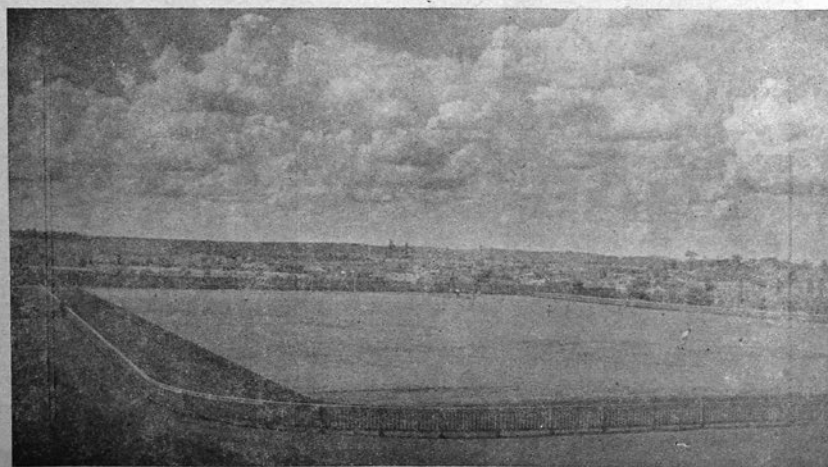
Contando com o mais distinguido apoio por parte da laboriosa população londrinense, pôde o E. C. R. O. dar por quasi concluída a sua quadra esportiva.

Num gesto de simpatia, deu à mesma a designação de Estádio «Cap. Aquiles Pimpão Ferreira», nome do ilustre militar paranaense que, ao início dos trabalhos da construção, estava à frente do município de Londrina. O E. C. R. O. ora se orgulha em homenagear nestas páginas o seu amigo e patrono.

Homenageia também, com a mais sincera satisfação, o vulto simpático e dinâmico do sr. Arthur Thomas, que à frente da Cia. de Terras Norte do Paraná, tudo tem feito para incentivar em Londrina as iniciativas que visam elevar e melhorar o seu ambiente de cidade-nova.

Uma das provas evidentes do que afirmamos, é a doação que, num gesto belíssimo, fez ao Esporte Clube Recreativo Operário, do terreno onde ora se situa o novel estádio.

Benemerito dos desportos de Londrina, o sr. Arthur Thomas é hoje o Presidente de Honra do Esporte Clube.



Um aspecto geral do Ginásio do Estádio Cap. Aquiles Pimpão Ferreira, em construção

Reportagem mostra construção do primeiro estádio de Londrina em terreno doado por Arthur Thomas

ACERVO Museu Histórico de Londrina

e na Avenida Paraná, num trecho entre o Banco Mercantil e as Casas Pernambucanas. De onde os pioneiros estavam, era possível avistar os postes como se fossem um colar de pérolas.

No horizonte, também se desenhava a cidade, que rapidamente ganhava casas e mais casas de madeira, ruas e mais ruas, comércios e mais comércios. Logo nos primeiros anos, Londrina ganhou um estádio de futebol, considerado o primeiro do Norte do Paraná: o atual Estádio Municipal Vitorino Gonçalves Dias. E graças à Companhia de Terras Norte do Paraná foi possível sua construção. Ou melhor, o grande responsável foi Arthur Thomas. No início dos anos 1940, os times de várzea jogavam no campinho da família Mortari, dona de uma serraria e de uma cerâmica, utilizado pelos funcionários para disputarem partidas de futebol. Entre os times amadores estava o Esporte Clube Recreativo Operário da Vila Nova, criado por Jacob Bartholomeu Minatti, que também foi, mais tarde, um dos fundadores do Londrina Esporte Clube (LEC).

Minatti era um industrial bem-sucedido. Chegou a Londrina em 17 de janeiro de 1931 e fundou, em 1933, a Oficina de Foices Minatti, que era basicamente uma fábrica de enxadas, enxadões, foices, chapas de aço, marretas e materiais que servissem para construir casas de madeira. Em 1944, bateu à porta do então prefeito, o capitão Achilles Pimpão, pedindo a doação de um terreno. Os dois eram compadres e, por fim, Minatti conseguiu a doação de um terreno, ao lado da serraria e cerâmica Mortari, com Arthur Thomas, diretor-gerente da CTNP. Mesmo assim, foi Minatti quem acabou tocando a obra. A prefeitura ajudou, de certo modo.

A prefeitura construiu a primeira arquibancada do novo estádio municipal. E, então, o espaço foi batizado com o nome do prefeito, compadre do construtor. Minatti usava carros de boi para retirar a terra do terreno enquanto o prefeito Achilles Pimpão, que também havia sido o delegado mais durão que Londrina conhecera, colocava os presos para trabalharem na obra, de graça. Pela doação do terreno, Arthur Thomas foi escolhido como presidente de honra do Esporte Clube Recreativo Operário da Vila Nova. Com o passar do tempo, o estádio passou para a administração da prefeitura. Em 1951, o município comprou o estádio e trocou o nome para Vitorino Gonçalves Dias, que foi um professor de educação física responsável pelo desenvolvimento do esporte londrinense, principalmente em escolas como o Colégio Londrinense e o Colégio Estadual Vicente Rijo.

1964

## HIGIENÓPOLIS OU ARTHUR THOMAS?

O leitor já imaginou a Avenida Higienópolis, uma das mais tradicionais da cidade e que acabou virando um centro comercial, de repente batizada com um novo nome? Isso mesmo, a Avenida Higienópolis, cuja primeira denominação – oficial – foi “Alto dos Papagaios”, local preferido pelos londrinos da época para um bom descanso à sombra de suas árvores, povoadas de araras e outros pássaros, poderia chamar-se hoje avenida Arthur Thomas.

Tudo começou com a entrada na Câmara do projeto de lei 148/64, denominando a Avenida Higienópolis de Avenida Arthur Thomas e que durante a tramitação colecionou um calhamaço de pareceres contrários e favoráveis, principalmente de entidades de classes e órgãos representativos da comunidade. Embora aprovado em primeiro turno, o projeto acabou rejeitado em 25 de março de 1965.

### Violentava costumes

“Neste episódio a FOLHA não fez propriamente uma campanha, mas encampou a opinião popular, que não queria a mudança em hipótese alguma” – lembra o jornalista Estélio Feldman, que se incumbiu da tarefa de dissuadir a Prefeitura de proceder à mudança, escrevendo notas no jornal.

“A Higienópolis era uma das nossas avenidas mais tradicionais e seu nome já estava incorporado à cidade. Entendíamos e ponderávamos que a homenagem que se queria prestar ao pioneiro Arthur Thomas era muito justa, mas essa mudança iria violentar os costumes da comunidade” – evoca o jornalista.

Sem recorrer a editoriais, o jornal passou a acompanhar o problema, ora transmitindo a opinião de leitores – mesmo favoráveis à mudança, como chegou a ocorrer – ora se posicionando frontalmente contrário. Esse combate ganhou espaço principalmente dentro da coluna “Notas e Comentários”, de Estélio

Feldman. Foram inúmeros os apelos, obedecendo mais ou menos o mesmo teor, como esta interferência, sob o título “Muda ou não muda”:

“Está se esgotando o prazo (30 dias) de retirada de pauta do projeto que altera o nome da Avenida Higienópolis. A matéria deve voltar a plenário, para a segunda e última votação. Certamente, ao retorno, o projeto provocará os mesmos calorosos debates de há mais de um mês. E não há uma previsão sobre o caminho que será seguido pelo Legislativo. Mas, afinal, um mês foi tempo suficiente para que a matéria fosse examinada em todos os aspectos... Os representantes nesta ou outras matérias têm apenas este dever: procurar ir de encontro às aspirações do povo, fonte e razão de ser de todos os poderes”.

### De Ceará a

#### Hugo Cabral

Segundo Estélio Feldman, ao apresentar estes argumentos, a FOLHA não estava trabalhando especificamente em torno da questão da mudança do nome da Higienópolis. Ao mesmo tempo tentava podar uma tendência que ganhava corpo na época, que era a de se destruturar a tradicional nomenclatura adotada pela cidade para designar suas ruas que, até então, vinha se utilizando de nomes de cidades e capitais. Um exemplo disso foi a mudança do nome da atual rua Souza Naves, cuja denominação primeira era Minas Gerais. Também a rua Hugo Cabral antes trazia o nome de um Estado – Ceará – que acabou mudando.

“Morria um pioneiro ou uma autoridade importante a nível nacional, lá vinham as propostas de mudança de nomes de ruas, visando prestar homenagem” – comenta Estélio. O que não se justificava, na opinião da FOLHA, já que Londrina crescia vertiginosamente e essas homenagens poderiam ser prestadas da mesma forma, denominando as novas

avenidas, ruas e logradouros que iam surgindo.

### “Versão demagógica”

O jornal recebeu severas críticas nesses seu empenho em defesa do nome da Higienópolis. Um exemplo disso está no último parágrafo de um artigo de Francisco Pereira de Almeida Jr., datado de 22 de fevereiro de 1965 e veiculado neste jornal:

“Lamentamos apenas que a FOLHA DE LONDRINA, um jornal que João Milanez e Nilton Rinaldi souberam emparelhar com o que há de mais alto em nossa cidade, tenha, por suas colunas mais lidas – “Destques”, “Sociedade”, “Atrás do Toco” –

Em 1966 era este o aspecto da Higienópolis, hoje praticamente tomada pelo comércio

dado versão demagógica, interesseira e ridícula a um dos movimentos céticos mais bonitos desta terra – a perpetuação do nome daquele que, podendo ser como muitos um grande latifundiário, preferiu ser apenas um plantador de cidades, um semeador de sementes, um distribuidor de trabalho”.

A tão propalada mudança do nome da avenida, na época, recebeu, entre outros, parecer favorável do Rotary Clube de Londrina; da Comissão de Justiça da Câmara; do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina; da União Cívica Feminina de Londrina – este organismo, inclusive, trabalhou seis meses para que o nome fosse mudado.

### Opinião contrária

Por outro lado, a proposição contrária à mudança teve também grande número de adeptos, a ponto de cidadãos comuns encaminharem opiniões à Câmara ou cartas a este jornal. Além de representantes populares, muitas entidades também se manifestaram, e o projeto foi rejeitado em segunda discussão, principalmente pela opinião contrária da Comissão de Obras Públicas que argumentou, primeiramente, que a mudança de nomes de ruas estava vedada, de acordo com a Lei 133, de 1951, que tratava do assunto. O segundo argumento da Comissão batia com a opinião que até então a FOLHA vinha defendendo:

“Londrina sendo uma grande cidade, com dezenas de loteamentos surgindo um após outro, e com inúmeras ruas e avenidas a serem designadas, reserva-se-lhe uma prioridade para ser homenageada mercida somente com o nome de Arthur Thomas”.

Efetivamente, alguns anos depois de arquivado o projeto, o pioneiro acabou dando nome a uma avenida, no Jardim Bandeirantes, ligando a avenida Treadwell à Rodovia Celso Garcia Cid.

A Higienópolis, por sua vez, continua impassível com seu ídolo, e mantém a tradição de ser a mais bela avenida de Londrina, a despeito da sua transformação de nobre bairro residencial em um centro que o comércio aos poucos toma conta.

A Avenida Higienópolis quase foi rebatizada para Avenida Arthur Thomas em matéria da Folha de Londrina

ACERVO Museu Histórico de Londrina

Pela sua atuação, Arthur Thomas sempre recebeu honrarias e homenagens, ainda em vida. Quase ganhou uma, em especial, após sua morte. Em 1964, a Câmara de Vereadores apresentou um projeto de lei que tinha por objetivo alterar o nome da Avenida Higienópolis para Avenida Arthur Thomas. Justamente o nome da avenida que havia nascido na varanda da Casa Sete, que ficava bem atrás da casa do escocês. Entre pareceres contrários e favoráveis, a polêmica se encerrou no dia 25 de março de 1965, quando o projeto foi rejeitado pelos vereadores. Contudo, alguns anos depois o pioneiro acabou batizando uma importante avenida no Jardim Bandeirantes, via de ligação entre a Avenida Tiradentes e a Rodovia Celso Garcia Cid, a PR-445. A Lei Municipal Nº 1.154, de 13 de dezembro de 1966, determina que a Avenida Arthur Thomas “começa na Avenida Tiradentes, lado Sul e segue em direção a Sudoeste dividindo os Loteamentos denominados Industrial e Bandeirantes, e termina na margem esquerda do Ribeiro Cambé.”

## Sócio do Chefe

Londrina não tinha nem um ano quando a Chevrolet inaugurou a primeira agência de automóveis da cidade, em 1935. Quatro anos mais tarde, em 1939, o irmão de Omeletino Benato trabalhava nessa agência, quando o tomou pelas mãos e o levou até o chefe, oferecendo-o para trabalhar ali. Imediatamente, o chefe entregou a Omeletino uma vassoura e explicou o que tinha de fazer. Com o passar do tempo, Omeletino foi assumindo outras funções e atividades. Entre elas, abastecer os veículos, limpar os faróis dos carros, lavar os automóveis, colocar água no motor, calibrar os pneus. Entre as vassouras e as peças, Omeletino foi aprendendo a arte de vender. Além do ordenado, os clientes sempre lhe davam alguma gorjeta. Eram gorjetas de 1 mil réis ou 2 mil réis.

Em um determinado momento, o dono da agência vendeu a firma para um grupo que já tinha uma pequena autopeça. Entre os sócios, estavam Jordão Santoro e seu irmão, Darvino, Alexandre e Celso Garcia Cid, também irmãos, além de Gordon Fox Rule, Ângelo Pesarini, Luiz Estrella e, também, Arthur Thomas. De onde funcionava, no alto da Avenida Paraná, onde existiu um coreto e hoje funciona um chafariz, a empresa se mudou para o casarão da Companhia de Terras Norte do Paraná. A empresa passou a se chamar Companhia de Automóveis de Londrina Ltda., mais conhecida posteriormente como Autolon.

Omeletino continuava crescendo no trabalho. Passou a fazer serviços como entregar a correspondência. A década de 1940 era só progresso em Londrina. Ao mesmo tempo em que havia muito trabalho, as pessoas se conheciam e conviviam entre si. Omeletino, às vezes, com seus 15 para 16 anos, ia a pé do centro de Londrina até a Viação Velha, onde hoje está construído um Centro de Eventos e vários condomínios horizontais, para poder dar uma volta de avião com os alunos de pilotagem. Jordão Santoro, um de seus patrões, era diretor do aeroclube, cuja caminhonete vez ou outra ia para o concerto na firma. Então, Omeletino pegou amizade com os alunos do aeroclube e fazia o percurso a pé só para dar uma voltinha aérea pela cidade.

Do centro de Londrina até a Viação Velha são cerca de 8 quilômetros. Eram três correndo, mais 500 metros andando para dar uma descansada e retomar o fôlego. Omeletino fazia o percurso descalço.



Concessionária da General Motors do Brasil S/A

REPRESENTANTE DOS AFAMADOS REFRIGERADORES

**"Frigidaire"**

REPRESENTANTE DOS AUTOMOVEIS E CAMINHÕES

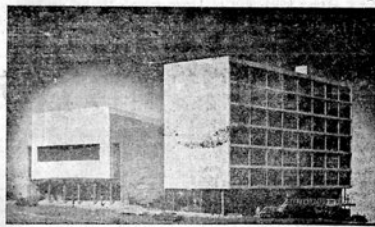
**"Chevrolet"**

Em 1935



A "Chevrolet" inaugurava a primeira agência de automóveis de Londrina

Em 1950



Constrói o primeiro "arranha-céu" de Londrina

Séde atual: - Rua Minas Gerais, 783

Fones, 798 e 799 - End. Telegráfico "AUTOLON"

LONDRINA

A primeira agência da Chevrolet em Londrina foi inaugurada em 1935

ACERVO Museu Histórico de Londrina

Naquele tempo, famílias mais pobres não tinham dinheiro para o sapato. Naquele tempo, nem sempre se usava sapato. Naquele tempo, o percurso era pela estrada de barro ou pela poeira vermelha.

Até que, em fins da década de 1940, com a cidade em franco desenvolvimento, o grupo de sócios decide construir, naquele terreno onde funcionou os primeiros escritórios de madeira da Companhia de Terras Norte do Paraná, um complexo de edifícios que alçaria Londrina ao que havia de mais moderno e vanguardista à época: o Edifício Autolon (1951), que se conectava ao Cine Teatro Ouro Verde (1952) através do Restaurante Calloni (1959). O projeto era assinado pelos arquitetos modernistas paulistas Carlos Cascaldi e João Batista Vilanova Artigas.

Não se pode afirmar, nem se tem registro, de que Arthur Thomas tenha se reunido com Cascaldi e Artigas para discutir o projeto do edifício ou qualquer outro assunto. Até porque, nas lembranças de Omeletino, foi Jordão Santoro quem se encarregou do novo projeto. Durante a construção do Edifício Autolon, iniciada em 1948, Omeletino frequentemente ia até a obra, descia nas fundações que estavam sendo feitas e observava o tamanho daquela engenharia de concreto. Detinha o olhar nas estruturas de ferro concretadas de cimento, que dão a sustentação ao edifício. Gostava de acompanhar. Quando inaugurou o prédio, a empresa Autolon começou a se mudar para o primeiro andar do edifício. Omeletino tinha pouco mais de 20 anos e continuava trabalhando na firma. Foi ele quem ajudou a fazer a mudança, organizando toda a transferência das peças e documentos da agência, que ficava no alto da Avenida Paraná para o novo prédio, novinho e moderno.

Em 1953, a empresa fez uma mudança, ampliando para comércio e importação. E aumentou o capital. Nisso, Omeletino se viu numa situação que jamais imaginara: ganhou ações da companhia junto de seu colega Carlos Manuel, o Tatinho. Omeletino ganhou 50 ações por mérito, enquanto o colega ganhou 100. E, assim, tornaram-se sócios do Autolon. De empregado, Omeletino passou a ser sócio. E isso trouxe-lhe um status inimaginável. Ao lado de Alexandre e Celso Garcia Cid, de Jordão e Darvino Santoro, de Gordon Fox Rule, Ângelo Pesarini, Luiz Estrella e, também, de Arthur Thomas, era um sócio da firma.

De repente, Omeletino e o colega eram convocados para a assembleia dos sócios, pela primeira vez, que funcionava no primeiro andar do Edifício Autolon. Os dois jovens receberam o convite para

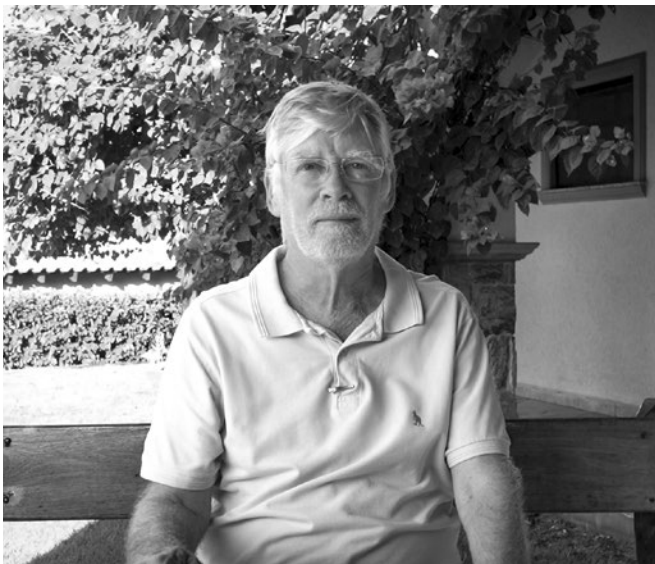
participar de uma reunião com os seus agora ex-patrões. Em pouco tempo, as ações dos dois já haviam se multiplicado de valor. As de Omeletino já estavam valendo uns 500 mil contos. No dia da assembleia, Arthur Thomas olhou para Omeletino e, com o sotaque escocês carregado, disse que estava reconhecendo o jovem.

Do canto da sala onde estava, ainda acanhado pela primeira participação numa assembleia, Omeletino sorriu e disse que era ele quem pegava as bolas de tênis no campo onde ele jogava com os amigos e com a esposa, Elizabeth. Arthur Thomas se recordou e disse, com uma piscadela de relance: “O senhor era nosso empregado e agora é nosso sócio?”. Omeletino agradeceu: “Graças à bondade dos senhores”. E, assim, aquele juvenzinho que testemunhou o pioneirismo londrinense se tornava sócio do grande responsável pelo desenvolvimento da cidade.

Extremamente educado. Assim era Arthur Thomas. Uma tez saudável, um olhar firme e, ao mesmo tempo, sereno. O escocês tinha fama de competente, de bom administrador. Os primeiros habitantes de Londrina sabiam da fama que havia feito nas plantações de algodão do Sudão. Estava sempre bem vestido, mesmo no poeirão da terra vermelha, ora seca, ora barrenta. Vestia um figurino cáqui, sempre formal, com calças compridas e paletó, além de um chapéu, daqueles bem característicos dos ingleses. As botas não podiam faltar, por razões óbvias.

Mas Arthur Thomas não era apenas a figura do pioneiro colonizador, que trouxe ao sertão paranaense o progresso e o desenvolvimento, cheio de prestígio na sociedade e entre a classe política. Arthur Thomas era também a grande figura da família. Dos irmãos, um dos quais foi para o Canadá, outro para a Austrália (nesses dois casos, antigas colônias inglesas) e um que permaneceu na Inglaterra, talvez Arthur Thomas tenha sido o de maior expressão, o que tenha tido uma boa ascensão social, depois de enfrentar os desafios da orfandade prematura.

Frequentemente, escrevia para a mãe, que vivia no Reino Unido. Quase que toda semana. Principalmente antes de chegar ao Brasil, quando ainda estava no Sudão. Hábito que manteve para com o filho, nascido em 1935 e que fora enviado para estudar na Escócia. Até hoje, o neto de Arthur Thomas, Alan Thomas, guarda as correspondências do avô pioneiro, contando como era recebido pelos amigos de Londrina quando voltava.



Alan Thomas, neto de Artur Thomas

**FOTO** Luciano Schmeiske Pascoal

Arthur Thomas tinha esse prestígio porque, de fato, era um desbravador. Não era apenas um burocrata de escritório. Enérgico, tomava as medidas necessárias. Como quando a recém-nascida Londrina passou por um surto de febre amarela silvestre. Era o ano de 1935 quando um médico da Missão Rockfeller, depois de atravessar o Amazonas e o Mato Grosso, veio parar no sertão paranaense, traçando um mapa da doença. O médico procurou o então prefeito, Willie Davids, para alertar que, mais cedo ou mais tarde, a doença chegaria a Londrina. Entretanto, deu-se pouco caso da situação.

Mas, em dezembro daquele 1935, um imigrante suíço morreu em Rolândia. O médico local extraiu-lhe o fígado e enviou-o ao diretor-gerente da Companhia de Terras Norte do Paraná. Alarmado com a situação e, ao mesmo tempo, zeloso e prudente, de uma racionalidade ímpar, o escocês imediatamente enviou o órgão para ser examinado por médicos no Rio de Janeiro, então capital federal. Rapidamente, o diagnóstico confirmou que se tratava de febre amarela silvestre. Com medo de que a doença se alastrasse pelos mais de 515 mil alqueires de terras da CTNP, Arthur Thomas e o prefeito Willie Davids telegrafaram ao diretor de Saúde Pública do governo estadual, que prometeu providências após o Carnaval.

Arthur Thomas não se deu por vencido. Nem ficou parado. Trouxe de Ribeirão Preto, sem demora, o médico Ker, chefiando uma turma da Missão Rockfeller, com todos os instrumentos necessários, incluindo um motor elétrico e uma autoclave. De improviso, armou-se um laboratório para exames de fígado, de sangue e até para fabricação de vacina. Os auxiliares percorriam as terras da CTNP examinando pacientes, trazendo os doentes para tratamento. Outra turma de auxiliares caçou macacos

para verificar a origem da doença. Um deles foi capturado e, embora sadio, apresentava sinais de que havia tido a febre amarela silvestre. Mesmo tendo controlado a epidemia, 32 pioneiros acabaram morrendo até março de 1936. Não fosse a ação rápida de Arthur Thomas, talvez esse número fosse maior.

Naqueles idos finais da década de 1930 e início da década de 1940, não eram apenas as questões práticas de uma cidade em desenvolvimento que preocupavam os ingleses da CTNP. Arthur Thomas, como diretor-gerente da empresa, precisava equilibrar questões políticas muito maiores, influenciadas pela eclosão da Segunda Guerra Mundial. O conflito militar global eclodiu em 1939, quando a Alemanha nazista invadiu a Polônia e envolveu outras grandes potências mundiais, entre elas o Reino Unido. De um lado, Alemanha, Itália e Japão. De outro, Reino Unido, França e, posteriormente, os Estados Unidos. O Brasil também entrou na guerra, mais para o final do conflito, lutando contra a Alemanha.

Esse contexto interferiu diretamente na vida dos imigrantes alemães e japoneses que haviam comprado um pedaço de terra da Companhia de Terras Norte do Paraná. O governo brasileiro emite uma série de correspondências a esses imigrantes, ora determinando a entrega de bens e posses, como animais de criação, ora intimando-os a longos interrogatórios e até detenções. Diversas revistas eram realizadas pela polícia na casa de alemães e japoneses, inclusive na região de Londrina, onde se instalaram muitas famílias dessas nacionalidades. Em Rolândia, um dos que recebe a visita policial é Oswald Nixdorf, numa manhã de domingo de 1942. O pioneiro já havia queimado papéis, documentos e correspondências que pudessem ter algum resquício incriminador, incluindo uma bandeira com uma suástica dos tempos da representação consular, além de ter enterrado outros documentos relacionados a negociações de materiais ferroviários.

Aliás, Oswald Nixdorf tentava, naquela época, receber uma comissão por negócios ferroviários, mas Arthur Thomas negara pagá-la. O inglês alegara que não recebera a ordem de pagamento vinda de Londres e que já havia pago esse tipo de comissão a outra pessoa. Nixdorf, no entanto, tinha uma correspondência pessoal do general Arthur M. Asquith, acionista da empresa detentora da CTNP, que não era reconhecida por Arthur Thomas. Apesar do esbravejo do alemão, o inglês se manteve irredutível. Nixdorf, por sua vez, não poderia fazer muita coisa, porque, àquela altura da guerra, Brasil

e Alemanha já não mantinham relações diplomáticas, por causa do conflito. Até que Oswald Nixdorf é levado a Londrina para prestar esclarecimentos. As autoridades londrinenses, como o Major Miguel Blasi, garantem-lhe que será por pouco tempo, que nada há que o desabone. Todavia, a detenção se arrasta por dias e semanas. Outros imigrantes alemães também estão detidos na mesma condição, entre eles o Pastor Zischler e Carlos Strass.

Outro alemão preso, sob alegação de ser nazista, na realidade era judeu: Hans Flatau. Em suas dependências, foi encontrada uma caixa abarrotada de fotos de Hitler, do Congresso do Partido Nazista e de personalidades nazistas. Entre essas fotos, estava a de Hitler ao lado de um de seus generais, Julius Streicher, que era muito parecido com Hans Flatau. Assim, Hans Flatau acabou sendo preso como general de Hitler. Os jornais da época, inicialmente, publicaram que Julius Streicher havia sido preso em Londrina, inclusive com fotos que comprovariam a prisão, numa farsa que, dizem, havia sido engendrada pelo próprio Arthur Thomas. O objetivo era mostrar que, em Londrina e região, na colônia desenvolvida pelos ingleses, não havia espaço para as ideologias nazistas.

Não adiantou Hans Flatau explicar que era judeu, contrário a Hitler, que tinha vindo morar em Cambé e trazido as fotos porque soubera que no Brasil havia alguns nacional-socialistas e que ele pensara em fazer bons negócios vendendo as fotos. Depois dessa situação, Arthur Thomas concede uma entrevista ao jornal americano Saturday Evening Post, dizendo que se orgulha de ter tomado providências para que o Norte do Paraná estivesse em paz, mesmo sendo habitado por diversos imigrantes das nações do Eixo, sejam alemães, japoneses e italianos. O curioso é que, nessa mesma entrevista, Arthur Thomas diz que os italianos são inofensivos, destacando tratamento diferenciado somente aos alemães e japoneses, muitos dos quais foram detidos por tempo indeterminado.

Arthur Thomas diz ainda, nessa entrevista, que conseguiu convencer as autoridades a manter alemães e japoneses atrás das grades. Grades, aliás, que o próprio Oswald Nixdorf havia ajudado a comprar, com doações em dinheiro anos antes. Por essas e outras razões é que Nixdorf tem certeza de que quem o denunciou, assim como denunciou Flatau, havia sido Arthur Thomas. Entretanto, para além de questões políticas, Nixdorf acredita que Arthur Thomas o denunciou não por acreditar que ele fosse nazista, até porque eram amigos, mas por não querer pagar o comissionamento

pelos negócios ferroviários. Nessa toada propagandística, até mesmo uma exposição com materiais nazistas encontrados com os alemães é realizada, sendo publicada em jornais do Brasil todo: armas supostamente confiscadas dos alemães, fotos encontradas com Flatau e até uma suástica encontrada no Heimtal. Os alemães detidos tiveram ainda uma longa jornada de detenção, desapropriações e humilhações.

Oswald Nixdorf fora libertado da detenção em 1943. Em dezembro de 1945, após o fim da guerra, encontra-se com o ex-governador Manoel Ribas, casualmente, em Curitiba, que lhe convida para passar a tarde com ele. Na ocasião, recebeu um pedido de desculpas de Manoel Ribas, dizendo que pessoalmente nunca acreditou nas acusações que lhe fizeram, mas que precisara atender Arthur Thomas, que o havia denunciado. O registro de suas memórias mostra que, a partir de então, Nixdorf tem certeza de que fora denunciado pelo antigo amigo. Mas que, mesmo assim, quer deixar no passado tudo o que lhe aconteceu.

O conflito na amizade entre Oswald Nixdorf e Arthur Thomas, entretanto, pode ser mais profundo do que se imagina. Uma correspondência entre Eugênio Larionoff e Manoel Flores, datada de 19 de dezembro de 1983, denota a ocasião. Dentre os dois pioneiros interlocutores, respectivamente, um construiu o Hotel Rolândia, considerado o primeiro da cidade, enquanto o outro trabalhou como entregador de telegramas na estação rodoviária e, depois, no Banco Noroeste. Na data da carta, tanto Nixdorf quanto Arthur Thomas já haviam morrido. O tema da conversa era o fato de Nixdorf afirmar que seria o fundador da cidade de Rolândia, quando, na realidade, quem fundou o povoado, transformado em município em 1943, foi a Companhia de Terras Norte do Paraná. Nixdorf era corretor de imóveis credenciado por um grupo alemão para enviar imigrantes ao Brasil. Já no Brasil, Nixdorf recepcionava os conterrâneos que escolhiam a região para morar e adquirir um pedaço de terra para criar animais, chamado por ele de Granja.

Ao mesmo tempo em que trabalhou para garantir a paz em Londrina, atuando firmemente no combate a qualquer suspeita de ideologias nazistas na região, provavelmente pressionado pelos acionistas ingleses, os quais estavam no front contrário a Hitler, é preciso pontuar que Arthur Thomas foi importante não apenas para facilitar a vinda de imigrantes alemães para a região, mas, também,

para defender os germânicos de qualquer suspeita nazista. A Sociedade para Estudos Econômicos de Além Mar, criada em 1927, na Alemanha, fez contato com Arthur Thomas para discutir o envio de alemães ao Brasil. O primeiro grupo chegou à região em 1932. Anos mais tarde, em 1957, um grupo de alemães da região criou a Fundação Arthur Thomas, em Rolândia, que ajudaria na assistência médica e social para trabalhadores rurais. Na época, não havia ainda qualquer entidade filantrópica na cidade. A instituição se transformaria mais tarde no Hospital São Rafael.

Pela sua atuação com os alemães do Norte do Paraná, Arthur Thomas foi condecorado pela Alemanha com a Bundesverdienstkreuz, ou seja, a Cruz do Trabalho, um mérito federal recebido em 1958. O país reconheceu os serviços prestados aos alemães, que prosperaram em Londrina e região, de modo especial em Rolândia. Antes, o pioneiro também foi condecorado pelo governo brasileiro com a Ordem Mérito do Cruzeiro do Sul, um pedido feito por João Sampaio, através da Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná, em 10 de dezembro de 1954, quando Londrina completava 30 anos. João Sampaio justificou o pedido argumentando que “à vista das imensas matas paranaenses, concebeu e pôs em prática o maravilhoso plano de colonização cujo resultado é hoje admirado universalmente, e que se constitui em fator decisivo para que o Brasil não perdesse a hegemonia do mercado cafeeiro”. Nesse período, Londrina já se consolidava como capital mundial do café.

## Usina de Energia

Omeletino Benato pescava lambaris no córrego que, em 1939, foi represado pela Companhia de Terras Norte do Paraná para gerar energia elétrica para Londrina. Nasceu, então, a primeira usina hidrelétrica da cidade, coincidentemente localizada no Parque Arthur Thomas, que homenageia o pioneiro escocês. Antes, porém, era um fio d'água que corria ao longo da mata. Na realidade, o Rio Cambé ou Cambezinho, conhecido como Ribeirão Cambé, é um curso d'água que nasce onde hoje está o entroncamento entre as rodovias BR-369 e PR-445 e vai desaguar no Ribeirão Três Bocas, córrego onde foi construída a segunda usina hidrelétrica de Londrina. O Ribeirão Cambé é considerado um dos mais importantes rios urbanos de Londrina, numa extensão de 21,5 quilômetros, dentro do qual está o Lago Igapó, o cartão-postal mais famoso de Londrina.

Nos primeiros anos da recém-criada cidade de Londrina, Omeletino descia no Ribeirão Cambé, na altura da cachoeira que hoje está localizada dentro do Parque Arthur Thomas, para pescar com o pai e com os amigos. A turma usava o anzol, mas, para poder ter uma pescaria mais eficaz, amarraram um capim um pouco mais duro nas minhocas e jogavam a vara no rio. Quando jogavam, pegavam de três a quatro lambaris. Havia muitos peixes no rio, todos sempre famintos. Enchiam um cesto e levavam para casa para o almoço. Mas o riozinho deu lugar à usina de geração de energia.

A energia elétrica chegou a Londrina antes mesmo do povoado se tornar município. Era 1933 quando a Companhia de Terras Norte do Paraná instalou um motor Deutz a óleo cru, com 12 HP e um gerador equivalente, em uma precária oficina de madeira na quadra 18 da Rua Maranhão. A CNTP era a concessionária do fornecimento de luz e força elétrica em Londrina, autorizada pelo governo estadual e pelo município de Tibagi. A inauguração da energia elétrica ainda era incipiente, mas importante no desenvolvimento do novo povoado. Inicialmente, a energia elétrica com regularidade era fornecida aos escritórios da CNTP bem como às casas do diretor-gerente Arthur Thomas e do diretor-técnico Willie Davids, além da residência de alguns funcionários.

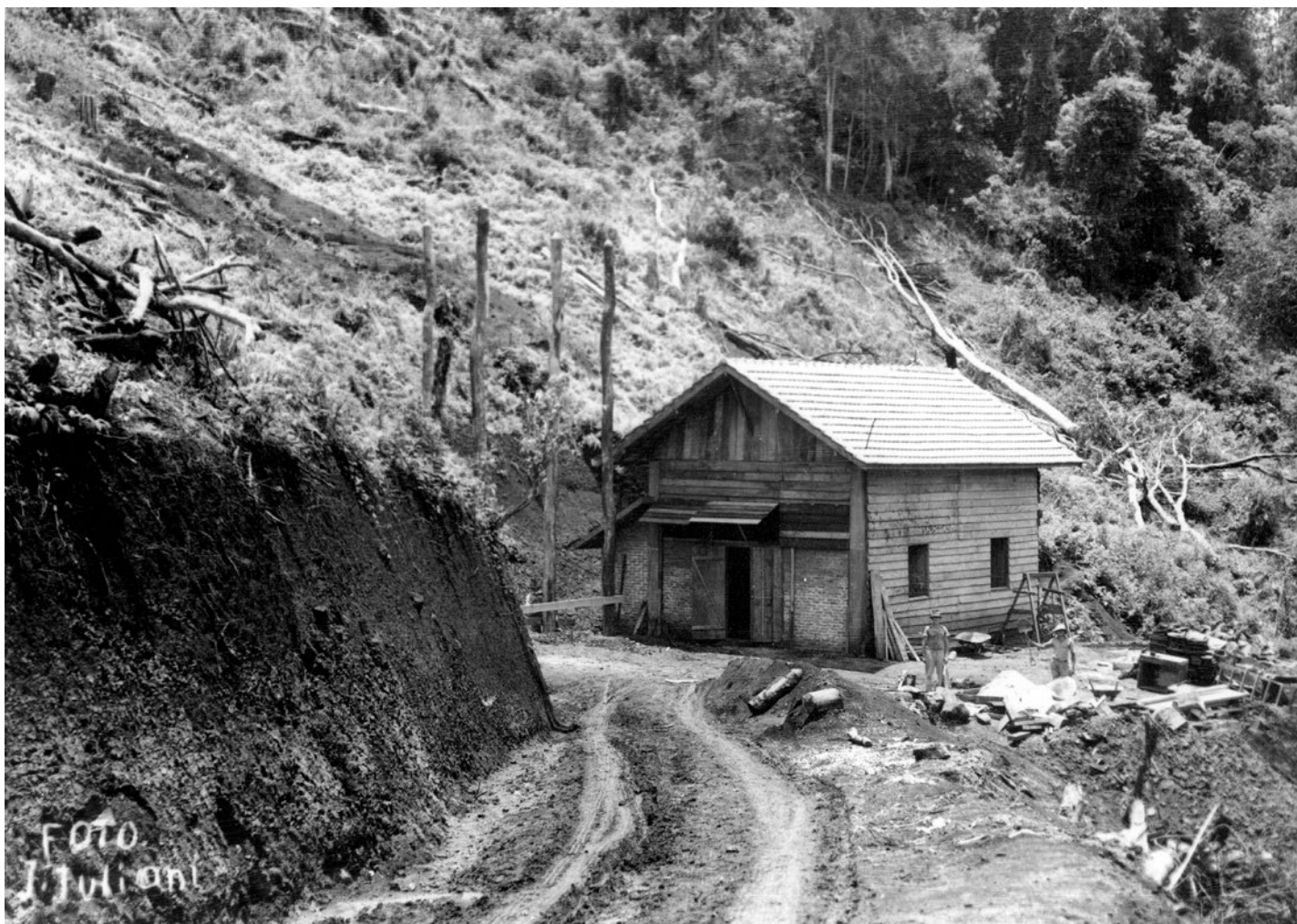
Depois, a luz elétrica chegou em um trecho da Avenida Paraná, entre a Avenida São Paulo e a Rua Maranhão. Contudo, era necessário ampliar o fornecimento de eletricidade. E essa era uma

preocupação dos pioneiros com o futuro da cidade. Nos primeiros anos de Londrina, durante o dia, a luz do sol atendia as necessidades da população. De noite, era preciso ao menos ter uma luz orientativa para o trajeto dos pedestres nas ruas abertas. Ou, então, para o transporte de cargas, para o que fosse. O gerador era inconstante e oscilava o tempo todo. A luz piscava e, vez ou outra, apagava-se. As lâmpadas da Avenida Paraná foram apelidadas de tomatinho porque eram incandescentes, ficavam mais amareladas quando brilhavam. Mas, quando apresentavam queda de energia, ficavam avermelhadas, semelhantes a um pequeno tomate. Concluiu-se que, em função do crescimento de Londrina, seria preciso ampliar a geração de energia, com um fornecimento mais estável.

Considerando a necessidade de ampliar o abastecimento elétrico e apostando no futuro de Londrina, Gastão de Mesquita Filho e Rolando Davids fundaram a firma Mesquita & Davids, assumindo a concessão do fornecimento de eletricidade e que se tornaria a Empresa Elétrica de Londrina. De modo especial, Gastão de Mesquita Filho, envolvido na construção da ferrovia, havia administrado as Empresas Elétricas de Campos do Jordão em 1932. Então, já tinha experiência no ramo. E, por isso, foi convidado por Arthur Thomas para a empreitada. A Empresa Elétrica de Londrina foi fundada no dia 8 de fevereiro de 1939, tendo nos seus quadros Ricardo de Mello Peixoto Davids como diretor-presidente, Gastão de Mesquita Filho como diretor-superintendente, entre outros.

Engenheiros da usina, Gastão de Mesquita Filho e André Kotchetkoff aproveitaram uma queda d'água de 50 metros no Ribeirão Cambé, denominado Salto do Cambezinho, num terreno da Companhia de Terras Norte do Paraná, para construir e instalar uma unidade geradora de 500 cavalos em um reservatório de 100 mil metros cúbicos de água, inicialmente com capacidade para 160 kw. Entretanto, para produzir energia, não seria possível apenas com o curso natural do leito do rio. Era necessário provocar uma força maior. Então, os engenheiros projetaram um canal de adução. E o fizeram de uma maneira excepcional, do ponto de vista da engenharia civil, elétrica e mecânica. Cinquenta trabalhadores atuaram na construção.

O professor José Fernando Mangili Júnior estudou a engenharia por trás da primeira usina de energia elétrica construída em Londrina. Mangili é engenheiro eletricista e de segurança do trabalho, professor do Departamento de Engenharia Elétrica da Universidade Estadual de Londrina e diz



Construção de madeira abrigava a primeira usina hidrelétrica de Londrina

ACERVO Museu Histórico de Londrina / José Juliani



José Fernando Magili Junior, professor do Departamento de Engenharia Elétrica da Universidade Estadual de Londrina

FOTO Luciano Schmeiske Pascoal

que é possível perceber que os pioneiros souberam aproveitar o potencial hidráulico da região. Primeiramente, construíram a usina do Ribeirão Cambé, com capacidade para 160 kw. Em seguida, veio a construção da Usina Três Bocas, no ribeirão de mesmo nome, com 1 mil cavalos e um reservatório de 500 mil metros cúbicos de água e com capacidade geracional de 440 kw, tendo iniciado as atividades no dia 6 de fevereiro de 1943, quase quatro anos depois da primeira usina. E, por último, a construção da Usina Apucarantina, aproveitando um desnível de 150 metros no Rio Apucarantina, com um reservatório anual de 14 milhões de metros cúbicos. Nesse caso, foram três geradores: o primeiro, em 6 de abril de 1949, com 2.280 kw; o segundo, em 31 de maio de 1951, com 2.280 kw; e o terceiro, em 27 de maio de 1957, com 4.560 kw. Os três totalizavam 9.720 kw.

Dessa maneira, é possível perceber que os pioneiros vislumbraram um grande potencial energético através da capacidade hidráulica da região. E executaram um relevante projeto de engenharia, desde a primeira usina do Ribeirão Cambé, utilizando ao mesmo tempo técnicas milenares e tecnologia avançada em termos construtivos. Basicamente, a primeira usina de Londrina foi construída com uma turbina e um gerador combinando as forças mecânicas da água com a parte elétrica do gerador, fazendo com que se obtivesse a energia necessária. Tudo isso a partir da construção de uma barragem, que represou em um lago a água, a partir do qual era canalizada em dutos trapezoidais a céu aberto. A mata em volta da barragem foi derrubada para sua construção.



Construção da barragem para a primeira usina hidrelétrica de Londrina  
ACERVO Museu Histórico de Londrina / José Juliani



Os canais trapezoidais têm um pequeno desnível de um metro a um metro e meio entre a origem na parte de cima e o conduto forçado de tubulação. Esse desnível que cai dentro da turbina fazia com que a água captada do rio preenchesse a tubulação. Ao captar o volume adequado, a força da queda da água provocava a geração de energia em função do movimento mecânico da turbina. De fato, era uma engenharia altamente moderna ao se levar em conta as tecnologias disponíveis no fim da década de 1930. Ao mesmo tempo, as técnicas de construção dos dutos são semelhantes aos aquedutos construídos pelos egípcios e pelos romanos mais de 2 mil anos antes. As técnicas milenares utilizam-se da força gravitacional e do desnível entre pontos específicos de tomada de água para fazer com que a água captada se movimente e tenha força para gerar energia.

Nos estudos do professor Mangili, é possível observar que, para a construção dos dutos, os engenheiros projetaram a retirada da terra no leito de pedra que beira a mata. Uma parte chegou a ser concretada, mas outra está na própria terra, escavada no chão. Tudo a céu aberto. Existem outros tipos de canais construídos ao longo do tempo, alguns dos quais embutidos na rocha ou em montanhas, mas o do Ribeirão Cambé foi esculpido a céu aberto. Para a captação da água, foi instalada uma tubulação conhecida como conduto forçado, fabricado em um tipo de aço especial, forjado com uma liga muito específica para ter uma resistência mecânica grande. Tanto o duto quanto o conduto sobrevieram aos 90 anos de Londrina.

A turbina foi fabricada no Brasil, possivelmente no Rio de Janeiro. O equipamento foi acoplado mecanicamente no mesmo eixo com o gerador, que já havia sido utilizado em outras usinas, em outras pequenas centrais elétricas do interior de São Paulo. Possivelmente, trazida de Sorocaba a Londrina, por trem. A instalação é um sistema clássico, inclusive estudado pelo professor Mangili com alunos da Universidade Estadual de Londrina, com fios e barramentos de cobre, que já não existem mais, posteriormente substituídos por sistemas digitais de medição. É preciso destacar que, embora os aparelhos medidores de energia instalados tenham sido feitos com base em concepções construtivas

de tecnologias de 1870, apenas os grandes centros ou onde se tinham interesses comerciais ou potencial de crescimento detinham instalações como essa. Isso confirma a visão empreendedora de futuro e a vontade dos pioneiros de transformarem Londrina num grande centro.

Com o tempo, a energia gerada pela usina do Ribeirão Cambé já não era mais tão necessária quanto havia sido nos primeiros anos da década de 1940. Em 1967, a Empresa Elétrica de Londrina já tinha energia suficiente, a partir da produção da Usina Apucarantina, tornando inviável o funcionamento da primeira unidade geradora de eletricidade de Londrina. Foram 28 anos em pleno funcionamento, até que a usina foi desativada no dia 10 de outubro de 1967. A Empresa Elétrica de Londrina foi vendida para a estatal Companhia Paranaense de Energia Elétrica (COPEL), mas a usina do Ribeirão Cambé ficou de fora do negócio.

Entretanto, o município de Londrina tinha interesse em receber a área em doação, atualmente uma das poucas remanescentes de mata atlântica do Norte do Paraná. Então, a prefeitura iniciou as tratativas da doação com a então Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP). E aqui vale um parêntese. A Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP) foi fundada em 1925 por sócios ingleses, com capital inglês. No entanto, com o avanço da Segunda Guerra Mundial, o Reino Unido solicitou a retomada do capital inglês, necessário para manter o front e o abastecimento interno. Então, em 1944, a CTNP foi comprada por Gastão de Mesquita Filho e outros sócios brasileiros, mantendo Arthur Thomas como diretor-gerente. Em 1951, a CTNP mudou o nome para Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP).

Ao todo, foram colonizados 1.321.499 hectares e fundadas 63 cidades e patrimônios. Na fase como CTNP, a empresa fundou e alçou à condição de grande centro a cidade de Londrina. E, posteriormente, já na fase de CMNP, a empresa voltou seu olhar para Maringá e região, potencializando os municípios circunvizinhos. De todo modo, em 1967 coincidiu a venda da Empresa Energia Elétrica para a Copel e o interesse da prefeitura em obter a doação da área que incluía a primeira usina elétrica da cidade. Naquele ano, Arthur Thomas já havia morrido. O pioneiro pediu para se aposentar em 1949, data até a qual foi mantido como diretor-gerente da empresa, sendo sucedido por Hermann Moraes Barros. Após a aposentadoria, Arthur Thomas foi morar na Fazenda Primavera.



O mato tomou conta do prédio que abriga a histórica e primeira usina hidrelétrica de Londrina

**FOTO** Luciano Schmeiske Pascoal



Situação atual da histórica primeira usina hidrelétrica de Londrina, soterrada pelas chuvas de 2016

FOTO Luciano Schmeiske Pascoal

Arthur Thomas morreu aos 71 anos no dia 10 de maio de 1960, em decorrência de um câncer que lhe afetou as cordas vocais. No entanto, os novos proprietários da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná quiseram eternizar a gratidão pelo trabalho do pioneiro escocês, chamado por uns de pioneiro do mundo, conhecido por ter sido o grande fundador e desenvolvedor de Londrina. Para tanto, a CMNT fez três exigências antes de doar a área ao município. A primeira delas era preservar a área de mata coberta, parte da floresta ainda nativa. Em segundo lugar, era preciso recuperar e preservar as instalações da primeira usina elétrica de Londrina, mantendo as características originais. E, por fim, o poder público seria obrigado a transformar o local num parque municipal, com atividades de lazer para a população, batizando a área de aproximadamente 61,72 hectares com o nome de Arthur Thomas. E assim foi feito.

Em 17 de setembro de 1975, a Lei 2.564 regulamentou o recebimento da área em doação, definindo que o local seria destinado ao lazer e à preservação ecológica. O Art. 1º diz que “é o Executivo autorizado a receber em doação, com encargo, da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, de uma Área de terras medindo, aproximadamente, 617.218,00 m<sup>2</sup>”, com parágrafo único dizendo que “a área a ser recebida em doação, destinar-se-á à implantação de área de lazer, devendo ser preservada ecologicamente pelo Município”. Uma parte da área seria destinada a um loteamento. Efetivamente, o parque municipal foi aberto à população no dia 10 de dezembro de 1987. Em 5 de abril de 1988, a Lei 4.061 alterou a redação do Art. 6º da Lei 2.564, denominando que o parque recebesse o nome de Parque Arthur Thomas.

Infelizmente, no dia 12 de janeiro de 2016, Londrina foi castigada com uma chuva que provocou diversos estragos na cidade. Entre os diversos prejuízos, como asfaltos destruídos e casas invadidas pela enxurrada, a primeira usina elétrica de Londrina, localizada no Parque Arthur Thomas, foi soterrada em partes. Não foi a primeira chuva que a atingiu, mas foi a mais grave, provocando, inclusive, a destruição de parte da estrutura de concreto construída para abrigar a usina. O soterramento de alguns equipamentos da usina comprometeu a utilização do gerador. Em 2001, o professor Mangili visitou o local com alunos e desenvolveu um projeto de recuperação da usina, com a potenciação do gerador entre 300 kw e 350 kw. Isso possibilitaria que o parque tivesse autonomia na produção

e consumo de energia. Após as chuvas de 2016, ficou mais complicado recuperá-la para a produção de energia.

Entretanto, ainda é possível revitalizar a primeira usina elétrica de Londrina, transformando o local em um museu a céu aberto e em um espaço de estudos para alunos da área. Do ponto de vista da engenharia, do ponto de vista histórico, do ponto de vista econômico e do ponto de vista do desenvolvimento da cidade, a usina é extremamente importante. Tanto que o professor Mangili, por iniciativa do jornalista Fábio Luporini e ao lado do documentarista Luciano Pascoal, com o endosso da Governança de Turismo de Londrina, assina a solicitação de tombamento municipal da Usina Hidrelétrica Cambé, enviada à Diretoria de Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura, justificando e argumentando a importância dos equipamentos para a preservação da memória da cidade, que completou 90 anos em 2024.



Vista atual da barragem construída para a primeira usina hidrelétrica de Londrina

FOTO Luciano Schmeiske Pascoal



FOTO Luciano Schimofke Pascoal









FOTO Luciano Schmeiske Pascoal





PARTE 2

# O PARQUE

FOTO Luciano Schmeiske Pascoal

## **A Mata**

Quando Lord Lovat encontrou-se com Arthur Thomas, em 1924, na Oxford Street, em Londres, para convidá-lo a colocar em prática no Brasil um dos mais ousados empreendimentos colonizadores do mundo, o Norte do Paraná, mais especificamente onde hoje é Londrina, era coberto por mata atlântica nativa. Os dois pioneiros estavam próximos do Hyde Park, o maior da região central de Londres, com 140 hectares de extensão. No coração da capital inglesa, o Hyde Park é frequentado por turistas, moradores, famílias, casais e todo tipo de gente que queira fazer um piquenique, passear no fim de semana.

Mas, para além disso, a cidade de Londres mantém alguns bolsões verdes, outros dois deles próximos à Oxford Street: St. Jame's Park, o mais antigo parque real, também no centro, logo em frente ao Palácio de Buckingham, além do Regent's Park, também super frequentado pelos londrinos, que podem ainda visitar o Kensington Gardens, ou seja, os jardins reais do Palácio de Kensington, assim como o Richmond Park, o Victoria Park e o Greenwich Park. Em seu vasto território, Londres mantém outras áreas verdes e abertas à população.

Talvez, quando desenharam o traçado de Londrina, a Pequena Londres, os pioneiros, entre eles Arthur



Busto do pioneiro Arthur Thomas, que dá nome ao parque municipal

FOTO Luciano Schmeiske Pascoal

Thomas, tenham previsto áreas verdes abertas à população. Entretanto, na proporção do tamanho que previram a cidade na década de 1930, projetada para abrigar cerca de 30 mil pessoas. Com a explosão demográfica provocada pelo ciclo imigratório e pelo desenvolvimento econômico, Londrina foi ficando maior do que o previsto e, conseqüentemente, suas áreas verdes pequenas em relação à proporção que a cidade foi tomando.

Londrina abriga diversas praças no centro da cidade. Entre elas, a Praça Gabriel Martins, a Praça Marechal Floriano Peixoto, conhecida também como Praça da Bandeira, a Praça Sete de Setembro, Praça Willie Davids, Praça Rocha Pombo, Praça Getúlio Vargas, Praça Quinze de Novembro, a Praça Tomi Nakagawa, a Praça Marechal Rondon, onde hoje está o Bosque Municipal. Todas elas, localizadas no centro da cidade, tornaram-se pequenas para a extensão municipal. No entanto, os pioneiros haviam planejado áreas verdes no entorno da cidade, não imaginando que ela fosse crescer como cresceu.

Algumas dessas áreas se transformaram em parques e unidades de conservação, muito mais pela visão de seus antigos proprietários ou seus familiares que pelo planejamento urbano de Londrina. Entre eles, destacam-se o Parque Ecológico Daisaku Ikeda, o Parque Estadual Mata dos Godoy e a Mata do Barão, que se somam ao Jardim Botânico de Londrina e ao Parque Linear do Igapó. No meio da cidade, é possível visitar os diversos pontos do Parque Linear do Igapó, um importante conectivo que pode se transformar num corredor ecológico entre os diversos pontos de mata da cidade e os fundos de vale, que abrigam uma flora e fauna rica. No meio disso tudo, está localizado o Parque Municipal Arthur Thomas, que é uma Unidade de Conservação Ambiental desde 1994.

A área de 85,47 hectares que abriga o parque era de propriedade da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), onde a Empresa Elétrica de Londrina Sociedade Anônima (EELSA) instalou a primeira usina hidrelétrica de Londrina, em 1939. Depois de 28 anos, a usina foi desativada e a empresa foi vendida para a Companhia Paranaense de Energia Elétrica (COPEL). Contudo, a Usina Cambé não foi incluída no negócio nem a área de mata que a circundava, totalizando 66 hectares de cobertura florestal nativa em diferentes estágios de sucessão.

A Prefeitura de Londrina manifestou interesse na área, pedindo-lhe a doação à já Companhia

Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP), que havia mudado de nome após a venda da CTNP para empresários brasileiros. Então, a empresa privada efetivamente doou a área, que na época tinha aproximadamente 65 hectares. Os 20 hectares a mais foram incorporados posteriormente, frutos de desapropriações de áreas vizinhas realizadas a partir de 1983. Do total doado, quase metade, cerca de 30 hectares, seriam destinados à construção de um loteamento residencial, o que não se concretizou.

A condição para a doação, imposta pela CMNP, era que a área fosse preservada ecologicamente. A Lei Municipal nº 2.564, de 17 de setembro de 1975, que autorizava a doação, transferindo a área para o município, previa no Parágrafo Único do Art. 1º que “a área a ser recebida em doação, destinar-se-á à implantação de área de lazer, devendo ser preservada ecologicamente pelo Município”. Assim, o local se converteu num dos últimos remanescentes da Mata Atlântica na região norte do Paraná.

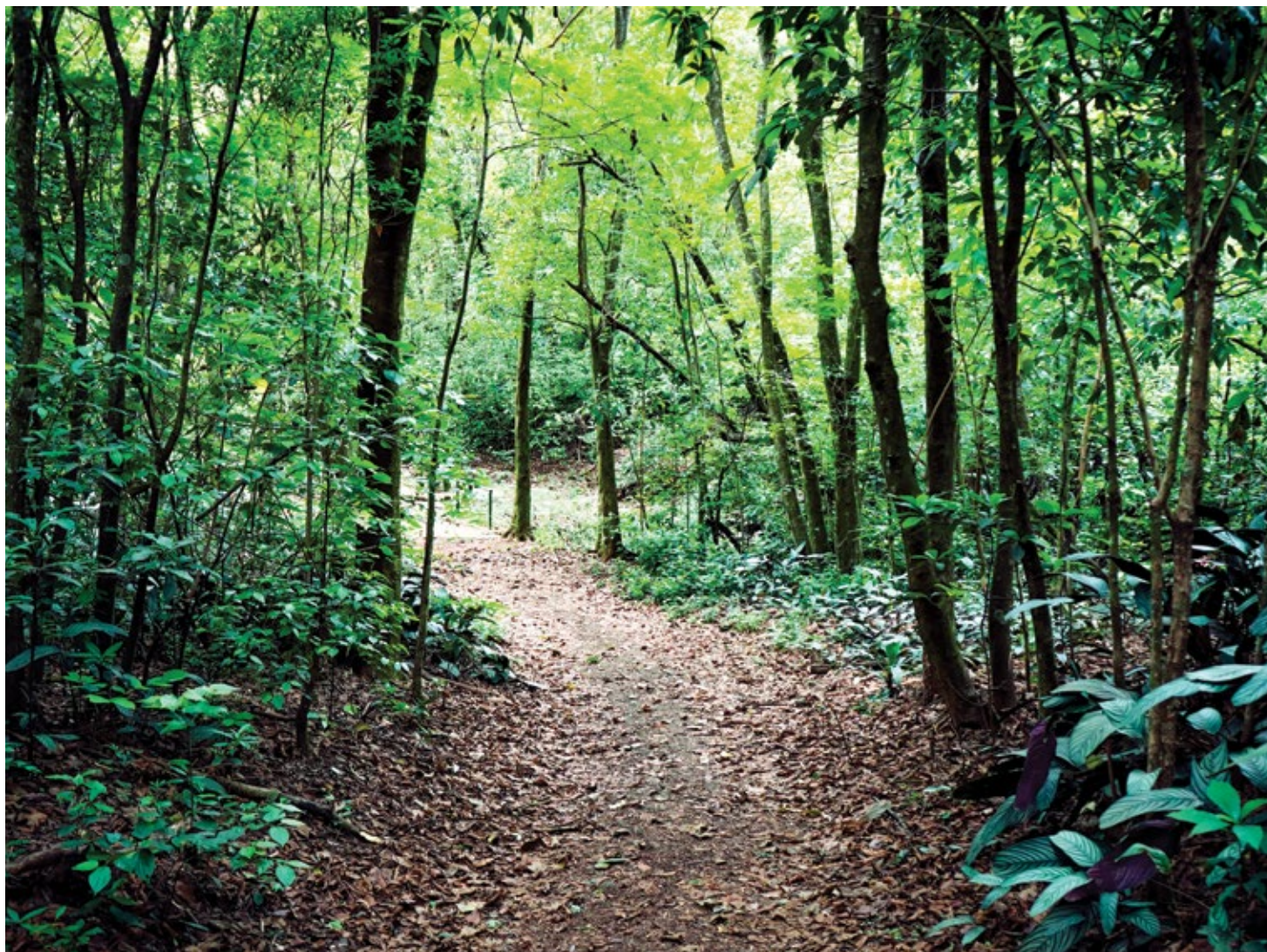
A autoria do Projeto de Lei que autorizava a doação da CMNP à prefeitura era do próprio executivo municipal, em carta endereçada à Câmara Municipal de Londrina, no dia 25 de julho de 1975, assinada pelo então prefeito José Richa, e teve relativa celeridade em sua tramitação. O projeto chegou à Comissão de Justiça no dia 4 de agosto de 1975. No dia 11, recebeu o parecer favorável. Em 14 de agosto, chegou à Comissão de Finanças, da qual recebeu parecer favorável no dia 21. Colocado em pauta na Ordem do Dia em 28 de agosto, foi aprovado em primeira votação. No dia 1º de setembro, recebeu uma emenda aditiva, de autoria do vereador Jorge Scaff. Assim, em 8 de setembro, recebeu redação para a terceira votação. No dia 11 de setembro, entrou novamente na





Cachoeira de 20 metros no interior do Parque Arthur Thomas

ACERVO NDPH - Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica/acervo Jornal Folha de Londrina/José de Carvalho



Trilhas no Parque Arthur Thomas são um convite a explorar a mata no meio da cidade

**FOTO** Luciano Schmeiske Pascoal



Movimentação do público na inauguração oficial do Parque Arthur Thomas

ACERVO NDPH - Núcleo de Documentação e Pesquisa  
Histórica/acervo Jornal Folha de Londrina

Ordem do Dia, tendo sido aprovado em terceira discussão. Seguiu para sanção do prefeito em exercício, Manoel Barros de Azevedo. O titular, José Richa, estava em viagem. Dessa maneira, a lei foi publicada em 17 de setembro de 1975, quase um mês após o projeto ser apresentado.

No dia 5 de abril de 1988, o vereador Álvaro Grotti propôs o Projeto de Lei Nº 4.061 alterando o Art. 6º da Lei 2.564 de 1975, propondo que “o parque a ser implantado na área a ser recebida em doação, referida no artigo 1º e parágrafo único, desta Lei denominar-se-á Parque Arthur Thomas”. A sanção do prefeito Wilson Moreira foi publicada no dia 27 de abril de 1988. Efetivamente, o parque



foi aberto ao público alguns meses antes, no dia 10 de dezembro de 1987, data em que Londrina comemorava 53 anos e cerca de 12 anos após a doação da área. Durante esses anos, entre a data da doação do terreno ao município até a abertura ao público, o espaço ficou exposto à dilapidação de seus recursos, inclusive a caça de animais que vivem no interior da mata. Em 1987, com uma infraestrutura mínima, foi possível abri-lo à população.

Considerado uma riqueza ambiental dentro da cidade, distante cerca de 6 quilômetros do centro, o Parque Arthur Thomas possui diversos atrativos, entre eles trilhas no interior da mata nativa, uma cachoeira de 20 metros de altura com mirante para sua observação, mirante com vista panorâmica, a represa do Ribeirão



População visitando o Parque no início da década de 1990

ACERVO NDPH – Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica/acervo Jornal Folha de Londrina

Cambezinho construída para a instalação da primeira usina hidrelétrica do município. Quem frequentou o parque nos anos 1990, recorda-se dos pedalinhos no lago formado no ribeirão represado, além de operações gastronômicas no interior da unidade. Ao longo desse tempo, já teve trenzinho que subia e descia a rampa de acesso e, até mesmo, um mini zoológico funcionou em seu interior, desativado devido às péssimas condições de manutenção dos animais.

Infelizmente alguns desses atrativos estão fechados ao público, deteriorados pelo tempo e inutilizados por causa de desastres ambientais. Além disso, o parque tem sofrido com as consequências da intervenção humana, inclusive ao longo da Bacia do Ribeirão Cambé. O assoreamento no lago represado é uma das

evidências dessas intervenções, já que o curso do ribeirão que passa pelo parque recebe os resíduos provenientes de atividades industriais, comerciais, da construção civil e domiciliares, seja da zona sul de Londrina, onde está o Lago Igapó, seja das adjacências do parque, onde estão instaladas ocupações irregulares em uma expansão urbana desordenada.

Os períodos chuvosos sempre trazem algum tipo de dano. O acúmulo da água provoca erosões e desmoronamentos. Em 2004, uma forte chuva atingiu Londrina e provocou um desabamento de terra que soterrou parcialmente a primeira usina hidrelétrica instalada na cidade, localizada no parque municipal. Em janeiro de 2016, Londrina voltou a ser atingida por fortes chuvas, que levaram o então prefeito Alexandre Kireeff a decretar situação de emergência. Novamente, a usina no Parque Arthur Thomas foi atingida e os equipamentos históricos da usina hidrelétrica voltaram a ser soterrados, assim como parte da estrutura de concreto cedeu e foi parar no meio do ribeirão.

No marco dos 90 anos do município, a Prefeitura de Londrina escolheu o Parque Arthur Thomas para celebrar o aniversário da cidade. E anunciou, em dezembro de 2023, diversos recursos e obras de revitalização, que tiveram início ao longo de 2024. Durante quase 40 anos de existência, o Parque Arthur Thomas se tornou referência não apenas no lazer, mas, também, na pesquisa. É um verdadeiro laboratório a céu aberto. Pelo parque já passaram diversos grupos de turistas, turmas de escolas e pesquisadores universitários. O parque se mantém e sobrevive por meio da administração pública do município de Londrina, especialmente graças ao trabalho de quem já passou ou ainda está na equipe de funcionários da Secretaria Municipal do Ambiente (SEMA). Projetos que marcaram uma época e se mantêm até hoje ajudam a conscientizar crianças, jovens, adultos e idosos.

## Mini Zoológico

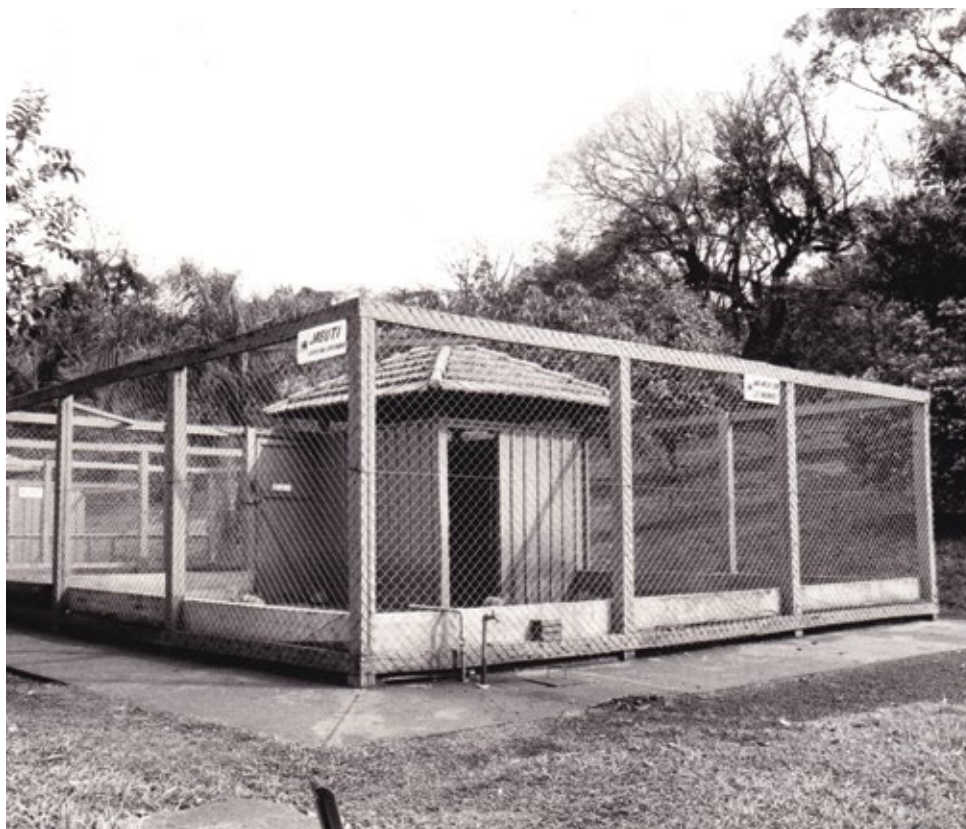
Em 38 anos, um mês e 11 dias, Nilson Pereira Dias viveu e testemunhou muitas histórias dentro do Parque Arthur Thomas. Desde quase sempre. Desde antes de ser aberto à visitação. Criado em 1975, o parque só foi efetivamente disponibilizado à população a partir de 1987. Nilson, todavia, trabalhou no local desde 1985, portanto, dois anos antes da abertura. Antes da criação da Autarquia Municipal do Ambiente (AMA), precursora da Secretaria Municipal do Ambiente (SEMA), o parque era administrado pela Autarquia Municipal de Esportes e Turismo (AMETUR) de Londrina. E era muito diferente do que se pode ver hoje. Seja em relação à estrutura que tinha, seja em relação ao público que frequentava.

Quando Nilson pisou pela primeira vez no parque, como funcionário da prefeitura, ainda havia resquícios de algumas chácaras de antigos moradores, desapropriadas há poucos anos. Eram os 20 hectares que a prefeitura incorporou aos 65 hectares doados pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. As chácaras beiravam a hoje Avenida Dez de Dezembro. Só que Nilson já conhecia o parque muito tempo antes de começar a trabalhar para o executivo municipal. É que desde menino ele prestava serviços para um diretor da prefeitura, que cuidava, justamente, dos parques e jardins.

Então, logo que começou o trabalho na prefeitura, primeiramente como carpideiro, roçando o mato, ainda estavam em pé algumas casas das antigas chácaras, desocupadas, que sofriam com vândalos. Para evitar essa depredação, alguns servidores públicos municipais foram convidados para morarem nessas casas, o que ajudaria, inclusive, a tomar conta do espaço. Alguns desses funcionários trabalhavam dentro do parque, o que facilitava a locomoção e o controle. Outros atuavam na cidade toda, afinal, a diretoria de parques e jardins cuidava também de outras praças.

Nilson foi um dos que foram convidados a morar em uma dessas casas, apesar de trabalhar dentro e fora do parque. Mas, nos finais de semana, ele ajudava a cuidar, inclusive, de alguns animais que eram mantidos em algumas gaiolas dentro do parque, numa espécie de mini zoológico, que funcionou durante poucos anos. Nilson ouviu dizer que essas gaiolas estavam no Bosque Marechal Cândido Rondon, no centro da cidade, e, posteriormente, foram levadas ao Parque Arthur Thomas. Assim, aos domingos, ele ajudava a alimentar, cuidar e tratar dos animais, junto com outras famílias de servidores municipais que também moravam no local.

De fato, os animais que outrora habitaram o Parque Municipal Arthur Thomas vieram mesmo do Bosque. Ademar Santo Ferreira, que já foi secretário municipal de Agricultura, no ano de 1993, na gestão do prefeito Luiz Eduardo Cheida, conheceu os bichos na época em que eles moravam no Bosque. Quando Ademar foi secretário, o mini zoológico já não existia mais no parque. Ademar conheceu os animais quando era criança e frequentava o Bosque passeando com a família. Até seus 8 ou 10 anos, ele viveu num sítio do avô no Patrimônio Três Bocas. Mas,



Espaços onde ficavam os animais do mini zoológico no Parque Arthur Thomas

**ACERVO** NDPH – Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica/acervo  
Jornal Folha de Londrina/Dorico da Silva



Diversos animais foram transferidos ao Parque, criando um mini zoológico  
ACERVO NDPH – Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica/acervo Jornal Folha de Londrina/Dorico da Silva

quando veio para a cidade, passou a frequentar o Bosque, onde conheceu os animais do mini zoológico, anos antes deles serem transferidos para o parque.

No mini zoológico havia onça parda, jaguatirica, javali, jiboia, anta, capivara, quati, macaco-prego, gambá e até um jacaré, entre outros animais. No Bosque, os animais ficavam presos, eram bem alimentados. Alguns começaram a ter uma superpopulação. E isso se tornou um problema, por conta do espaço. Além disso, Ademar se recorda de que houve registros de alguns animais atacarem as pessoas, inclusive crianças. Foi por esses e outros motivos que acabaram sendo transferidos

para o Parque Arthur Thomas. Com o tempo, os animais foram soltos, alguns deles na própria mata do Arthur Thomas enquanto outros foram levados para a Mata dos Godoy, na zona sul de Londrina.

Lá no parque, servidores como Nilson ajudavam a alimentar os animais. Para a onça-parda, por exemplo, eram cerca de 3 kg a 5 kg de carne por dia. Mas Nilson jamais entrou na gaiola da onça. Ele atraía o animal para um determinado canto e, depois, depositava a comida em uma espécie de abertura própria para isso. Com a jiboia era diferente. De vez em quando, ela comia um porquinho da Índia e passava de três a cinco dias parada. Nilson podia passar por cima dela que ela não se movia. Com o javali, era como se fosse alimentar um porco.

Algum tempo depois que Nilson começou a trabalhar na prefeitura e passou a morar no parque, o Arthur Thomas foi aberto à visitação da população. Era um espaço bastante movimentado. Havia uns 20 pedalinhos no lago, onde as pessoas passeavam com suas famílias. Os visitantes desciam até onde funcionava a primeira hidrelétrica de Londrina. No parque, funcionava uma sorveteria, concessionária do serviço, na qual chegava a formar fila de umas 40 pessoas esperando para tomar sorvete. Aos finais de semana, Nilson se recorda de o parque receber de 5 mil a 6 mil visitantes entre sábado e domingo.

Era praticamente o quintal de casa. Um quintal movimentado, mas rodeado por natureza, pelo ar puro. Às vezes, cheio de gente. Noutras, eram surpreendidos pelos animais. Certa vez, Nilson e a esposa haviam saído de casa e, quando voltaram, de longe avistaram um vidro quebrado e uma luz acesa. O medo tomou conta do casal, que foi se aproximando da casa e percebeu que não havia ninguém. Quando entraram, a geladeira estava aberta. Um macaco-prego havia terminado de quebrar um vidro trincado, entrado na casa e, literalmente, assaltado a geladeira. O bichinho roubou um pão que a esposa de Nilson havia feito. Deixou farelos por toda a cozinha.

Nilson e a família já avistaram muitos vizinhos inusitados: lagartos, cutias e capivaras. Naquela época, as capivaras eram quase maioria entre os moradores do parque. Mas, também, era fácil avistar macacos, quatis e gambás. Um dia, ao sair de casa, Nilson viu um tatu escavando um buraco ao lado da porta. Os moradores se acostumaram a conviver com os animais, mas, apesar de os bichos também se acostumarem com a presença humana, os diretores responsáveis pelo parque consideraram melhor

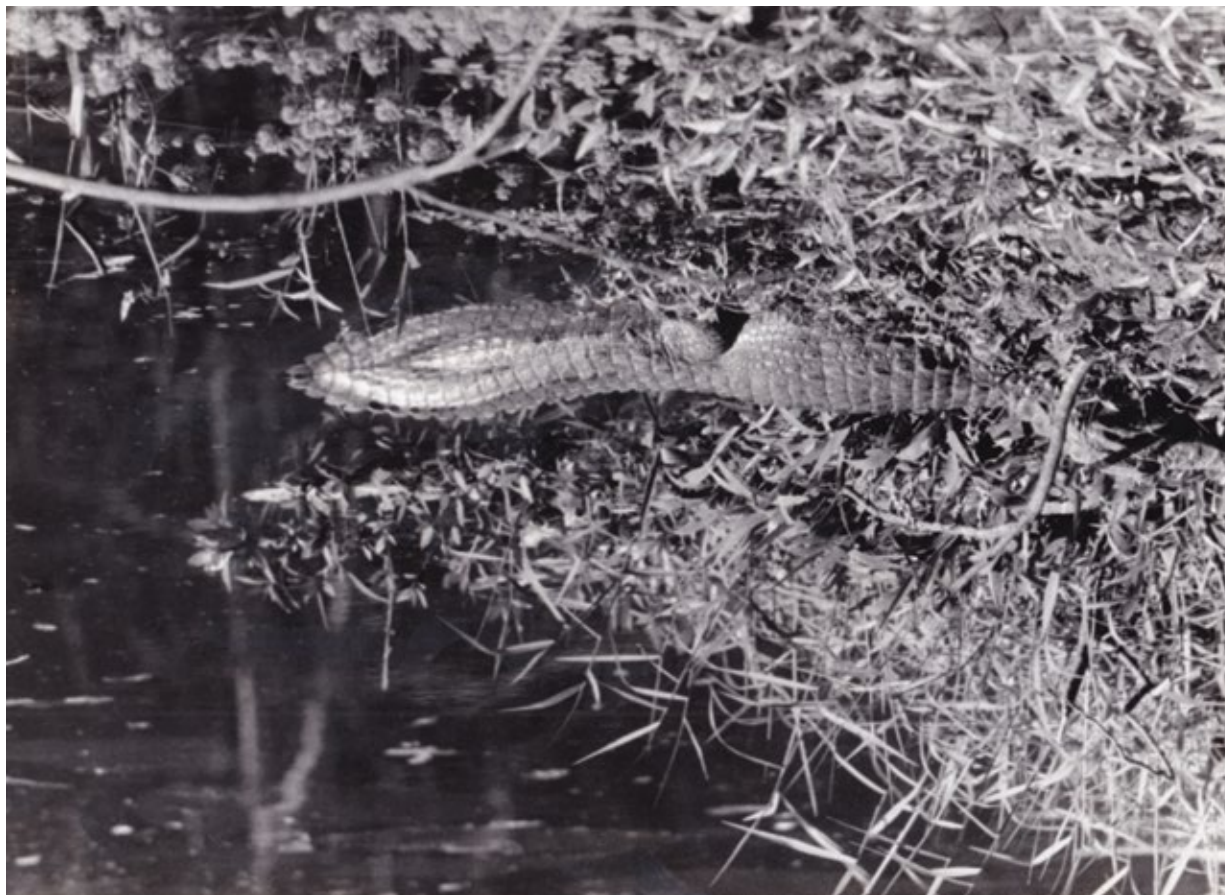


Onça-parda que ficou hospedada no mini zoológico até ser transferida para o ambiente natural

ACERVO NDPH - Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica/acervo Jornal Folha de Londrina/Milton Dória

promover a mudança dos servidores. Além de quererem utilizar as casas para depósito, almoxarifado e demais serviços, havia outro motivo, que era manter e preservar as espécies, muitas das quais com rotinas noturnas.

De carpidor, Nilson foi trabalhando em diversas funções dentro da prefeitura. Era ele quem capinava, inclusive, a beirada do parque, na margem da Avenida Dez de Dezembro, próximo à cerca. Naquela época, uma empresa terceirizada



Jacaré apelidado de “Ligeirinho” que habitava o lago do Parque em 1988

ACERVO NDPH – Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica/acervo Jornal Folha de Londrina



Crianças nadando no Ribeirão Cambé, dentro do Parque Arthur Thomas, em 1988  
ACERVO NDPH – Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica/acervo Jornal Folha de Londrina/Roberto Brasiliano

fazia a ronda do Arthur Thomas e o vigilante de motocicleta passava pelas trilhas e pelo caminho roçado. Mais tarde, Nilson passou a operar máquinas e o serviço passou a ser mais fora do que dentro do parque. Com o tempo, vieram os caminhões, até que, nos últimos anos, ele assumiu a função de coordenador de equipes da prefeitura, até se aposentar, no dia 1º de janeiro de 2024.

Nesses quase 40 anos de trabalho, Nilson tem noção de que viveu e trabalhou

em meio a uma joia da natureza. O servidor aposentado sabe que o parque é uma riqueza inestimável. Ao longo do tempo, já testemunhou autoridades plantarem árvores e, também, crianças pescando. Em uma certa ronda pelo parque, Nilson e sua equipe flagraram um moleque pescando em uma das pontes, na ponta esquerda do lago do Ribeirão Cambé. O garoto estava sentado segurando um fiozinho e, ao lado, um samburá. Já havia alguns peixes que, somados, davam cerca de 1 kg.

Quando Nilson se aproximou, disse ao garoto que ele estava pescando num lugar onde era proibido. O rapaz encheu os olhos d'água, insistiu com Nilson que lhe deixasse levar os peixes pescados. Mas o servidor da prefeitura foi firme e reafirmou que soltaria os peixes de volta no rio. Porém, o menino foi esperto. E pediu a Nilson que, ao menos, deixasse levar os peixes que havia colocado no meio do mato. O coração de Nilson amoleceu e ele permitiu. Só não sabia que, juntos, os peixes colocados no meio do mato somavam cerca de 5 kg. Ao menos fez uma criança feliz.

Houve um tempo em que, antes do parque, antes mesmo da primeira usina hidrelétrica, a molecada podia pescar no Ribeirão Cambé sem se preocupar. Havia peixes de sobra. Omeletino Benatto que o diga. Pescou muito lambari no local. Com o tempo, a água ficou mais rasa e os peixes, mais escassos. Tudo consequência da ação antrópica. Por isso, manter o Parque Arthur Thomas é uma missão desafiadora. Cada vez mais sentindo a pressão do crescimento e do desenvolvimento urbano, o parque ainda tem riquezas inestimáveis: um curso d'água, abastecido por pelo menos outros seis; uma fauna silvestre que surpreende com exemplares raros ou quase ameaçados de extinção; e uma floresta nativa que mantém um remanescente ímpar de Mata Atlântica.

## A Criação da AMA

Com 8,5 quilômetros de extensão, a Avenida Dez de Dezembro, nominada para homenagear a data em que Londrina oficialmente foi transformada em município, mais conhecida como Via Expressa, é um dos marcos do planejamento urbano da cidade. A via conecta a BR-369 à PR-445, as duas principais rodovias que cortam Londrina. Mas, quando foi inaugurada, em 11 de setembro de 1977, a região onde



Construção do portal do Parque, inaugurado em 1987

ACERVO NDPH - Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica/acervo Jornal Folha de Londrina/J. Pedro

foi implementada era praticamente um vazio urbano. E grande parte disso se dava por conta do hoje Parque Arthur Thomas, uma área de 85 hectares doada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná para a construção do parque, aberto em 1987.

Em pleno 2024, de dentro do parque, principalmente na região da sede da Secretaria Municipal do Ambiente, é possível ouvir o barulho da movimentação da cidade: trânsito, obras e construções. À medida que se vai caminhando pelo interior do parque, a trilha sonora vai se transformando e a movimentação urbana dá lugar ao canto dos passarinhos e ao cair da água que forma a cachoeira. Da mesma maneira, a temperatura diminui, fica mais amena e isso possibilita um conforto térmico melhor, elevando a qualidade do ar, que parece mais puro no respirar. E isso influi diretamente no estresse e na ansiedade, que diminuem à medida que o contato com a natureza aumenta.

Carlos Alberto Hirata foi o grande responsável por tornar o Parque Arthur Thomas a sede da hoje Secretaria Municipal do Ambiente. No início da década de 1990, ele foi convidado para implantar a Autarquia Municipal do Ambiente (AMA), criada através da Lei N° 5.497, de 27 de julho de 1993, proposta pelo executivo municipal e sancionada pelo então prefeito Luiz Eduardo Cheida. Hirata é bacharel e licenciado em Geografia e ministrava aulas na Universidade Estadual de Londrina. Na época, foi convidado pela administração municipal para ajudar a resolver problemas burocráticos de uma dívida que impediam a prefeitura de acessar recursos federais.

Em três semanas, Hirata resolveu os problemas e, então, foi convidado para ajudar a administração pública na Secretaria Municipal da Fazenda, onde passou mais seis meses. Na ocasião, o então professor foi cedido pela universidade para ajudar a prefeitura. Nesse ínterim, um grupo propôs ao prefeito criar a Autarquia Municipal do Ambiente. E, como tinha adquirido fama de faz tudo que ajudava a resolver as coisas, o convite para implantar a AMA foi natural. A primeira ação foi juntar algumas pessoas para compor um quadro mínimo de funcionários. Alguns até tinham sido ex-alunos na universidade e integravam a equipe multidisciplinar, com sociólogo, geógrafo, arquiteto, administrador e advogado.

Inicialmente, a AMA assumiu a administração da antiga Secretaria de Serviço Público, uma espécie de guarda-chuva da parte ambiental, com um departamento que cuidava de parques e jardins, além

do transporte público. O organograma previsto em lei era composto de conselho administrativo, diretoria e Conselho Municipal do Meio Ambiente. A partir daí, Hirata aproveitou algumas frentes de trabalho que haviam sido criadas alguns anos antes para ajudar a conservar e zelar pela cidade. Para isso, foi necessário instituir jurídica e burocraticamente a autarquia, solicitando cadastro junto à Receita Federal, criando um CNPJ e, de fato, aplicando na prática a existência da lei.

Em 1993, Hirata passava pelo Parque Arthur Thomas e observava um descampado próximo à entrada, onde funcionava uma espécie de viveiro, um arboreto onde se plantavam algumas árvores que serviriam de mudas para serem plantadas pela cidade. As mudas foram plantadas com objetivo de dar suporte à arborização urbana e à recuperação de áreas desmatadas. Mais tarde, o viveiro foi transferido de local. Alguns eucaliptos são remanescentes do tempo em que a área pertencia à Companhia de Terras Norte do Paraná.

Àquela altura, funcionava no local a Secretaria Municipal de Agricultura e uma guarnição da Polícia Ambiental. E Hirata vislumbrou a possibilidade de construir ali uma sede para a AMA. Frequentemente, ele passava em frente a uma madeireira que trabalhava com casas pré-fabricadas produzidas com madeira tratada. Um dia, resolveu parar e entrar no local para perguntar quanto custava uma casa daquelas e quanto tempo demorava para ser construída.

A resposta foi que poderia ser do jeito que o cliente quisesse. Então, Hirata elaborou uma estrutura mais enxuta, com salas destinadas à presidência e às diretorias existentes, como a de operações, a administrativa e a técnica, além da divisão de jardinagem. A construção do projeto da sede da autarquia ficou em cerca de Cr\$ 30 mil (trinta mil cruzeiros), considerada uma obra rápida e barata para os padrões da época. A construção permanece em funcionamento até hoje, tendo passado por uma troca de telhado durante os mais de 30 anos de existência.

Ao mesmo tempo, foi preciso retirar algumas famílias que moravam ali no parque. Era comum a prefeitura ceder a moradia a famílias de baixa renda em troca delas manterem o local monitorado, limpo e seguro. Havia algumas casas instaladas no espaço do viveiro e o município havia concedido uma permissão precária de uso. Uma família permaneceu morando no parque até alguns anos mais tarde, mas foi retirada definitivamente depois que a filha do casal contraiu Leishmaniose Tegumentar,



Soltura de pássaros silvestres apreendidos pela Polícia Ambiental em 1988

ACERVO NDPH – Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica/acervo Jornal Folha de Londrina/Dorico da Silva



uma doença infecciosa, não contagiosa, que provoca úlceras na pele e mucosas, causada por protozoários do gênero *Leishmania*, transmitida ao ser humano pela picada das fêmeas de flebotomíneos, uma espécie de mosca, infectadas.

A retirada das famílias era importante não apenas pela segurança delas mesmas, mas, também, porque o parque, como parte das unidades de conversação, precisava cumprir uma série de requisitos legais e burocráticos, inclusive para obter o ICMS Ecológico, um recurso destinado ao município com base na proteção

ambiental e que depende do comprometimento com a preservação das suas unidades de conservação e mananciais.

O gabinete da prefeitura de Londrina enviou o Ofício nº 376, datado de 26 de abril de 1994, ao Instituto Ambiental do Paraná (IAP) com a documentação necessária para o cadastramento do Parque Municipal Arthur Thomas como nova Unidade de Conservação, para fins de recebimento do ICMS Ecológico. Em 30 de maio, o IAP enviou resposta à prefeitura aprovando a solicitação para o cadastramento do parque municipal como nova Unidade de Conservação. A partir desta aprovação, foram realizados, pelo IAP, os procedimentos de avaliação da qualidade da Unidade de Conservação para determinar o valor do ICMS Ecológico a ser destinado ao parque. Depois de estabelecidos esses valores, o parque passou a beneficiar o município com o recebimento do ICMS Ecológico.

Carlos Alberto Hirata permaneceu quase dois anos à frente da AMA, tempo suficiente para criar alguns projetos, um deles em atividade até hoje. O primeiro era uma gincana de coleta seletiva nas escolas municipais. E o outro era “A Escola Vai ao Parque”, hoje conhecido como “Descobrimo o Parque”, através do qual cerca de cem crianças, metade durante a manhã e a outra metade durante a tarde, visitavam o Parque Arthur Thomas. Além disso, havia ainda um programa de preservação ambiental que consistia na coleta de mudas e sementes para produção de árvores destinadas à rearborização urbana. Ao todo, foram oito ou nove projetos desenvolvidos e um saldo de 17 ou 18 funcionários efetivos.

Deu tempo até de conhecer o ator Paulo Autran. Em 1994, a Companhia Armazém de Teatro, fundada em 1987 em Londrina, realizou o espetáculo “A Tempestade”, sob direção de Paulo de Moraes e protagonizado por Paulo Autran. O espetáculo estreou nas comemorações dos 60 anos de Londrina, quando o grupo se apresentou ao ar livre, num palco flutuante montado no Lago Igapó na altura do anfiteatro. Paulo Autran contou, em uma entrevista no Programa do Jô, apresentado por Jô Soares, no SBT, em 1995, que, para essa apresentação, morou em Londrina por dois meses. O tempo foi utilizado para os ensaios da peça.

Hirata ajudou a organizar, a preparar o ambiente para receber a peça. Entretanto, no dia de assistir

ao espetáculo, depois de ficar na fila, acabou não conseguindo entrar porque os ingressos já haviam se esgotado. Quis o destino, talvez pelo longo período que permaneceu na cidade, que Paulo Autran fosse convidado para conhecer a recém-construída e bucólica sede da AMA, fazer uma caminhada no Parque Arthur Thomas. Era comum, naquela época, convidar alguma autoridade ou personalidade para fazer o plantio de uma muda de pau-brasil no parque. E Paulo Autran aceitou o convite. Uma fotografia registrada pela fotógrafa Elvira Alegre eterniza a visita do ator Paulo Autran ao parque.

Na ocasião, Elvira Alegre era fotógrafa contratada para fazer pautas freelancers da Prefeitura de Londrina. Ela havia trabalhado na campanha do então prefeito Luiz Eduardo Cheida, que foi vereador entre 1989 e 1992 e eleito prefeito para o mandato de 1993 a 1996. E, por ter sido uma ação da AMA, criada na gestão de Cheida, Elvira foi escalada para fotografar. Além de Hirata, que era diretor da AMA, e do ator Paulo Autran, estavam também Hélio Dutra de Souza, que ocupava um cargo equivalente a secretário municipal, como uma espécie de presidente da AMA, e José Antônio



Em visita ao Parque Municipal em 1994, o ator Paulo Autran plantou uma muda de pau-brasil

FOTO Elvira Alegre

Tadeu Felismino, que também havia sido vereador na legislatura anterior e desenvolvia atividades na gestão municipal.

Elvira se lembra que Paulo Autran era muito simpático, extremamente acessível, bastante risonho e falante. Estava feliz em Londrina. A Jô Soares, disse que o fato de ter morado durante dois meses em uma cidade tranquila lhe permitiu não ter tantos compromissos sociais e reservar mais tempo para ler. Além disso, Elvira se recorda de um Paulo Autran curioso, perguntador. Ao se lembrar desse dia, parece ouvir a voz do ator, com uma dicção muito boa durante a conversação, ainda que informal.

Uma foto como essa, eternizando a visita de Paulo Autran em Londrina, pode ter sido enviada à imprensa local da época. Em 1994, o procedimento fotográfico era diferente do que é hoje. Primeiro, os filmes tinham de ser revelados em um laboratório, uma espécie de cômodo escuro, à luz vermelha. O espaço ficava localizado nos andares debaixo do prédio da prefeitura municipal. De lá, depois de reveladas, as fotos eram enviadas em envelopes para as redações de jornal, essencialmente na ocasião a Folha de Londrina e o Jornal de Londrina. Os jornais decidiam se aproveitavam para alguma nota, reportagem ou para coluna social.

Sendo fotógrafa freelancer da prefeitura de Londrina, Elvira tinha um acesso diferente ao Parque Arthur Thomas. Estava sempre por lá registrando alguma coisa para a AMA. Vez ou outra, até mesmo no domingo, levava os filhos para visitar o parque. Caminhava pelas trilhas, gostava de estar no meio da natureza. Passava pelo ribeirão, pela cachoeira, ia até a antiga usina. Gostava de ficar ali, no meio da rua de paralelepípedo ouvindo o som dos pássaros, o movimento dos animais. Nessas andanças, deparou-se muito com alguns animais recorrentes no parque, como os quatis e os macaquinhos.

Noutra ocasião, Elvira se lembra de ter fotografado a emblemática figura de Ney Aminthas de Barros Braga. Mais conhecido como Ney Braga, foi governador do Paraná por duas vezes, senador, deputado federal, prefeito de Curitiba, ministro da Educação e Cultura, além da Agricultura. Alguns anos antes de morrer, em 2000, visitou Londrina e também foi convidado para plantar uma muda de árvore no Parque Arthur Thomas. Desta vez, no entanto, Elvira estava a serviço de algum dos jornais locais, da Folha de Londrina ou do Jornal de Londrina. O plantio foi bem em frente à sede de madeira da AMA.



Quati

Mesmo já com idade avançada, Ney Braga obedeceu às coordenadas da fotógrafa. Elvira ficou em pé para clicar Ney Braga, depois sentou-se, deitou no chão, tudo para registrar o ângulo perfeito. Queria fotografar a muda em primeiro plano, com as mãos de Ney Braga segurando-a firme e plantando. São lembranças que ficarão para sempre na memória e na história do parque.

## Descobrimo o Parque

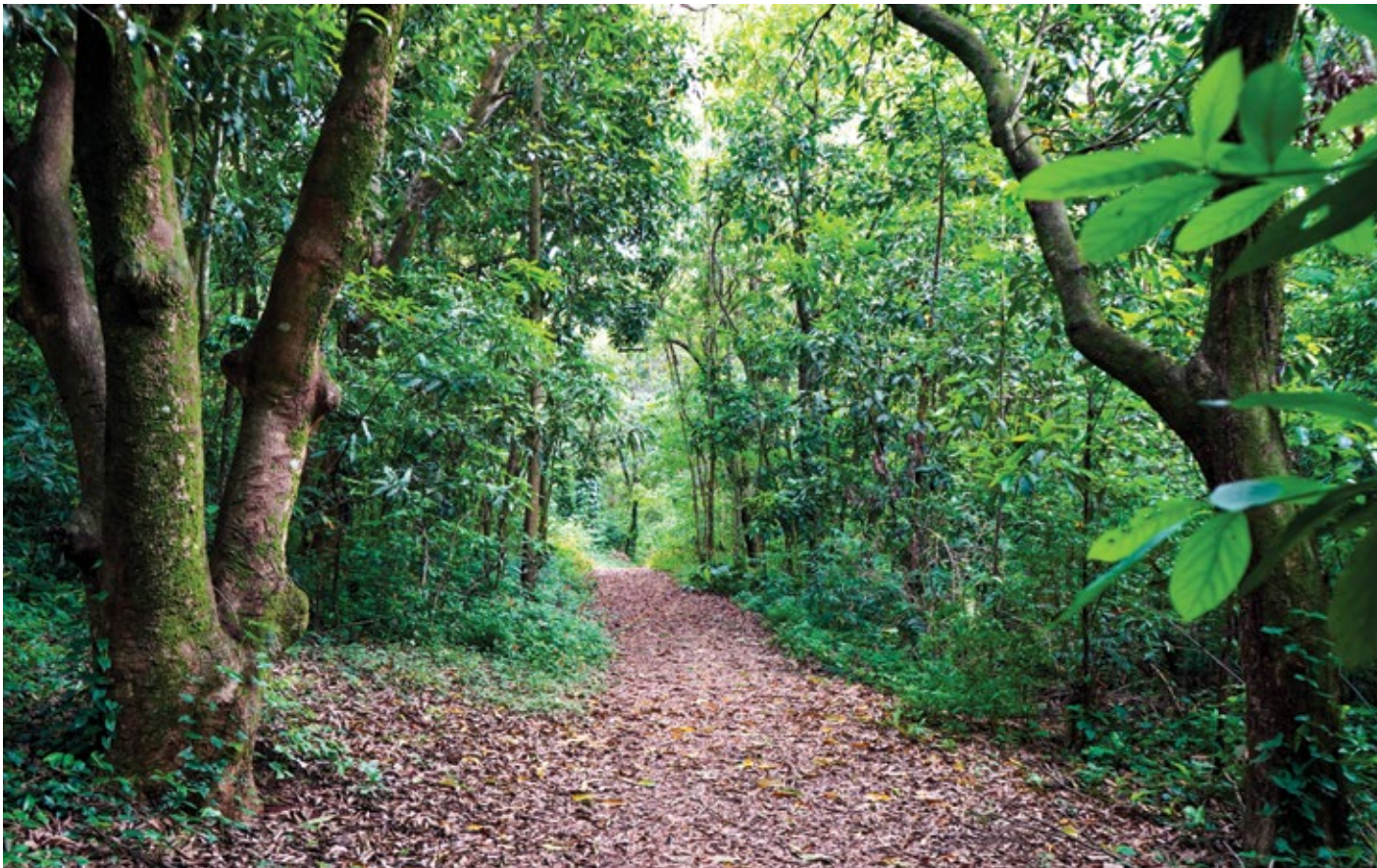
Quando Queila Maria Lautenschlager Spoladore chegou ao Parque Arthur Thomas para trabalhar, em 1996, fazia um ano que existia um projeto que recebia visitas de escolas com crianças estudantes. No início, o projeto “A Escola Vai ao Parque” tinha como foco justamente promover uma verdadeira aula a céu aberto, trazendo as crianças para visitar e conhecer o parque. Era importante promover a interação dos estudantes com o ambiente natural. A caminhada que as crianças faziam pelas trilhas do parque era uma maneira de ajudar a conhecer a natureza e a descobrir a importância de uma área preservada para o ecossistema, para a cidade. Uma prazerosa forma de interagir.

Ao longo do tempo, o projeto sofreu algumas interrupções, de modo especial após as chuvas de 2016, que afetaram, inclusive, as trilhas do parque, obrigando a equipe da educação ambiental da Secretaria Municipal do Ambiente (SEMA) adaptar a visita. Mas, de qualquer maneira, a essência do projeto nunca mudou, apesar de que o nome foi alterado posteriormente para “Descobrimo o Parque”, com o objetivo de ampliar o atendimento para outros públicos além das crianças estudantes, tais como adultos, jovens, grupos turísticos, empresas e até idosos. Milhares e milhares de pessoas passaram pelo Parque Arthur Thomas, desde 1995, através do programa de visitas. Inclusive estudantes de outras cidades. Há registros pela imprensa de visitas de Ivaiporã, de Assaí, de Cornélio Procópio e até de escolas



Queila começou a trabalhar no parque no início do projeto de educação ambiental

FOTO Luciano Schmeiske Pascoal



Trilhas no Parque Arthur Thomas são um convite a explorar a mata no meio da cidade  
FOTO Luciano Schmeiske Pascoal

da região de Chavantes, na divisa do Paraná com São Paulo. A visita funciona da seguinte maneira: acompanhados por um monitor, os visitantes fazem uma caminhada pré-estabelecida e, durante o percurso, recebem informações sobre a história do parque e seus aspectos físicos, como hidrografia, relevo, vegetação e sobre as espécies de animais que moram no local. Os visitantes podem tirar dúvidas com os monitores ao longo do trajeto, aprendendo sobre os aspectos ambientais do parque.

A própria Queila Spoladore ficou impressionada quando chegou ao Parque Arthur Thomas. Vinda de uma cidade do interior de São Paulo com poucas árvores, ela ficou surpresa com um ambiente natural no meio da cidade. A mesma surpresa que muitos visitantes têm ao conhecerem o Parque Arthur Thomas pela primeira vez. Um espaço que, além de agradável, possibilita desconectar-se do barulho corriqueiro de uma cidade, do trânsito. Ao contrário, Queila ressalta a possibilidade de descobrir sons dos quais não se está acostumado a ouvir, como a cachoeira e o próprio ruído da mata, dos animais circulando, dos pássaros voando de uma árvore à outra.

Até porque, o parque é a casa de muitos animais, que ficam soltos e transitando pelo espaço livremente. Então, é perfeitamente possível se deparar com insetos, borboletas e outros tipos de animais que vivem na mata. Entre os mamíferos, por exemplo, 18 diferentes espécies habitam o Parque Arthur Thomas, como gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*), tatu-galinha (*Dasyopus novemcinctus*), tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*), tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*), macaco-prego-preto (*Sapajus nigritus*), capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*), paca (*Cuniculus paca*), cutia (*Dasyprocta azarae*), ratão-do-banhado (*Myocastor coypus*), ouriço-cacheiro (*Coendou spinosus*), caxinguelê (*Guerlinguetus brasiliensis*), cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*), irara (*Eira barbara*), lontra (*Lontra longicaudis*), quati (*Nasua nasua*), gato-mourisco (*Herpailurus yagouaroundi*), gato-do-mato-pequeno (*Leopardus guttulus*) e gato-maracajá (*Leopardus wiedii*). Entre as aves, são pelo menos cem espécies diferentes que habitam o local ou passam pelo parque em migração transitória.

Alini Nunes de Oliveira nunca havia visto uma cobra até encontrar com uma em uma das trilhas do Parque Arthur Thomas. Nascida em Ivaiporã, morou em Jardim Alegre e em Andirá até se mudar com a família para Londrina, em 1999. Em Londrina, cursou Turismo na Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) e Geografia na Universidade Estadual de Londrina (UEL). No último ano da faculdade, em 2005, surgiu uma oportunidade de fazer um estágio no Parque Arthur Thomas. Ela sempre gostou de áreas verdes, da natureza, já havia visitado o parque com a família, então, resolveu se inscrever no edital. E passou.

O trabalho era no departamento de educação ambiental, justamente com o projeto “Descobrimo o Parque”. Entre as funções do trabalho estava acompanhar a monitora nas trilhas durante as visitas das



Quati

escolas e de outros grupos. Numa dessas visitas, eram 50 crianças acompanhadas de alguns professores. Numa das trilhas, percorrendo o trajeto, uma das crianças chama Alini e aponta para uma cobra, mostrando o réptil passando pelo caminho. Era um morro um pouco mais alto, num relevo mais acidentado, e o animal estava no canto da trilha.

Por dentro, Alini estava desesperada. Não apenas pelo medo do animal, mas, também e principalmente, pela preocupação com as crianças. Entretanto, precisou



Os macacos são os animais mais característicos e mais avistados no Parque Arthur Thomas durante as visitas

**CRÉDITO** NDPH - Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica/acervo Jornal Folha de Londrina/J. Pedro

manter a calma e transmitir segurança aos visitantes. Então, pediu que as crianças se afastassem um pouco, que deixassem a cobra passar porque ela estava no ambiente dela, na casa dela. Provavelmente a cobra não era peçonhenta, era um animal pequeno e como a maioria das cobras que habitam o parque, não era venenosa. Em seguida, continuou a visita, guiando os estudantes pela trilha, embora o trauma de cobra tenha permanecido para sempre.

Situações como essa são comuns no parque. Queila se recorda que os estagiários, muitos que passaram pela educação ambiental, ficavam eufóricos para compartilhar as experiências que vivenciaram. Alguns animais têm hábitos diurnos enquanto outros costumam aparecer à noite, sendo vistos mais por armadilhas fotográficas. Entre os que aparecem de dia estão a cutia, os quatis e os macacos. Alini também passou por uma experiência com os macaquinhos, considerados símbolos do parque. Ela sempre ouvia os colegas de trabalho contarem histórias de que os macacos pegavam bolsas, roubavam salgadinhos.

Até que, um dia, ela própria testemunhou uma ação dessas e ficou de frente, cara a cara, com um macaco. Ao chegar à cozinha, viu um macaquinho em cima da geladeira, com o pote de açúcar aberto na mão e uma cara de culpado. A cena também é comum entre os moradores no entorno do Parque Arthur Thomas. Os vizinhos estão acostumados à invasão dos macacos e, também, dos quatis. Com as casas muito perto da mata, no entorno de bairros como o Jardim Califórnia ou o Jardim Piza, os primatas, por exemplo, escalam muros, sobem nos telhados e, se encontram portas e janelas abertas, acabam pegando alimentos sobre as mesas.

Embora a orientação das autoridades e dos pesquisadores seja sempre não alimentar os animais, são eles mesmo que aproveitam da disponibilidade e abundância para se alimentarem. Inclusive em lixeiras do parque, com restos de comida e frutas. Com o advento das redes sociais e das tecnologias de gravação em vídeo em smartphones, ficou mais fácil para os moradores registrarem as invasões e publicarem na internet. Moradores do Jardim Monte Carlo flagraram macacos roubando bananas de uma bananeira plantada no quintal.

Daí a importância da educação ambiental, seja para crianças, seja para adultos e idosos. É uma verdadeira construção, que necessita de manutenção permanente. Construir a consciência ambiental

ajuda, inclusive, as pessoas a entenderem a importância de não alimentar os animais ou permitir que eles circulem livremente pelo próprio habitat, sem se assustar ou tomar medidas desesperadas que prejudiquem o meio ambiente. Olhando para a natureza com o olhar da educação ambiental, é possível enxergar um ambiente como o Parque Arthur Thomas como um local agradável, de encontro de paz interior, de desestresse e relaxamento. Queila entende que a educação ambiental precisa tocar o coração das pessoas para provocar a transformação necessária.

Recentemente, Daiane Fernandes Ferreira, formada em Direito em 2013, passou por uma experiência nostálgica no Parque Arthur Thomas. Em janeiro de 2023, ela foi trabalhar no parque como servidora concursada efetiva da prefeitura, exercendo o cargo de técnica de gestão pública, dando apoio à parte administrativa da SEMA, onde também fazia atendimento ao público. Quando pisou no parque para iniciar o trabalho, foi inevitável se lembrar da experiência que teve quase duas décadas antes como estudante.

Londrinense, Daiane visitou o Parque Arthur Thomas quando era criança. Jamais imaginou que, um dia, quase 20 anos depois, trabalharia no mesmo local visitado com a escola. Quando tinha seus 12 anos, por volta de 2003, ela estudava no Colégio Estadual Marcelino Champagnat. E teve uma aula diferente, uma visita guiada ao Parque Arthur Thomas. Seu professor era Jorge Akira Oyama, formado em Ciências Biológicas e que coincidentemente começara a trabalhar no parque exatamente em 2003. Jorge havia organizado o passeio e levado a turma para essa aula fora da sala de aula. Daiane se lembra que estava com as amigas, se recorda de ter andado por uma trilha de mata fechada. E sentiu toda a nostalgia dessa visita quando, ao começar a trabalhar no Parque Arthur Thomas, reencontrou o ex-professor, que agora trabalha no setor de Gerência de Parques e Biodiversidade. Considera um presente na vida adulta ter tido a oportunidade de trabalhar numa unidade de conservação, com uma energia diferenciada, sentindo a potência da natureza, repleta de árvores. Daiane permaneceu no Parque Arthur Thomas, como funcionária da SEMA, durante cerca de um ano e meio, quando foi aprovada num concurso estadual e precisou se desligar para assumir uma vaga em outra instituição.

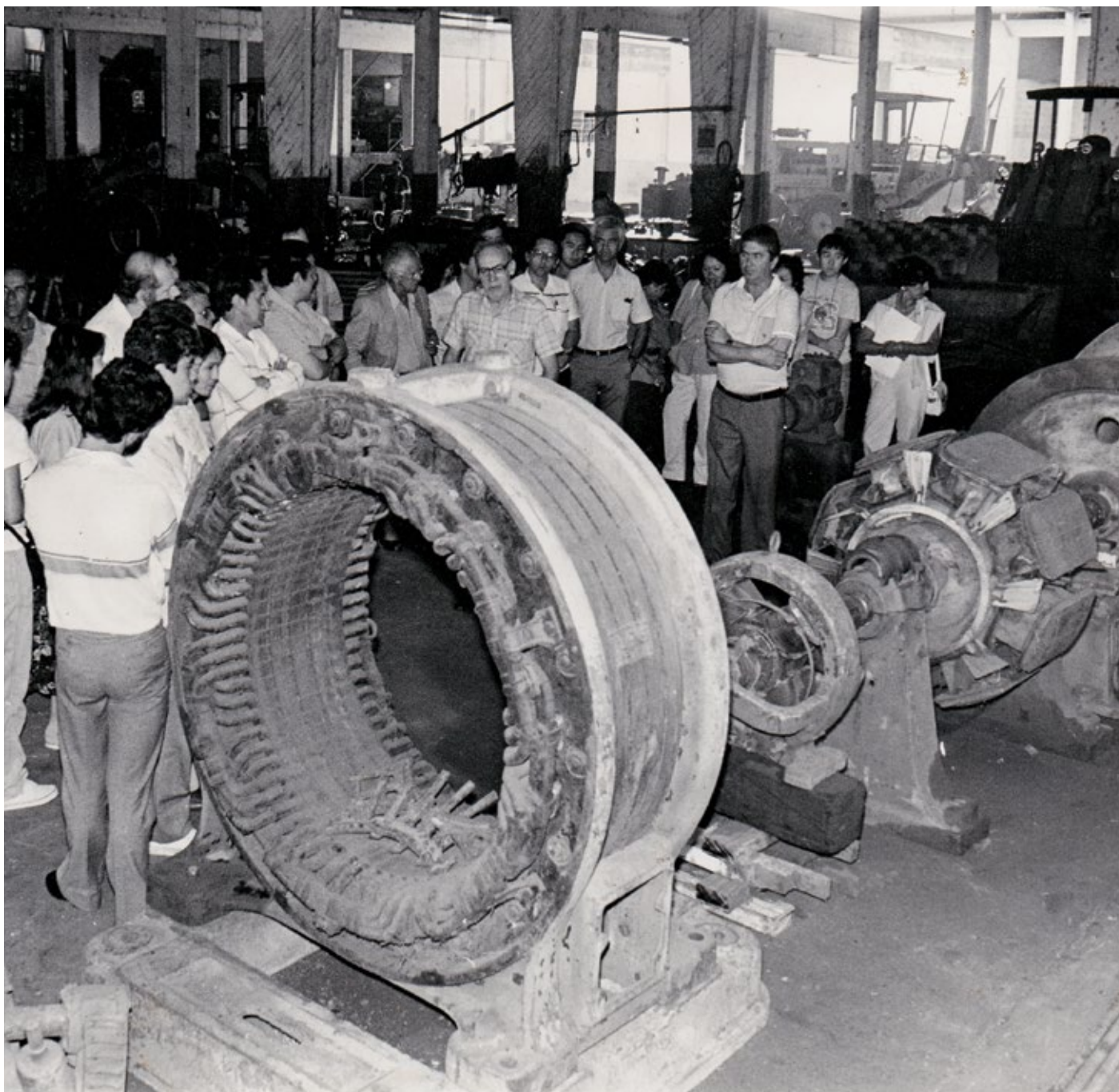
Desde que o projeto de educação ambiental foi criado, o Parque Arthur Thomas recebeu milhares de visitantes por ano. Em alguns anos, um pouco mais. Enquanto em outros, um pouco menos. Nem sempre



Nos últimos anos, um centro de educação ambiental foi construído a partir de um termo de ajustamento de conduta

**FOTO** Luciano Schmeiske Pascoal

foi possível contabilizar ou, em alguns casos, os dados aparecem misturados com os de visitantes de outros parques. Em 1995, foram 16.369 estudantes, seguidos por 10.641 (1996), 13.548 (1997), 14.606 (1998), 16.795 (1999) e, no auge do projeto, 19.296 em 2000. Nesse período de muitos atendimentos, quando ainda era apenas um projeto e não um departamento, havia uma equipe de estagiários voltados somente para atender as escolas, o que possibilitava atender várias turmas ao mesmo tempo. Nos anos 2001 e 2002, não foram desenvolvidas atividades do “Descobrimo o Parque”.



Estudantes visitam a usina hidrelétrica do Parque em 1987

CRÉDITO NDPH - Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica/acervo Jornal Folha de Londrina

Os números voltam a ser contabilizados a partir de 2003, mas, em uma quantidade bem menor: 1.279 (2003), 960 (2004), 1.985 (2005), 2.802 (2006), 4.272 (2007), 1.715 (2008), 1.272 (2009), 4.685 (2010), 912 (2011), 1.561 (2012), 2.208 (2013), 2.209 (2014), 1.332 (2015), 199 (2016), 1.158 (2017), 454 (2018), 1.234 (2019), 2.287 (2022) e 4.038 (2023). Até agosto de 2024, já haviam sido atendidas 2.311 crianças no projeto “Descobrimo o Parque”. Durante esses anos, de 2012 a 2015, os dados estão misturados aos de outros parques de Londrina. Em 2016, o parque foi atingido pelas fortes chuvas de janeiro, causando a interdição das trilhas para acesso ao público e foi reaberto em novembro daquele ano. Já entre 2020 e 2021, o Arthur Thomas esteve fechado por conta da pandemia do coronavírus, sendo reaberto em janeiro de 2022.

Se o leitor me permite um parêntese, deixarei a narrativa em terceira pessoa de lado por algumas linhas para contar que eu próprio visitei o Parque Arthur Thomas com a escola. Na época, devia ser o ano 2000, eu estava na oitava série do Colégio Estadual Hugo Simas. A professora de Ciências organizou o passeio e alugou um ônibus para levar duas turmas ao parque. Lá, passamos o período visitando as trilhas e, depois, tomando um lanche em um piquenique no gramado à beira do Ribeirão Cambé. Hoje, olho para trás e vejo que aquele pré-adolescente mal entendia a riqueza onde estava pisando. Mas, consigo enxergar o impacto que a visita provocou em uma consciência ambiental que passou a se formar e que foi acrescida de muitas outras experiências posteriores.

De fato, quando pré-adolescente, mal se pode imaginar que, no meu caso, mais de duas décadas depois, não só estaria escrevendo um livro sobre o Parque Arthur Thomas como já teria redigido diversas reportagens publicadas sobre o parque e sobre os projetos de educação ambiental da SEMA. Juntas, essas peças de um quebra-cabeça resultam na compreensão de que áreas como o Parque Arthur Thomas são fundamentais para a vida da cidade, para manter o microclima, para equilibrar a pureza do oxigênio, para se ter um refúgio urbano capaz de recarregar as energias em algumas horas, para se conectar com a natureza, literalmente, no meio da agitação cotidiana. Uma área como o Parque Arthur Thomas não é apenas a casa de muitas espécies, mas um recorte que conta a História de Londrina.

## **Anedota de Beto Carrero**

Era uma quarta-feira, dia 28 de maio de 1997. O empresário João Batista Sérgio Murad desembarcara em Londrina por volta de 12h30. Mais conhecido como Beto Carrero, viera à cidade promover seu circo Ginásio Sobre Lonas e participar da estreia do espetáculo, que estava instalado no centro da cidade ao lado da Super Creche. Àquela época, o artista já havia criado, em 1991, o parque que o tornou ainda mais famoso pelo Brasil, o Beto Carrero World, na cidade de Penha, em Santa Catarina. O complexo começou com alguns brinquedos infantis e duas lonas de circo. Com o tempo, foi ganhando novas atrações e áreas temáticas, mas ainda estava longe de se tornar um dos maiores parques temáticos da América Latina.

Além de empresário e artista, Beto Carrero colecionava uma série de atividades no currículo: músico sertanejo, locutor de rodeios, agente de talentos e publicitário. Poderíamos dizer, talvez, bastante marketeiro. Sabia dar um show e promovê-lo. Ao desembarcar em Londrina, foi visitar o Parque Arthur Thomas, ao lado do então prefeito Antônio Belinati e do vice-prefeito, Alex Canziani, que, naquele momento, ocupava também o cargo de diretor-presidente do Instituto de Desenvolvimento de Londrina (CODEL). Também acompanhou a visita o diretor-presidente da Autarquia do Meio Ambiente (AMA), Nelson Kohatsu.

Alex sempre considerou o Parque Arthur Thomas como um ativo importante na cidade, que nem sempre é adequadamente aproveitado como potencial turístico. Então, quando Beto Carrero esteve em Londrina, levou o artista para conhecer o Parque Arthur Thomas, ao lado do prefeito Antônio Belinati. O empresário ficou encantado com as belezas naturais do parque e disse à imprensa local, em reportagem registrada pela Folha de Londrina, que o Arthur Thomas tinha potencial para abrigar um parque temático Beto Carrero World. E disse ainda que as chances disso acontecer giravam em torno de 70%, que já ia mandar preparar um projeto, dentro de seis meses, para explorar o local e enviaria dois engenheiros para levantar as potencialidades e viabilidade econômica.

Enquanto caminhava pelo parque, andando de cima a baixo pelas trilhas, Beto Carrero apontava para aqui, ali ou acolá e dizia que dava para fazer isso, dava para fazer aquilo. Uma das possibilidades



**Rei do entretenimento**  
Beto Carrero ao lado de Belinati, com Alex Canziani ao fundo, ontem, no Parque Arthur Thomas. O empresário (no detalhe) se disse encantado com as belezas naturais do lugar e já prepara projeto de exploração para o lazer

## CENTRO DE LAZER

# Beto Carrero estuda a construção de parque temático em Londrina

*Empresário disse ontem que "chances são de 70%"*

**Cláudia Lopes**

O Parque Arthur Thomas pode virar um parque temático Beto Carrero World. As chances disso acontecer são de 70%, segundo o empresário João Batista Sérgio Murad - o Beto Carrero - que veio a Londrina participar do espetáculo de estréia do circo "Ginásio sobre Lonas", instalado ao lado da Superereche, no centro da cidade. Marcada para ontem, a estréia foi adiada para hoje às 21h, por problemas técnicos.

Proprietário do Beto Carrero World, em funcionamento há cinco anos no balneário da Penha (SC), o empresário visitou o Arthur Thomas ontem, assim que desembarcou em Londrina, às 12h30, ficando encantado com as belezas naturais do local. "O Arthur Thomas tem vocação para abrigar um parque temático", avalia. "Vamos fazer um projeto nos próximos seis meses, levantando as potencialidades e a viabilidade econômica de se investir na cidade", explica Carrero, que volta ao Arthur Thomas hoje pela manhã. O parque londrinense tem 43 alqueires.

Antes de investir no Balneário

de Penha, o empresário diz ter cogitado a instalação de um parque em Vila Velha. "Meu primeiro projeto era investir no Paraná", disse. Considerado o 5º maior parque do mundo, o Beto Carrero World, em Santa Catarina, ocupa uma área de 14 milhões de metros quadrados. O empresário Beto Carrero investiu US\$ 120 milhões no parque até agora, que gera 1,3 mil empregos diretos. "Neste ano, vamos investir mais US\$ 30 milhões naquele parque e mais US\$ 25 milhões em hotelaria em Penha", calcula. Segundo ele, desde que foi inaugurado, seis milhões de pessoas já estiveram no Beto Carrero World.

O segundo parque do empresário está sendo construído em Valinhos (SP) e deve ficar pronto no início do próximo ano. Carrero diz estar investindo US\$ 150 milhões no novo negócio, que ocupará uma área de quatro milhões de metros quadrados. "Como num raio de 100 quilômetros de Valinhos, há 20 milhões de pessoas, este parque deverá receber

uma média anual de quatro milhões de visitantes, com um faturamento de US\$ 100 milhões por ano", prevê. O faturamento do parque de Santa Catarina no ano passado foi de US\$ 40 milhões, segundo ele. Entre parque, circos e licenciamento de imagem, o empresário fatura US\$ 110 milhões por ano.

Carrero também irá construir um parque em São José do Rio Preto (SP). "Um trem de entretenimento levará os visitantes de São Paulo a Rio Preto. O parque,

que deve começar a funcionar no final de 98, será a Ferrovia dos Sonhos", diz. O empresário também tem quatro circos, que rodam o Brasil. "Atualmente, estamos com caravanas montadas em São Paulo, Rio de Janeiro, Londrina e Campinas". Ele conta que, por todas as cidades que passa, recebe propostas para a construção de novos investimentos. "Recebi até uma proposta de Fidel Castro para construir um parque temático em Cuba. Isso pode acontecer nos próximos cinco anos".

**Projeto vai estar concluído em 6 meses, diz o empresário**

O jornal Folha de Londrina publicou uma série de reportagens sobre as ideias de Beto Carrero para o Parque Arthur Thomas

ACERVO Museu Histórico de Londrina

ARTHUR THOMAS

# Carrero diz que parque demandaria R\$ 35 milhões

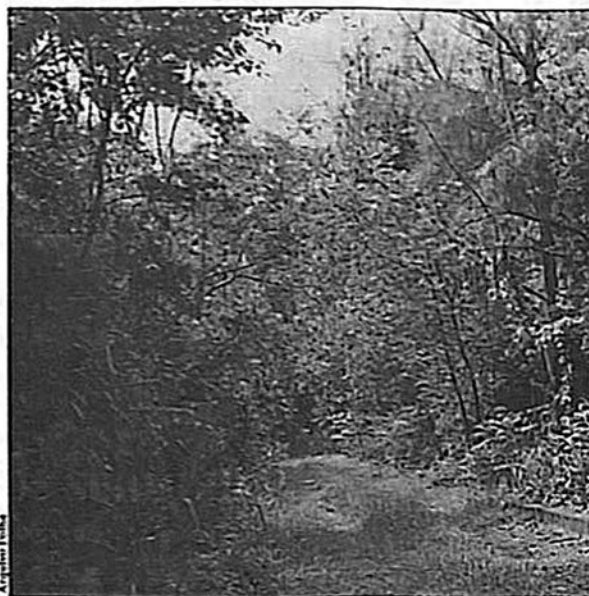
*Empresário percorre área e diz que chances de investir em Londrina aumentaram*

Cláudia Lopes

As chances de o Parque Arthur Thomas se transformar em um parque temático Beto Carrero World aumentaram para 80% depois do empresário João Batista Sérgio Murad - o Beto Carrero - ter percorrido toda a reserva, ontem pela manhã. Ele permaneceu no parque durante duas horas, conhecendo e planejando as atrações que podem ser colocadas no local. Anteontem, ele havia afirmado à Folha que as chances de investir em Londrina eram de 70%. Depois de conhecer a área detalhadamente, o empresário garantiu ter ficado ainda mais "motivado".

"Nas próximas semanas, técnicos e engenheiros virão a Londrina para fazer um projeto, que levantará as potencialidades e a viabilidade econômica do investimento", disse. Carrero calcula que o projeto deve ficar pronto entre três e seis meses. "Se a avaliação for positiva, começaremos a construir o parque imediatamente. Até o final de 98, o empreendimento deve estar funcionando".

Caso o projeto se concretize, Carrero garante que não arrancará nenhuma árvore da mata do parque. "Ao contrário, vamos ter que plantar mais árvores para recompô-la", diz. "A mata nativa é que será a grande atração do empreendimento. Precisamos ajudar na conscientização ecológica das crianças". No Beto Carrero World, instalado há cinco anos no Balneário de Penha (SC), exis-



Alto potencial

Parque Arthur Thomas: ferrovia rodearia a mata e percorreria trilhas

tem 70 mil árvores, segundo o empresário. "Comprei cinco milhões de metros quadrados em frente ao mar em Penha só para que ninguém pudesse cortar árvores nem construir casas. Sou um preservacionista".

Carrero diz que, no Arthur Thomas, ele faria uma ferrovia, rodeando toda a mata. "No local, existe uma trilha que pode ser usada para que o trem também passe dentro da mata", afirma. O

empresário diz que o parque de Londrina também comporta um zoológico pequeno "tipo Arca de Noé" que abrigue casais de animais exóticos como lhamas, elefantes, zebras e girafas. "Zoológico é a tendência mundial do momento". Outra idéia é construir uma bairro japonês para contar a história da colonização japonesa no norte do Paraná. "Também podemos colocar atrações que mexam com a emoção das pes-

soas, como montanha-russa e outros brinquedos, além de dezenas de lanchonetes e restaurantes. Para abrir as portas do parque, teremos que investir US\$ 35 milhões", calcula.

No Beto Carrero World de Santa Catarina, considerado o 5º maior parque do mundo, o empresário diz ter investido US\$ 120 milhões. Neste ano, ele deve investir mais US\$ 30 milhões naquele parque, que gera 1,3 mil empregos diretos. Em Londrina, Carrero acredita que o empreendimento geraria 250 empregos diretos. Segundo ele, atualmente, o nome Beto Carrero World vale US\$ 75 milhões. Entre parque, quatro circos que percorrem o Brasil e licenciamento de imagem, o empresário fatura US\$ 110 milhões por ano.

Beto Carrero veio a Londrina participar do espetáculo de estréia do circo "Ginásio sobre Lonas", instalado ao lado da Supercreche, no centro da cidade. O espetáculo vai até dia 29 de junho. "Esperamos receber 120 mil pessoas".

A visita de ontem ao Arthur Thomas foi acompanhada pelo presidente da Companhia de Desenvolvimento de Londrina (Codel) e vice-prefeito, Alex Canziani e pelo diretor presidente da Autarquia do Meio Ambiente (AMA), Nelson Kohatsu. O prefeito Antonio Belinati garante que não poupará esforços para ajudar na viabilização do empreendimento. "Vamos estudar a cessão da área por 20 ou 30 anos", diz o prefeito.

que aventou foi construir uma ferrovia rodeando a mata e passando por dentro de uma das trilhas. Foram duas horas conhecendo, percorrendo e até planejando as atrações. O empresário se mostrou tão otimista com a viabilidade do projeto no local que estava programando iniciar as obras até o final de 1998. Já naquela época, o Beto Carrero World de Santa Catarina era considerado o quinto maior parque do mundo, tendo recebido um investimento de R\$ 120 milhões desde que inaugurado, em 1991. Então, imagine a euforia na cidade depois das declarações do empresário.

Beto Carrero garantiu que não derrubaria uma árvore sequer para a construção do parque temático. Ao contrário, plantaria outras, para recompor a mata. A ideia do empresário era justamente que a natureza exuberante do Parque Arthur Thomas fosse o grande atrativo do empreendimento. Em suas declarações, dizia ser importante conscientizar as crianças sobre a ecologia. E exemplificou que, no parque temático construído em Penha, havia 70 mil árvores em cinco milhões de metros quadrados, de frente para o mar.

A ideia era ainda criar um zoológico no Parque Municipal Arthur Thomas, com animais exóticos como lhamas, elefantes, zebras e girafas, além de criar uma espécie de praça ou bairro japonês no interior do parque, algo para contar a história da imigração japonesa no Norte do Paraná. Beto Carrero pensava em instalar uma montanha-russa e alguns outros brinquedos, assim como lanchonetes e restaurantes. Em seus cálculos preliminares, seriam necessários R\$ 35 milhões de investimentos para colocar o projeto em prática. Mas, ao mesmo tempo, o Beto Carrero World no Parque Arthur Thomas geraria em torno de 250 empregos diretos.

Do ponto de vista do executivo municipal, o então prefeito Antônio Belinati disse que não pouparia esforços para viabilizar o empreendimento, estudando, inclusive, a cessão da área durante duas ou três décadas. Entretanto, a proposta de Beto Carrero parecia mais marketing para seu circo Ginásio Sobre Lonas do que, de fato, a ideia de criar um empreendimento no local. A estreia havia sido adiada por problemas técnicos e era necessário estimular a participação das pessoas. A expectativa era, em um mês, atrair 120 mil pessoas para assistir ao espetáculo.

Só que, depois de ir embora, não se falou mais no assunto. Talvez Beto Carrero nunca tenha pensado, verdadeiramente, em instalar um de seus parques temáticos em Londrina. Isso porque os engenheiros

que ele prometeu que viriam estudar a viabilidade econômica, nunca pisaram em Londrina. Seu encantamento esvaziou-se tão logo ele foi embora. Não se pode negar que a visita de Beto Carrero ao Parque Arthur Thomas se transformou numa visita histórica. Mas a possibilidade de se instalar um parque ali ficou para as anedotas. E para as lembranças de quem vivenciou esse momento.

## **Água e Fogo**

Londrina tem cinco macrobacias hidrográficas que cortam o município. São elas a do Ribeirão Cafezal, a do Ribeirão Jacutinga, a do Ribeirão Limoeiro, a do Ribeirão Lindóia e a do Ribeirão Cambé, que corta o trecho urbano da cidade, forma o Lago Igapó e passa pelo Parque Arthur Thomas. São quase 80 córregos urbanos, dos quais 26 desembocam no Ribeirão Cambé, sendo pelo menos seis dentro dos 85 hectares do parque municipal. Os córregos que estão no interior do parque, mesmo que alguns nasçam fora dele, são Córrego Bem-te-vi, Córrego Carambeí, Córrego do Monjolo, Córrego do Piza, Córrego Pica-Pau e Córrego Tico-Tico.

Os trabalhos que levaram à elaboração do Plano de Manejo do Parque Arthur Thomas, em 2004, identificaram uma série de fontes e nascentes dentro da mata. Além dos córregos que desaguam no ribeirão, os pesquisadores identificaram diversos afloramentos naturais de água, explicados por diferentes motivos. Entre eles, algumas fontes ocorrem por causa do contato entre derrames basálticos. Nesses casos, são classificadas como fonte de contato. Outras nascentes ocorrem na parte inferior dos vales, enquanto que outras ainda estão associadas ao fraturamento das rochas.

Um estudo publicado em dezembro de 2004, assinado por Rafael Silva de Araujo, para obtenção do título de bacharel em Geografia, sob orientação da professora doutora Eloiza Cristiane Torres, da Universidade Estadual de Londrina, fornece alguns dados especificamente sobre a microbacia do Ribeirão Cambé, considerado o principal corpo hídrico do município de Londrina e parte da Bacia Hidrográfica do Rio Tibagi. O comprimento do rio principal, isto é, do Ribeirão Cambé, equivale a 25



Nos córregos que desaguard no Ribeirão Cambé, é possível encontrar pequenas quedas d'água  
**ACERVO** NDPH – Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica/acervo Jornal Folha de Londrina / J. Pedro



Pelo menos seis córregos passam pelo Parque Arthur Thomas,  
além do Ribeirão Cambé  
**FOTO** Luciano Schmeiske Pascoal

quilômetros, com uma largura média de 3,5 metros. A área total da microbacia abrange cerca de 77 quilômetros quadrados. Já o perímetro da microbacia é de 48 quilômetros. O ponto de maior altitude chega a 650 metros, justamente onde nasce, nas proximidades do Parque de Exposições Ney Braga, na divisa entre os municípios de Londrina e Cambé, enquanto o ponto mais baixo atinge 380 metros.

De quando adentra ao parque até quando sai, o Ribeirão Cambé tem características distintas. No início, o curso do rio corre sobre a rocha com pequenas e comuns corredeiras e cachoeiras, além de pequenos pontos de erosão apesar da preservação da mata ciliar. Depois, as águas foram represadas. Em seguida, o curso volta a correr em blocos basálticos, com trechos de margens cimentadas e, no meio do caminho, uma queda de 20 metros de altura. Dali para baixo, são formados blocos rochosos por onde corre a água. De maneira geral, a vegetação é bastante preservada.

No entanto, não se pode dizer que o ribeirão na altura do Parque Arthur Thomas não receba diversos tipos de lixo que a urbanização desordenada deposita ao longo do percurso desde quando nasce até chegar à unidade de conservação: esgoto clandestino sanitário e industrial, águas residuais de lavagem de veículos, lixos jogados nos lagos Igapó, além de sofrer com a impermeabilização. Então, as chuvas arrastam todo tipo de resíduo jogado no ribeirão, indo parar direto no Parque Arthur Thomas, ocasionando um verdadeiro assoreamento no lago principal da unidade.



Jorge Akira passou a trabalhar na SEMA em 2003 e atuou tanto nos recursos hídricos quanto na educação ambiental

FOTO Luciano Schmeiske Pascoal

Quem sabe de cabeça os córregos que passam pelo Parque Arthur Thomas é Jorge Akira Oyama. Londrinense, estudou Ciências Biológicas na Universidade Estadual de Londrina, formado em 1986. No ano seguinte, ele já estava trabalhando na prefeitura, no setor de educação. Jorge deu aulas de quinta a oitava série e, quando essas séries passaram a ser responsabilidade do governo estadual, o então professor foi transferido da educação para a Secretaria Municipal do Ambiente. O ano era 2003. E foi justamente no setor de recursos hídricos que Jorge iniciou sua trajetória no Parque Arthur Thomas.

Nessa função, Jorge trabalhava diretamente com a parte hídrica de toda a cidade, não apenas dos

rios que passavam pelo Artur Thomas. Em seguida, ele foi trabalhar no setor de educação ambiental, algo mais relacionado à sua área. Então, da mesma maneira que ele havia organizado a visita de seus alunos ao parque, agora era Jorge quem fazia os atendimentos de escolas que vinham conhecer o espaço, uma verdadeira escola ao ar livre. Durante as visitas guiadas, Jorge também encontrava pesquisadores e membros de organizações não-governamentais, os quais também desenvolviam pesquisas dentro do parque. Os atendimentos se estendiam ainda ao público da Secretaria Municipal do Idoso e Secretaria Municipal da Mulher.

Alunos das universidades de Londrina também eram figuras frequentes. Assim como eram realizados atendimentos a grupos de empresas privadas, entre elas empresas do setor bancário e hoteleiro. No caso dos estudantes de escolas municipais e estaduais, de modo particular vindos de outras cidades e até estados, eram grupos de excursão que vinham conhecer a região, visitavam o Museu Histórico Padre Carlos Weiss, a UEL, além de passear em shopping e terminar a visita no Parque Arthur Thomas. Afinal, o parque é também um ponto turístico, além de ser considerado uma joia da natureza dentro da cidade.

Além de tudo, pessoas comuns, cidadãos e turistas visitavam o parque sem agendar, fazendo caminhadas de rotina em grupos ou individualmente e piqueniques. Até mesmo algumas escolas de treinamento de atletismo utilizavam o parque para seus exercícios específicos. Inclusive o time do Londrina Esporte Clube (LEC) fazia treinos no parque, que abria às 6h especialmente para os jogadores poderem utilizar a estrutura do Arthur Thomas. As visitas guiadas com estudantes de escolas, de pessoas que passeiam pelo parque fazendo caminhadas e piqueniques, além de grupos que treinam são extremamente importantes para despertar o cuidado do espaço. O uso e a ocupação de um espaço público ajudam no sentimento de pertencimento e, conseqüentemente, no cuidado que as pessoas têm com o local.

Sidney Antonio Bertho se recorda bem do tempo em que o time do Londrina Esporte Clube ia ao Parque Arthur Thomas fazer corridas. O parque era aberto às 6h nessa época, mas precisou alterar o horário de funcionamento justamente por conta da Leishmaniose Tegumentar, uma doença infecciosa que infectou uma moça que morava no parque com seus pais. É que o transmissor, uma



Sidney Bertho trabalhou no Parque Arthur Thomas desde a época da AMA, na década de 1990

FOTO Luciano Schmeiske Pascoal

espécie de mosca, aparecia no amanhecer e no entardecer. Então, começaram a abrir o parque ao público a partir das 8h30 e fechar às 17h, por recomendação de profissionais veterinários especialistas no assunto.

O professor doutor Italmir Teodorico Navarro foi quem orientou a mudança de horário de abertura e fechamento para garantir uma segurança maior e evitar a infecção pela transmissão da mosca justamente nos horários em que havia mais incidência delas. Obviamente que a SEMA ouviu críticas da população e da imprensa da época, dizendo que os servidores não queriam trabalhar, que eram folgados e coisas do tipo.

Entretanto, isso não os desanimou. A preocupação era evitar novas infecções. Não foi o único desafio que Sidney enfrentou durante o tempo em que trabalhou no Parque Arthur Thomas.

Eram os primeiros anos da década de 1990 quando Sidney havia deixado o trabalho na Universidade Estadual de Londrina, na Fazenda Escola, para assumir uma vaga no concurso que havia prestado na Prefeitura de Londrina, sendo lotado na então Autarquia Municipal do Ambiente. Já na AMA, um dos primeiros cargos que ocupou foi como diretor de Parques e Jardins. Foram quase dez anos na AMA, que se transformou em SEMA, atuando à frente dos parques municipais, entre eles o Arthur Thomas.

Nesse tempo, Sidney teve o desafio de enfrentar um incêndio no Parque Arthur Thomas, provavelmente provocado por um vizinho que botou fogo na pastagem e, por causa do tempo seco, as chamas se alastraram rapidamente. Quem conhece o perímetro do parque denomina o local como uma ferradura invertida, porque alguns bairros circundam o ambiente, formando um vale no qual não chegava um caminhão do Corpo de Bombeiros. Afinal, da entrada do parque até a barragem construída no lago represado é um caminho relativamente fácil. Mas, dali para diante, a mata densa se fecha nas trilhas

e o barranco da cachoeira dificulta ainda mais o acesso. Então, quando o fogo teve início e adentrou o parque, espalhou-se rapidamente, inclusive atingindo a copa de grandes árvores, o que dificulta o combate.

Sidney se recorda de tentar apagá-lo durante três dias junto com voluntários da comunidade, com funcionários do parque e com os bombeiros. Durante o dia, era um esforço grande para combater as chamas, controladas durante a noite. No dia seguinte, entretanto, o fogo reiniciava. Foram três dias imersos na mata, levando baldes d'água para tentar apagar o fogo, cortando árvores que poderiam servir de combustível para as chamas e utilizando abafadores para tentar conter as chamas. A equipe do parque já tinha tido treinamento de combate a incêndios e havia equipamentos disponíveis. Mas São Pedro ajudou. Não fosse a chuva que caiu após três dias, talvez o estrago tivesse sido maior: foram queimados de dois a três hectares do parque.

Todavia, esse não foi o único incêndio pelo qual passou o Parque Arthur Thomas. Em 2017, um incêndio criminoso numa área de mata próxima ao parque foi controlado em pouco mais de uma hora de trabalho, evitando que o fogo atingisse a mata principal do Arthur Thomas. Em 2018, a borda do parque pela Avenida Dez de Dezembro foi atingida novamente pelas chamas. Mais uma vez, a ação rápida do Corpo de Bombeiros evitou que o fogo, que consumiu as moitas de bambu, atingisse a mata nativa.

Mesmo trabalhando, às vezes, das 7h às 22h, com o corpo cansado, a mente estava tranquila e renovada. Afinal, Sidney trabalhava em meio à natureza preservada, no meio da cidade. Às vezes, para desestressar dos problemas pessoais ou do trabalho, Sidney pegava um facão e saía cortando as plantas invasoras do local. Na raça mesmo, cortando as árvores exóticas, que não são nativas e poderiam prejudicar o ecossistema. Além disso, subia nos telhados para espantar os macacos ou para limpar as calhas. Eram trabalhos que, mesmo cansativos fisicamente, descansavam a alma e a mente.

Só que o trabalho também proporcionava experiências incríveis. Certa vez, Sidney ficou muito próximo de um bando de quatis e outro bando de macacos-prego. Mas uma das maiores alegrias desse tempo trabalhando no parque foi a possibilidade de registrar um gato-mourisco. O animal habita grande parte do Brasil e é muito comum na região Norte do Paraná, mas não é fácil de ser

avistado, mesmo tendo hábitos diurnos de caça. O gato-mourisco pode medir de 48cm a 83cm de comprimento, além da cauda, que pode medir entre 27cm e 59cm, e pesar entre 3,7kg e 9kg. Na época, estavam começando a utilizar armadilhas fotográficas colocadas no meio da mata.

Quando o bicho foi fotografado, não dava para ver se era uma onça ou um cachorro. Há registros de outros felinos, de cachorros-do-mato e até indícios de um puma, que pode ter circulado pelo corredor ecológico formado com o Parque Daisaku Ikeda e a Fazenda Refúgio. Então, as fotos foram levadas a especialistas em fauna, que constataram ser um gato-mourisco. Embora nunca tenha visto, Sidney afirma que viu indícios da circulação de uma jaguatirica, animal típico de áreas de Mata Atlântica e listado, anos mais tarde, como sendo um dos animais que, de fato, circulam pelo parque. A jaguatirica também é conhecida como gato-do-mato.

Ao longo do tempo em que atuou no Parque Arthur Thomas, Sidney se orgulha de ter contribuído em alguns trabalhos e projetos específicos. Entre eles, a elaboração de um plano de manejo, datado de 2004 e ainda em vigor, que possibilita a manutenção e o controle de espécies exóticas. Além disso, foi ele quem ajudou a obter recursos do governo federal para trocar a cerca no entorno do parque. Inicialmente era verba para 1,3 mil metros. Depois, devido à burocracia, a verba caiu e foi possível trocar 700 metros. A cerca de alambrado aguentou mais de dez anos e recentemente foi trocada por palitos de concreto, que, inclusive, ajudam a evitar invasões no parque.

E, por fim, Sidney ajudou a nominar as trilhas que são utilizadas até hoje pelos visitantes que participam do “Descobrimo o Parque”. As trilhas são antigas e datam da época em que foi construída a primeira usina hidrelétrica de Londrina, mas algumas ganharam nomes mais recentemente, nos últimos 20 anos, como a trilha da cuíca, a trilha da capivara, a trilha dos macacos, a trilha da cotia, trilha do beija-flor, trilha do quati, trilha do lagarto e trilha do jabuti. Claro que foi preciso montar uma boa equipe de manutenção das trilhas e das cercas, além da capinagem, principalmente de espécies invasoras.

Uma pequena cachoeira é das vistas mais bonitas no  
curso do Ribeirão Cambé

ACERVO NDPH – Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica/  
acervo Jornal Folha de Londrina



## Água e Terra

Quem se senta no gramado à beira da represa do Ribeirão Cambé no Parque Arthur Thomas nem imagina que o ribeirão nasce a quilômetros de distância e que, no interior do parque, pelo menos seis córregos desaguam ao longo do curso. Por isso, exatamente esse recurso hídrico do parque merece um capítulo à parte. As informações e dados constam no Plano de Manejo do parque, publicado em 2004.

Muito embora nem sempre as análises da qualidade da água demonstrem potabilidade, as águas do ribeirão são classificadas como possíveis de serem tratadas e servirem ao abastecimento da cidade. Infelizmente, há tempos em que as análises demonstram poluição oriunda de esgotos clandestinos. Até mesmo o odor característico pode ser um indicativo. No caso da represa, são os córregos Piza e Carambeí que desaguam diretamente nela, que tem ainda pontos de galerias pluviais as quais também jogam água da chuva. E, com isso, resíduos sólidos urbanos. O represamento das águas provocou uma brusca perda de energia e velocidade no curso do rio, o que faz com que os resíduos fiquem depositados na represa, provocando o assoreamento em alguns pontos.

O Córrego Piza, como o próprio nome indica, nasce no bairro homônimo, ainda dentro dos limites do parque, numa área anexada posteriormente. O curso do córrego é formado por rocha basáltica, até desaguar no lago do parque. É possível identificar ao longo do trajeto pequenas quedas d'água e corredeiras. Entretanto, como um córrego urbano, sofre com processos erosivos e odor característico de esgoto frutos de ligações clandestinas de esgoto.

Já o Córrego Monjolo tem a nascente em uma chácara, também desprovida de mata ciliar, entre as ruas Sicília e Capri, também no bairro ao lado, o Jardim Piza. Contudo, diferentemente do Córrego Piza, essa nascente está fora dos limites do parque. Logo após nascer, o curso d'água é represado e forma dois lagos. A água chega ao parque após o segundo lago, desaguando no Ribeirão Cambé. Ao passar por terrenos com declividade elevada, as águas ganham velocidade e também se verificam processos erosivos. No curso com blocos de rocha basáltica, uma tubulação de esgoto da Sanepar, empresa concessionária do serviço, corta o rio.

Semelhante ao Monjolo é o Córrego Bem-te-vi, inclusive por também ser cortado por uma tubulação de esgoto da Sanepar. Sua nascente está debaixo da Rua Capri, no Jardim Piza, em um lamaçal que, em 2004, era cercado por uma criação de porcos. O curso passa por uma série de chácaras que plantam cereais e verduras. Antes de chegar ao parque, não há mata ciliar. Depois que adentra aos limites da unidade de conservação, passa a ter uma floresta abundante em volta. Assim como os outros, sofre com a erosão. Mas, diferentemente, o leito tem blocos basálticos cobertos por argila de cor vermelho-amarelada.

Fora dos limites do parque e do Jardim Piza nasce o Córrego Carambeí, cuja nascente está localizada no Jardim Nova Conquista, justamente nas proximidades da antiga Indústria Têxtil Carambeí. A nascente fica abaixo da Rua Aristides Leonardo da Fonseca, com áreas aterradas e completa ausência de mata ciliar, até entrar nos limites do Parque Arthur Thomas e desembocar no lago represado.

O Pica-pau é um córrego que nasce dentro do parque, cortado pela trilha do canal e pela estrada pavimentada com paralelepípedos que leva à antiga usina hidrelétrica. Justamente por isso é que parte de seu leito pode ser desviado para alimentar o canal de geração de energia da usina construída na década de 1930. Mas, apesar do potencial erosivo, é um córrego que sofre menos com resíduos urbanos e influência de esgoto clandestino.

Assim como o Córrego Tico-tico, que também nasce dentro do parque. Entretanto, algumas características diferenciam esse curso d'água. Em primeiro lugar, sua nascente é composta por quatro minas, o que forma uma área alagadiça com boa quantidade de vegetação. Uma das minas é canalizada. Apesar dos pontos de erosão que podem ser observados ao longo do curso, é o córrego que, em 2004, apresentava o melhor estado de conservação.

Os pontos de erosão identificados ao longo dos diversos córregos e no ribeirão nem sempre têm a ver com o tipo ou a qualidade do solo. Ao contrário, é provocado pela ação antrópica, pelo escoamento de detritos, mas, principalmente, pelo desenvolvimento do entorno do parque. O que, de fato, causa a instabilidade do solo é, no passado, a falta de planejamento e, no presente, a cada vez mais crescente impermeabilização do solo nos bairros que circundam o Parque Arthur Thomas. Afinal, o parque





Lago principal do parque, onde desagüam alguns córregos

FOTO Luciano Schmeiske Pascoal

está localizado num grande fundo de vale com declividade acentuada para onde descem as águas das enxurradas.

Basicamente, o solo da unidade tem altitude que varia entre 471 metros a 583 metros, num relevo ondulado que vai de suave a forte. O Parque Arthur Thomas faz parte do contexto da Formação Serra Geral, Grupo São Bento, da Bacia Sedimentar do Paraná, onde se encontram apenas basaltos. A cobertura florestal predominante é chamada de Floresta Estacional Semidecidual, com solos formados a partir de materiais provenientes de rochas eruptivas básicas (diabásios). Duas classes de solos foram encontradas nas pesquisas realizadas para o Plano de Manejo de 2004: Nitossolo Vermelho eutrófico, encontrados nas áreas de relevo suave ondulado, e Neossolo Litólico eutrófico, com ocorrência nas áreas mais íngremes do parque.

O primeiro tem textura argilosa, estrutura em blocos subangulares, cerosidade moderada e contato lítico nos primeiros 50 centímetros de profundidade, entre outras características técnicas. Já o segundo, também tem textura argilosa, mas assenta-se diretamente sobre material com 90% ou mais de sua massa constituída por fragmentos de rocha, nos primeiros 45 centímetros de profundidade. O solo tem alta reserva de nutrientes, ph elevado e baixa presença de alumínio trocável, denotando elevada fertilidade natural em grande parte pela ocorrência de abundante matéria orgânica originária, principalmente, das folhas das árvores.

O volume do solo apresenta ainda nódulos e concreções minerais de consistência dura, de forma irregular/angular, cor vermelho-amarelado e natureza ferro-magnésiano. Apesar da capacidade de drenagem moderada do solo e a água sendo removida lentamente, a área encontra-se protegida graças à cobertura vegetal abundante, que absorve o impacto da chuva e proporciona uma camada de material orgânico a qual protege a superfície do solo dos diversos graus de erosão. Nesse sentido, os solos rasos associados a afloramentos rochosos tornam mais difícil a infiltração das águas de enxurradas.

A reposição contínua de material orgânico é um fato a ser observado. Pela cobertura vegetal preservada, essa reposição é constante e reestrutura o solo. Isso porque a composição florestal é um

dos destaques do fragmento de Mata Atlântica. O Parque Arthur Thomas está inserido nos domínios da Floresta Estacional Semidecidual, com suas respectivas subdivisões Aluvial (Floresta Ciliar) e Submontana, sendo encontradas ainda áreas de Formação Pioneira de Influência Fluvial (Várzeas). Ao longo do tempo, parte dessas extensões foram substituídas por vegetação secundária, ou seja, floresta regenerada a partir das formações nativas. Muitos são os motivos, entre eles, o corte da vegetação, a destruição pelo fogo ou algum outro tipo de intervenção.

O levantamento do Plano de Manejo dividiu o parque em estratos, considerou o local onde funcionava o viveiro de mudas e identificou espécies nativas e exóticas. Para realizar o levantamento, além da observação de campo, a equipe se baseou no “Estudo Florístico e Fitossociológico do Parque Arthur Thomas”, de Dolibaina (1992). No total, foram contabilizadas 420 espécies de plantas, divididas em 276 gêneros e 92 famílias. Dessas, 39 eram exóticas no Brasil ou nativas de outras formações vegetacionais brasileiras e cultivadas no parque. Do total listado, sete estavam, em 2004, na Lista Vermelha de Plantas Ameaçadas de Extinção no Estado do Paraná como “espécies raras”. No caso, eram o jaracatiá (*Jacaratia spinosa*, *Caricaceae*), a peroba-rosa (*Aspidosperma polyneuron*, *Apocynaceae*), o pinheiro-do-Paraná (*Araucaria angustifolia*, *Araucariaceae*), o canemuçu (*Tetrorchidium rubrivenium*, *Euphorbiaceae*) o feijão-cru (*Lonchocarpus muehlbergianus*, *Fabaceae*), a cabreúva (*Myrocarpus frondosus*, *Fabaceae*) e o jacarandá-branco (*Machaerium paraquariense*, *Fabaceae*).

## Cobras e Onça

O amor pelo parque parece ser um ingrediente importante no currículo de quem é escalado para trabalhar por ali. Seja da área biológica, geográfica ou qualquer outra área do conhecimento ou do mercado de trabalho. Em qualquer época, em qualquer tempo. Jonas Henrique Pugina é biólogo e trabalha no Parque Arthur Thomas desde 2012. Sabe que seu escritório é uma joia rara no meio de uma selva de pedras. Gestor Territorial do Serviço de Biologia, Jonas entende a riqueza, do ponto de vista biológico e ambiental, além dos fatores que equilibram o microclima, melhoram a depuração da água e evitam a erosão.



Jonas Pugina é Gestor Territorial do Serviço Biologia da Secretaria do Meio Ambiente

FOTO Luciano Schmeiske Pascoal

Os 85 hectares, dos quais pelo menos 66 são de mata nativa, são uma riqueza também alimentar, de modo especial para os animais que moram no espaço ou que apenas circulam pelo parque. É um privilégio ter um parque com uma extensa área preservada, ainda mais dentro de uma cidade como Londrina e literalmente na zona urbana. Além dos parques, existem os corredores ecológicos que se formam a partir das conexões de trechos de matas e trechos de reservas. No caso do Arthur Thomas, o parque está conectado com outro trecho de floresta, que é a Unidade de Conservação Parque Ecológico Dr. Daisaku Ikeda.

Criado em 1999 e inaugurado em 2000, o parque compreende a segunda usina de energia elétrica da cidade, a Usina Três Bocas, construída alguns anos após a primeira usina hidrelétrica de Londrina. Localizada a 12 km da cidade, situa-se às margens do Ribeirão Três Bocas. No total, são 120,96 hectares que chegam até próximo ao Rio Tibagi. No Rio Tibagi, há algumas porções de mata preservadas à sua margem, o que forma o grande corredor ecológico por onde circulam diversas espécies de animais. Assim, os animais podem circular como

em um mosaico verde, afinal, algumas espécies dependem de um nicho ambiental maior para exercer a função biológica.

Nesse sentido, um pequeno fragmento não comporta um grande animal, que necessita de espaço para se desenvolver, como é o caso da anta, espécie que circula pelos fragmentos de mata no entorno de Londrina. A anta, aliás, é um tipo de animal que indica a presença de outros animais, mas precisa de grandes extensões de floresta para poder se desenvolver. Nesse contexto, o Parque Arthur Thomas é uma espécie de refúgio para pequenos, médios e grandes animais, não apenas os que vivem e moram nesse espaço. Sobretudo, os que circulam pelos corredores ecológicos e os que vêm para nidificar, formar ninho e abrigo, até mesmo transitar ou simplesmente se alimentar.

E aí que se dá a importância de uma flora saudável. Da mesma maneira que nem todos os animais são bem-vindos, como o ratão-do-banhado, oriundo do Rio Grande do Sul e da Argentina e que é considerada uma espécie invasora, o mesmo se dá em relação às plantas. Por outro lado, é importantíssimo um fragmento de mata como a do Arthur Thomas para preservar as espécies e alimentar os animais. Então, é possível encontrar a peroba-rosa e a araucária, com idade de frutificação e dispersão de sementes. Além das frutíferas nativas, como pitanga, araçá, grumo, uvaia, entre outras.

Num ambiente saudável, os animais se alimentam dessas frutas e acabam se transformando em dispersores das sementes, sejam pássaros ou mamíferos. De um lado, os frutos alimentam a fauna. Enquanto, de outro, a fauna ajuda a replantar os frutos. E isso se transforma num ciclo de preservação importante, que permite aos animais viverem em um ambiente seguro da mesma maneira que possibilita a preservação da biodiversidade. Educação ambiental e pesquisa têm importância fundamental nesse papel. A primeira ajuda a formar uma geração de pessoas preocupadas com o meio ambiente. A segunda viabiliza a compreensão do habitat e, com isso, definir estratégias eficazes de manutenção do ambiente. São dois dos pilares mais importantes do Parque Arthur Thomas.

Nem todo mundo tem esse entendimento, infelizmente. Certa vez, por volta do ano de 2019, Jonas e uma equipe da Secretaria Municipal do Ambiente se depararam com uma armadilha para capturar pequenos mamíferos. Poderia abater capivaras, pacas e cutias. Num primeiro momento, a tristeza

domina os guardiões do Parque. No entanto, a descoberta negativa é importante para interromper o crime ambiental em curso. Era uma área de difícil acesso, na qual o público geral não tem possibilidade de visitar. Não há trilhas. Mas, havia a armadilha.

Andando pela mata, Jonas e a equipe avistaram uma pequena clareira, com pedaços de mata cortada. De longe deu para avistar um material metálico, em total desconexão com a paisagem ambiental. Ao chegarem ao local, avistaram uma grande porta metálica, pesada, chumbada com concreto. Foi preciso o esforço de dois servidores da SEMA para inutilizar o que havia sido construído com o único e exclusivo objetivo de caçar animais. Demorou mais de uma semana para a armadilha ser desmontada, tal era a força do concreto. Seria necessário levar alguma máquina, o que se tornava praticamente impossível devido à dificuldade de acesso.

Todavia, essa não é a única ação antrópica que faz pressão no Parque Arthur Thomas. A caça clandestina é uma atividade frequente, de modo especial quando o parque era rodeado pela cerca de alambrado. Após a instalação da cerca de concreto, a expectativa é que a caça clandestina desapareça. E que os animais e as plantas tenham maior proteção e cuidado. Até porque, frequentemente, eram vistos animais feridos. Assim como é possível encontrar lixo dentro da floresta. Até mesmo retirada de palmito da área preservada já foi registrada pelos funcionários da SEMA.

O dia a dia no parque nem sempre é desagradável. No início de uma manhã, por volta do ano de 2014, o coração de Jonas bateu mais acelerado quando, de repente, ele avisou uma onça-parda. Já era no fim dos hectares do Parque Arthur Thomas, uma zona de corredor ecológico. Jonas estava de carro, com o veículo em uma área de transição do parque, de frente para uma área rural. Da estrada de terra, de dentro do carro, Jonas avisou a onça-parda jovem saindo da área de mata para adentrar em um milharal. Jonas percebeu que, de longe, a onça o viu. E essa troca de olhares jamais se apagará de sua memória.

Sem pensar muito, a primeira reação de Jonas foi descer do carro para tentar registrar alguma foto da onça-parda. Parou o veículo, tomou o celular em mãos e desceu para ir atrás do animal. Chegou a andar alguns metros dentro da plantação de milho. Até que se deu conta de que essa não era exatamente uma boa ideia. A euforia que o levou a seguir a onça-parda logo sumiu quando Jonas se

deu conta de que estava cercado pelo milharal, de onde não enxergava muita coisa, distante do carro, caso precisasse correr até o veículo. Então, o juízo falou mais alto e ele voltou para trás sem fazer o registro fotográfico.

Não importa se é o animal o que desperta a excitação de encontrá-lo ou o que desperta o medo de não o encontrar. A possibilidade de se deparar com diferentes espécies é grande. Antes de iniciar a entrevista para o livro, Lidiani Maria Damiani Isidoro verifica se, no chão, debaixo de diversas folhas secas, não está escondido nenhum escorpião. Afinal, estamos num habitat natural, casa de muitos insetos, pássaros, mamíferos e até répteis. Ela trabalha no parque desde 2019. Assim, ao longo de alguns anos, sabe se prevenir das surpresas que podem aparecer. Lidiani conta que, certa vez, um colega de trabalho acompanhava um grupo de estudantes em uma visita ao Parque Arthur Thomas, quando ele e as crianças cruzaram o caminho de uma cobra. As crianças ficaram agitadas, mas, foram instruídas a se acalmarem e a manterem uma distância segura. A cobra passou tranquilamente e a turma prosseguiu o caminho da trilha.

Situações como essa são importantes, inclusive, para mostrar às novas gerações que a cobra é um animal que faz parte do ecossistema e deve ser protegida. Assim, as crianças aprendem que nem todas as cobras são venenosas, mas que todas

devem ser preservadas porque isso é importante para a saúde do habitat natural. Aliás, todo ser vivo é importante e fundamental e, normalmente, ataca quando se sente ameaçado, salvo quando está se alimentando.

Nem toda cobra, entretanto, provoca repulsas nas crianças. Tem uma visitante mais que especial



Lidiani trabalha no parque desde 2019 e desde 2024 é assessora da educação ambiental da SEMA

FOTO Luciano Schmeiske Pascoal

que atrai a curiosidade e o carinho de muitos visitantes. É a jiboia Saura, do tutor Lucas Mastellini Theodoro, que faz sucesso entre a criançada. Lucas é biólogo, formado pela Universidade Estadual de Londrina em 2021. E mestrando desde 2022. A cobra entrou na vida dele no início da faculdade. Era um sonho pessoal, mas, quando ele entrou para o curso de Biologia, também se tornou uma maneira de desmistificar os preconceitos sobre o animal. Então, ele resolveu comprar uma jiboia.

A reserva da cobra foi feita em 2016, antes mesmo dela nascer, dada a fila de espera que se tem para a compra de um animal como esse. Embora seja ainda muito recente, o mercado de pets silvestres é um universo à parte. É preciso procurar um criador legalizado, que tenha licença de comércio e reprodução do animal. Depois, o comprador escolhe o bicho por foto, comunica-se com o comprador e faz a reserva. Antes de comprar, entretanto, é preciso estudar e compreender as necessidades de cuidados do animal. No caso da cobra, saber quais as demandas em cativeiro, tamanho do terrário, tipo de alimentação e disponibilidade de veterinário, caso seja necessário.

No dia 27 de outubro de 2017, nasceu a cobra Saura. Quando a jiboia tinha perto de seis meses de vida, o reprodutor enviou o animal, por avião, para Lucas. Foi amor à primeira vista quando Lucas viu a Saura. Da parte da cobra, nem tanto. Saura estava um pouco brava, talvez estressada pelo transporte. O primeiro encontro foi meio arisco. Afinal, a jiboia se impõe. Mas, por não ser um animal peçonhento, logo ela se acostuma quando o tutor a pega nos braços.

Dentro de um mês, a jiboia foi se acostumando ao novo ambiente e com o tutor Lucas. Hoje, ela tem cerca de 2,5m e vive em um terrário de 1,80m de comprimento por 50cm de profundidade. De vez em quando, Lucas solta a jiboia na própria cama. Ou leva a cobra para um campo perto de casa, onde ela pode andar tranquilamente, sem oferecer risco a ninguém. Sua alimentação, inicialmente, era à base de pequenos ratos. Depois, passou a ser de porquinhos-da-índia. Agora, já está se alimentando de coelhos. Só que os cuidados alimentares não são diários. Ao contrário, são uma vez por mês.

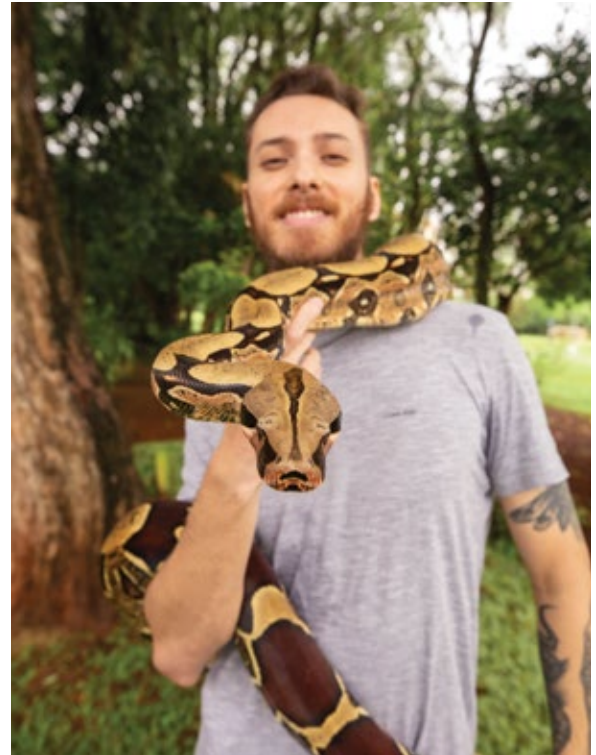
Quando a Saura chegou, Lucas resolveu incluir o animal nos projetos de educação ambiental que participava, todos a partir do curso na UEL. Se fosse desenvolver alguma ação em escolas públicas, levava a cobra para a criançada conhecer. Se fosse em alguma escola particular ou em algum evento privado, cobrava uma taxa para ajudar nas despesas. Até que, para otimizar o tempo e tornar o

projeto mais acessível, resolveu bater na porta do Parque Arthur Thomas, coincidentemente próximo de sua casa. Então, Lucas ofereceu a participação da Saura no projeto “Descobrimo o Parque”. Antes, o biólogo levou a jiboia para a equipe da SEMA conhecer. Todos amaram.

Autorizado, Lucas leva a Saura para as crianças que visitam o parque para conhecer a cobra, passar a mão na jiboia e sentir o animal, que é domesticado. O biólogo faz uma apresentação, explica às crianças que elas não podem fazer isso numa cobra silvestre, encontrada no meio da mata. E orienta sobre os lugares onde podem e onde não podem passar a mão. No caso da Saura, ela não gosta muito que toquem em seu rabo nem em sua cabeça. No primeiro, fica assustada. No segundo, é onde estão os órgãos mais sensíveis. Com esse controle e cuidados, Lucas nunca registrou qualquer incidente. E acredita não registrar, graças ao manejo correto do animal.

No período de alimentação do animal, Lucas evita lavá-lo porque a cobra é um réptil que necessita ficar parada durante um bom tempo para fazer a digestão. Além disso, quando está trocando de pele, uma vez a cada quatro meses, não é bom colocá-la em contato com as crianças. Mas a criançada consegue ver uma pele de cobra, porque Lucas guardou uma das trocas e a deixou no Parque Arthur Thomas.

O contato com a cobra fascina tanto as crianças porque essa é uma realidade muito distante delas. Hoje em dia, as crianças têm um conceito muito abstrato do que é natureza, além de muitos medos incutidos, às vezes, pelos próprios pais. O que veem, em grande parte, é o que se passa na televisão,



A jiboia Saura e o biólogo Lucas Theodoro

FOTO Tawan Santos

o que se mostra na internet. Algo muito estereotipado. Por isso, Lucas quer resgatar o contato das crianças com a natureza, a fim de que elas conheçam e preservem. Afinal, não se preserva o que não se conhece.

Deixar as crianças bem pertinho dos animais é uma maneira de fazê-las conhecer a fauna. Assim como a flora abundante no parque. Mostrar aos estudantes ao vivo o que eles estão acostumados a ver pelos livros ou pela internet, talvez seja a melhor maneira de estimular o respeito. Afinal, a gente só respeita o que a gente, de fato, conhece. Sensibilizar as crianças, os estudantes, os jovens, os adultos e idosos é um dos grandes objetivos de quem luta pela conservação e preservação da mata, dos animais, dos rios.

## **Borboletas**

O biólogo Lucas Mastellini Theodoro frequenta e desenvolve pesquisa no parque muito antes de levar a jiboia para a criançada do projeto “Descobrimo o Parque”. No fim da graduação, surgiu a oportunidade de trabalhar com a pesquisa de borboletas e mariposas no Laboratório de Lepidoptera. E, na nova pesquisa, o Parque Arthur Thomas se tornou um dos laboratórios, um dos pontos escolhidos para observação e coleta. Lucas também pesquisou borboletas em lugares como fundos de vale de Londrina, Parque Daisaku Ikeda, Horto de Ibiporã, uma reserva legal no Distrito de Maravilha e uma fazenda próxima ao Patrimônio Regina.

O trabalho de campo, com a observação, coleta e pesquisa, teve início no fim de 2022 e foi até meados de 2023. A proposta do trabalho é verificar o gradiente, ou seja, a variação gradativa da composição de borboletas, na comparação entre os fragmentos urbanos de mata, sendo eles envolvidos pela cidade, como os fundos de vale, ou margeando a urbanização, como o Parque Arthur Thomas, além dos fragmentos rurais, rodeados por propriedades agrícolas e plantações. De fato, o entorno do ambiente influencia muito no tipo de população e na quantidade de espécies, já que as borboletas estão



Lagarta de mariposa da família Geometridae

FOTO Lucas Theodoro

intimamente ligadas ao tipo de vegetação de cada local. Inclusive a alimentação das lagartas, antes de se transformarem em borboletas.

No caso do Parque Arthur Thomas, Lucas encontrou uma espécie que não identificou em nenhum outro dos locais onde pesquisou. O grupo da família estava na trilha do tatu. Pretinha, com uma borda branca, a borboleta é a *Detritivora brasilia*. Pequena e difícil de se notar, é praticamente invisível aos olhos de quem não tem o olhar treinado para a observação de borboletas. Em outra ocasião, passeando pela trilha da mata fechada até chegar ao local, observou uma borboleta azul fluorescente. Lucas acredita que, provavelmente, seja uma *Morpho helenor*, que tem uma envergadura um pouco mais avantajada e voa plainando, mas foge quando alguém se aproxima.

Talvez pela proximidade de sua residência, ou pela possibilidade de observação, o Parque Arthur Thomas é o local onde Lucas mais fotografa animais e insetos. Em um desses dias, deparou-se com uma lagarta diferente, muito bonita. Mais bonita até que a própria borboleta. Registrou-a e publicou num perfil em uma rede social. Era um exemplar da lagarta de mariposa da família Geometridae. A fotografia chamou a atenção de um rapaz na Inglaterra chamado Martin French.

Fascinado por criaturas como os insetos, Martin French comprou alguns louva-a-deus para mantê-los como hobby, perto dos anos 2004. Os bichinhos se reproduziram, ele vendeu os filhotes. Com o tempo, a coleção cresceu e o inglês de Norfolk precisou de dois galpões, uma garagem dupla e os fundos de casa para armazenar os insetos. Em 2009, precisou construir um galpão de 18m<sup>2</sup> no quintal. A coleção estava cada vez maior e mais diversa. Então, criou um site na internet para vender os insetos, tornando-se um dos mais populares sites de invertebrados. A partir daí, não lhe saiu da cabeça a ideia de montar uma espécie de zoológico de insetos. O sonho se concretizou em 2020, com o The Bug Park, localizado e instalado em cinco acres de terra na Rua Nowhere, Lenwade, Norfolk, na Inglaterra. No total, são 15 zonas abrigadas em três casas tropicais que têm 200 espécies diferentes, um zoológico que mantém milhares de insetos invertebrados.

Quando Lucas publicou na rede social a foto da lagarta de mariposa da família Geometridae, Martin entrou em contato pelas redes sociais pedindo autorização e permissão para expor a foto em seu zoológico. Lucas autorizou e a foto está em algum canto do The Bug Park, com uma descrição do



Borboleta do gênero Zaretis que utiliza o mimetismo para parecer uma folha

FOTO Lucas Theodoro

nome da espécie fotografada e do local onde ela foi registrada, o Parque Arthur Thomas. De maneira amadora, o nome do parque foi parar na Inglaterra. Talvez Martin não saiba que o nome que batiza o parque londrinense de onde a foto exposta foi tirada seja justamente de um conterrâneo escocês, pioneiro no Norte do Paraná.

Outra borboleta registrada em foto por Lucas, apesar de também não coletada para amostra, é de um exemplar de uma borboleta do gênero *Zaretis*, que possui um mimetismo de folha, ou seja, uma espécie de camuflagem, parecida com as folhas secas, justamente para se disfarçar. Conhecida como borboleta-folha, a *Zaretis isidora* é um dos insetos que conseguem se esconder na natureza. Pode ser encontrada em toda a extensão da Mata Atlântica, daí sua ocorrência no Parque Arthur Thomas, além do Cerrado brasileiro e até outros países da América Latina, como Argentina, Bolívia e México.

Para entender e compreender as características das borboletas e compará-las aos outros fragmentos de mata, o biólogo precisa, além de observá-las, capturá-las. No caso dos insetos, de modo particular as borboletas, há uma abundância de espécimes e, por isso, não há problema em fazer a captura, que é realizada com uma rede entomológica, conhecida também como puçá. A rede é feita de um aro de aço inoxidável ou arame presa a um cabo de madeira ou alumínio, com um saco de pano leve com malhas finas.

Lucas literalmente saía pelas trilhas andando e coletando as borboletas que encontrava. Quando via, corria atrás para tentar capturar. Não podia perder de vista, deixar fugir e ir embora. No exato instante em que coletava uma borboleta, Lucas já fazia o abate, através da constrição do tórax, um método de abate de animais pelo qual se aperta a base da asa da borboleta, matando o animal na hora. Em seguida, o biólogo deposita a borboleta em um envelope para levar ao laboratório da Universidade Estadual de Londrina. Lá, o pesquisador tem condições de dissecar o inseto, de examinar as genitálias, de identificar a espécie. Após tudo examinado e estudado, os insetos permanecem no museu da UEL.

Em suas pesquisas, Lucas catalogou quase 100 diferentes espécies de borboletas no Parque Arthur Thomas. No total, o pesquisador coletou cerca de 3 mil exemplares de quase 300 espécies distintas. Desses, 100 estavam no parque. Entretanto, esse número é apenas um pouco mais da metade do que

se imagina de borboletas que habitam o local. Não é possível catalogar e registrar todas as borboletas que vivem no Arthur Thomas, mas faz-se um cálculo de que, para uma área de Mata Atlântica, existam, na realidade, entre 300 e 400 diferentes espécies de borboletas.

Observar borboletas pode parecer algo simples, todavia, merece atenção e cuidado. Mais que isso, técnica e conhecimento. Em um desses passeios pelo parque, observando e fotografando borboletas, Lucas se deparou com uma cobra-coral verdadeira. Colorida, a cobra-coral é conhecida pelo poder do seu veneno, sendo considerada uma das mais venenosas do mundo. E foi exatamente com ela que o biólogo se deparou. É um animal difícil de se avistar porque tem hábito fossorial, ou seja, vive enterrada debaixo das folhas de uma floresta, sem se expor.

Não é difícil um biólogo identificar uma cobra-coral verdadeira, que tem entre 40cm e 1,6m, cabeça oval, olhos pretos pequenos e escamas lisas com cauda curta. Mas a característica mais marcante talvez seja a coloração intercalada, entre preto, vermelho e branco. A beleza esconde um veneno que pode ser mortal, com risco de paralisia do sistema respiratório. Ao ser picada, a pessoa pode sentir dormência, visão turva e dificuldades na fala logo nos primeiros minutos após a mordida. Por isso é que Lucas, embora tenha tentado, não insistiu em tirar uma foto do animal. A cobra avistada estava agitada, embora seja relativamente mansa, então o pesquisador preferiu não a manejar.

Aliás, Lucas prefere não forçar uma interação com o animal, qualquer que seja. Se houver a possibilidade, ele fotografa e registra. Caso contrário, deixa o animal seguir seu curso na natureza. Até porque, na maioria das vezes, a reação do animal ao se deparar com um ser humano, é fugir. O ataque só acontece em casos específicos, por exemplo, quando o animal se sente ameaçado. No restante dos casos, o animal prefere não gastar sua energia ou seu veneno em situações nas quais ele pode fugir. Então, Lucas preferiu deixar a cobra-coral ir embora. Esse encontro serviu, no mínimo, para mostrar que existe uma cobra-coral morando no Parque Arthur Thomas. E que podem existir outras espécies, assim como inúmeras espécies de pássaros, insetos, peixes e mamíferos.

## **Mamíferos**

A professora doutora Ana Paula Vidotto Magnoni é coordenadora do Laboratório de Ecologia e Comportamento Animal (LECA) da Universidade Estadual de Londrina. Sob seu guarda-chuva, estão inúmeros pesquisadores, estudantes de graduação, bolsistas do mestrado e doutorandos que desenvolvem diversas pesquisas para conhecer o comportamento dos animais, de modo especial o dos mamíferos. Um dos projetos realizados foi o “Que Bicho Mora Aqui – Os Mamíferos de Médio e Grande Porte dos Fragmentos Urbanos de Londrina”, coordenado pela professora Ana Paula. Iniciado como pesquisa de extensão, mais tarde foi desmembrado por questões ligadas à concessão de bolsas.

Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Londrina em 2001, Ana Paula Vidotto Magnoni tem mestrado, doutorado e pós-doutorado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Além de professora adjunta na UEL, é líder do grupo de pesquisa em ecologia e comportamento animal, pelo CNPq. Ana Paula orienta alunos de graduação, especialização, mestrado e doutorado nas áreas de Ecologia Trófica, Biologia do Comportamento Animal, Ecologia e Comportamento de macacos-prego (*Sapajus nigritus*), Conservação de Mamíferos Brasileiros e Impactos de Espécies Invasoras.

Sob coordenação de Ana Paula, o Laboratório de Ecologia e Comportamento Animal iniciou as atividades em 2016. Na ocasião, os pesquisadores começaram a estudar o comportamento dos macacos-prego-preto (*Sapajus nigritus*) no campus da Universidade Estadual de Londrina. Quem frequenta cotidianamente o campus da UEL já deve ter se deparado com alguns exemplares circulando pelas árvores, andando pelos corredores, procurando comidas pelos lixos. O grupo estudava comportamentos específicos desses animais, como brincadeiras, relações de hierarquia, dominância e a sociabilidade entre os indivíduos, além de comportamentos manipulativos, vocalizações, entre outros.

Em determinado momento, os pesquisadores se deram conta de que poderiam responder algumas questões importantes do comportamento desses animais se por acaso se debruçassem sobre os hábitos de outros grupos de macacos. Entre 2020 e 2021, a pesquisa chegou ao Parque Arthur Thomas.

O planejamento dos estudos teve início em 2019. Mas o advento da pandemia do coronavírus, que impactou as atividades no Brasil a partir de março de 2020, atrasou o início dos trabalhos. Porém, o projeto não parou por causa da pandemia. Continuou com reuniões online e publicações nas redes sociais.

O objetivo é trabalhar com o levantamento da riqueza da fauna urbana, de animais que vivem em fragmentos urbanos como é o Parque Municipal Arthur Thomas, entendendo de que modo sobrevivem, quais os hábitos alimentares, quais as relações com outros grupos de animais e com grupos da própria espécie. Entender questões como essas permite planejar o deslocamento desses animais entre os fragmentos de mata, em corredores ecológicos e até passarelas para travessias de animais, frequentemente atropelados. Aliás, esse é um tema que deve ser aprofundado pelos pesquisadores, os quais também atuam com extensão universitária, levando informações científicas ao grande público através das redes sociais e do contato com os estudantes que visitam o Arthur Thomas no projeto “Descobrimos o Parque”.

O trabalho coordenado pela professora Ana Paula trouxe ao Brasil uma colaboradora do exterior, que ficou encantada com o Parque Arthur Thomas. Ana simplesmente enviou um e-mail à professora doutora Jessica Lynch, convidando-a a colaborar. E ela aceitou. Em 2022, Jessica veio ao Brasil. Ela é professora associada do Centro de Genética e Sociedade da Universidade da Califórnia (UCLA), nos Estados Unidos. É também membro do Grupo de Especialistas em Primatas da IUCN e editora-chefe do periódico “Neotropical Primates”. Em seu currículo, tem grande experiência com primatas neotropicais, relacionados a aspectos morfológicos, sociais e endócrinos. Suas pesquisas se concentram na antropologia biológica, com enfoque na evolução da diversidade comportamental e morfológica em primatas neotropicais, e na compreensão da diversidade dentro dos macacos-prego (*Sapajus* e *Cebus*), incorporando análises filogenômicas e biogeográficas.

Quando estive em Londrina, fiz uma visita ao Parque Arthur Thomas, onde tive a oportunidade de percorrer as trilhas e observar os macacos, inclusive para o trabalho de uma das pesquisadoras, Julia dos Santos Gutierrez, graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), em 2017, que estuda o uso de ferramentas por macacos-prego na região de Londrina,

incluindo o parque. Em 2024, os projetos da professora Ana Paula contavam com quatro doutorandos, três mestrandos e quatro alunos de iniciação científica.

Um desses estudantes é Gabriel Brambila Milleo. Nascido em Curitiba, foi morar em Sapopema quando tinha 15 anos. Entrou para a graduação de Ciências Biológicas na Universidade Estadual do Norte do Paraná, no campus que fica em Cornélio Procópio. De lá, foi fazer mestrado em Londrina, com a oportunidade de estudar os quatis do Parque Arthur Thomas. Era o ano de 2020 e Gabriel passou a observar os comportamentos e ecologia básica dos mamíferos. Descobriu uma superpopulação de quatis por conta da ausência de um predador natural, entre eles a raposa e felinos, como a onça e os jaguarundis. Além disso, há uma grande oferta e disponibilidade de alimentos, parte deles deixados por moradores, visitantes e turistas. Até porque os quatis são grupos sociáveis, com comportamentos tranquilos e interação antrópica.

O Parque Arthur Thomas até tem potenciais predadores dos quatis, como alguns caninos, entre eles o cachorro-do-mato, além dos felinos, como a jaguatirica, o gato-do-mato e a onça-parda, animais que circulam pelos corredores ecológicos. Entretanto, não são populações em quantidade suficiente para fazer o controle biológico natural dos quatis. E isso revela que nem tudo está em equilíbrio no parque, graças ao impacto antrópico, de diversas maneiras. Outro fato revelador é que Gabriel encontrou, em uma dessas observações, um jabuti bem grande, provavelmente deixado no parque por algum ser humano.

Ter um predador natural no ecossistema é um indicador de um ambiente saudável e estável. Isso significa que a cadeia alimentar está equilibrada e funcionando hierarquicamente bem. Mas, normalmente, os primeiros animais a desaparecerem devido à interferência humana são os que estão no topo da cadeia. Na ausência desses predadores, outras espécies começam a crescer em quantidades assustadoras. Não é o caso apenas dos quatis, mas, também, dos macacos. Sem predadores, não existe um controle natural das espécies e a cadeia alimentar fica desregulada.

Quem explica é o biólogo David Leiroza, mestre e doutorando em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Londrina. Natural do Espírito Santo, formado em Santa Catarina, o estudante meio que caiu de paraquedas em Londrina. É que David Leiroza, inicialmente, pensou



David Leiroza, biólogo

FOTO Luciano Schmeiske Pascoal

em trabalhar com o lobo-guará. No entanto, a espécie não é encontrada em Londrina, apenas na região dos Campos Gerais, em Ponta Grossa. Ele acabou se interessando por um recorte da pesquisa: entender que espécies toleram a presença humana. David chegou a Londrina em 2022 para realizar o mestrado. Em 2024, iniciou o doutorado. De lá para cá, os resultados foram surpreendentes. Isso porque esperava-se encontrar mamíferos como quatis e cotias, além dos macacos. A surpresa foi ter encontrado um felino ameaçado de extinção.

O pesquisador encontrou e registrou quase todos os felinos silvestres que têm algum grau de ameaça de extinção. Entre eles, gato-do-mato, gato-do-mato-pequeno, o gato-maracajá e o gato-mourisco. São felinos de médio porte que convivem em meio à matriz urbana, além de conviverem com espécies domésticas que, na realidade, são prejudiciais ao equilíbrio do ecossistema, como cães e gatos domesticados. Há, inclusive, registro de alguns cães domésticos que perseguem os felinos silvestres e isso é um risco para a sobrevivência das espécies ameaçadas.

A lontra e a irara são outros animais registrados, mas a ocorrência da paca é uma surpresa positiva, mesmo que com registros raros dentro do Parque Arthur Thomas. Isso porque a carne dela é muito apreciada e foi muito caçada no passado. Apesar de estar presente em quase todo o território nacional e ser tratada pela União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN) como pouco preocupante, é considerada em perigo por conta da caça clandestina. Pessoas já foram flagradas pelas armadilhas fotográficas andando no meio do parque, provavelmente em busca de caçar pacas.

São duas as modalidades de observância e registro das espécies. Uma delas é indireta, através de armadilhas fotográficas e de câmeras de vídeo. O grupo de pesquisadores escolhe pontos estratégicos



Quati

e distribuí os equipamentos, que monitoram, fotografam e filmam os animais circulando. São cinco câmeras, distribuídas em três áreas que fazem uma rotação mensal. De modo particular, é possível registrar os animais que têm hábitos noturnos, cuja observação direta é um pouco mais difícil. Mas, diretamente, é possível observar vestígios no fragmento de mata, como pegadas e identificação das fezes. Às vezes, com surpresas negativas, como a identificação de plásticos em meio às fezes dos animais, o que significa que eles estão comendo lixo.



Cutia



Macaco-prego

O sonho de todo pesquisador, a maneira mais direta de observar os animais, é encontrá-los pessoalmente. Ter a sorte de um animal cruzar o caminho do pesquisador. Tal como aconteceu com Jonas. Ou como foi com Lucas. E assim como ocorreu com a equipe de David. Eram dois pesquisadores circulando pelo parque quando, de repente, encontraram um gato-mourisco. Alguns minutos depois, uma irara foi avistada. São bichos que andam pelas matas conectadas, o que reforça a ideia de preservar os diversos fragmentos conectados uns aos outros, criando não apenas corredores ecológicos, mas, sobretudo, passarelas seguras para a travessia de animais, a fim de evitar os tantos registros de atropelamentos.

Em outubro de 2015, por exemplo, a imprensa local noticiou quatro atropelamentos em apenas duas semanas. Em média, na época, eram registrados um por mês. Entre os animais atropelados, estavam quatis, macacos e lagartos, que vivem em bandos e atravessam as ruas de maneira lenta, o que acaba ocasionando o atropelamento. Na ocasião, todos os animais atropelados morreram. Em 2024, depois de passar pela troca das grades de alambrados substituídas por estruturas de concreto, o Parque Arthur Thomas ganhou uma travessia subterrânea, próximo à entrada na altura da Avenida Dez de Dezembro, com conexão para o pequeno fragmento de mata no Jardim Piza, onde nasce o Córrego do Piza, um dos afluentes do Ribeirão Cambé.

No total, o trabalho realizado por David de monitoramento de espécies de mamíferos de médio e grande porte identificou ao menos 18 diferentes tipos de animais no fragmento do Parque Arthur Thomas. São eles gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*), tatu-galinha (*Dasyus novemcinctus*), tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*), tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*), macaco-prego-preto (*Sapajus nigritus*), capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*), paca (*Cuniculus paca*), cutia (*Dasyprocta azarae*), ratão-do-banhado (*Myocastor coypus*), ouriço-cacheiro (*Coendou spinosus*), caxinguelê (*Guerlinguetus brasiliensis*), cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*), irara (*Eira barbara*), lontra (*Lontra longicaudis*), quati (*Nasua nasua*), gato-mourisco (*Herpailurus yagouaroundi*), gato-do-mato-pequeno (*Leopardus guttulus*) e gato-maracajá (*Leopardus wiedii*).

Gato-do-mato-pequeno e gato-maracajá, por exemplo, são espécies consideradas vulneráveis pelo Ministério do Meio Ambiente. Já o ratão-do-banhado é uma espécie que tem se tornado comum, embora seja invasora. E isso não é bom. Ao contrário, é prejudicial ao meio ambiente. O ratão se



Atual portal de entrada e a travessia subterrânea para os animais

FOTO Luciano Schmeiske Pascoal

alimenta de ovos de outras espécies, favorece a predação de aves aquáticas e até provoca erosão ou assoreamento, ao cavar buracos nos cursos d'água que podem desbançar. Então, a pesquisa de mamíferos não apenas observa, mas entende e compreende a realidade dos animais que vivem no parque.

Nesse sentido, o Arthur Thomas é um local de visita, mas, sobretudo, de pesquisa científica. É um verdadeiro laboratório a céu aberto, no meio da cidade e com uma diversidade importante. Nesse laboratório, é possível observar o comportamento de comunidades silvestres e qual a reação de cada uma das espécies à ação antrópica. Nesse universo, um dos mamíferos tem linhas exclusivas e específicas de pesquisa. É, talvez, o mais próximo do ser humano. Em termos de evolução das espécies e em termos de comportamento: o macaco-prego.

## Mascotes

Uma enquete realizada em 2022 batizou a estátua da capivara do Parque Arthur Thomas, que antigamente abrigava o telefone público, de Capitu. O nome venceu com quase 22% dos 2.466 votos recebidos pelas redes sociais. A sugestão de nome foi de Adriana Marques Accorsi, inspirada na protagonista de uma das mais complexas obras da literatura brasileira, “Dom Casmurro”, do escritor Machado de Assis. Outros animais também foram batizados, numa iniciativa da Secretaria



Em 2022, a estátua da capivara ganhou o nome de Capitu numa votação pela internet

FOTO Luciano Schmeiske Pascoal



Quati

Municipal do Ambiente (SEMA). Adriana Marques Accorsi sugeriu ainda o nome Graça para a famosa garça do lago do parque. Outras pessoas tiveram a mesma ideia e deram a mesma sugestão: Lara Bueno, Janis Gonzales e Valéria Castilho.

Mas foi o quati que levou o mesmo nome do pioneiro que deu nome ao parque municipal. O quati Thomas, além de tudo, foi escolhido como mascote do parque. Os três receberam nomes porque são os únicos que têm estátuas instaladas no local, monumentos em formato dos respectivos animais. Só que tem um animalzinho que não ganhou nenhum monumento, porém, é quem faz sucesso entre os visitantes e os vizinhos do parque: o macaco-prego. Em abril do ano 2000, durante mais uma edição da ExpoLondrina, a então Autarquia Municipal do Ambiente resolveu lançar o macaco-prego como mascote do Parque Arthur Thomas, além da logomarca de diversos projetos ambientais.

**AMA lança mascote em estande montado no Parque Ney Braga**

O estande da Autarquia Municipal do Ambiente (AMA) estará lançando hoje o personagem que será a logomarca dos diversos projetos ambientais que a autarquia vai desenvolver este ano. O macaco-prego estará representado na Exposição 2000 em forma de um boneco que trará milhares de bexigas. Durante o lançamento serão distribuídos mais de 10 mil folhetos de cada um dos projetos da AMA.

Será realizado também um concurso para que as crianças que passem pelo estande escolham um nome para o macaco-prego. Entre as campanhas que a autarquia pretende desenvolver estão: reciclagem de lixo, esclarecimento sobre tempo de decomposição de materiais jogados em rios, plantio de mudas

**VAMOS RECICLAR!**  
SEPARE VIDRO, PAPEL,  
PLÁSTICO E METAL  
NO SEU LIXO.



de árvores, debates e reflexões junto à sociedade sobre poluição do ar. Além destes, ainda há projetos que visam um melhoras no Parque Arthur Thomas.

Lançamento do macaco-prego como mascote do Parque Arthur Thomas

ACERVO Museu Histórico de Londrina

Apesar de não ter uma estátua própria, o eterno mascote é tema de inúmeras pesquisas realizadas pelo Laboratório de Ecologia e Comportamento Animal (LECA) da Universidade Estadual de Londrina. E as conclusões são surpreendentes. Importantes para entender não apenas o comportamento dos primatas, mas, também, elementos da evolução das espécies. Rafaela Gulak Cavichia é uma das que pesquisou a interação entre seres humanos e macacos-prego. No mestrado, a pesquisadora deu início ao estudo da percepção das pessoas em relação aos primatas.

Natural do interior de São Paulo, da cidade de Nova Granada, Rafaela se mudou para Londrina, aos 17 anos, para cursar Ciências Biológicas na Universidade Estadual de Londrina. Desde o início da graduação, estuda os primatas, primeiro

os da própria universidade, no campus. Depois, a partir de 2022, passou a estudar essas interações dos macacos do Parque Arthur Thomas. Em seus estudos, ela dividiu as interações entre positivas, neutras e negativas. E, surpreendentemente, concluiu que majoritariamente as interações eram neutras. Isso explica o fato de que os primatas do parque passaram por um processo de habituação muito forte com relação à presença humana.

Rafaela pensou que os primatas tivessem uma interação mais negativa porque acreditou que os animais pudessem ter uma percepção de risco de predação ao se depararem com os seres humanos. Entretanto, não foi isso o que aconteceu. Ao contrário, os macacos interagem a partir de certas distâncias. Quando observou que as distâncias são predominantemente neutras, isso significa que os primatas são mais indiferentes à presença humana, ou seja, não reagem nem apresentam alteração comportamental. O fato de estarem acostumados à presença humana não eliminou o registro de algumas interações negativas.

Durante as observações, Rafaela registrou grupos de macacos que apresentam comportamentos mais agressivos por se sentirem ameaçados, como balançar os galhos, mostrar os dentes e, muito raramente, perseguir uma pessoa. Entretanto, esse tipo de interação não é bom. Por vezes, os visitantes podem achar que os macacos estão felizes quando mostram os dentes, porém, na realidade, os animais estão demonstrando que se sentem ameaçados. A pesquisadora considera que esse tipo de interação deveria ser nulo, não deveria existir, de modo especial numa unidade de conservação como é o parque.

Numa dessas observações, Rafaela testemunhou o momento em que um macaco correu atrás de um visitante, que resolveu passar pela trilha no exato momento em que um bando estava transitando entre as árvores, por cima. Então, o macho alfa reagiu, para proteger as fêmeas e os filhotes porque o bando se sentiu ameaçado. Foi quando o macaco-prego, líder do grupo, disparou o alerta de ameaça e correu atrás do visitante, que também correu e conseguiu escapar. Obviamente que o visitante ficou assustado. Daí a necessidade de se promover cada vez mais a educação ambiental. Para que se tenha a percepção do que está acontecendo e do que fazer quando acontecer uma situação como essas. Em vez de correr, o ideal é andar de costas, balançando a cabeça e fazendo círculos na barriga.

Outras interações não recomendadas dizem respeito a alimentar os animais. Esse gesto não é indicado por diversas razões. Uma delas é que os alimentos fornecidos por seres humanos normalmente são muito calóricos. Além disso, vai indicar ao macaco que há alimento de fácil acesso e isso pode prejudicar sua busca pelo alimento. E é algo que afeta, inclusive, na taxa de reprodução, ou seja, pode estimular os primatas a se reproduzirem ainda mais, o que interfere no controle biológico.

É preciso entender que os macacos do Parque Arthur Thomas são silvestres, não domésticos. Então, sempre há risco de tentarem morder ou arranhar e até transmitir doenças, no caso de qualquer modalidade de interação. O mais seguro é observar à distância. Rafaela também já estudou o tipo de dieta dos macacos, observando que eles comem alimentos naturais na mesma proporção que as comidas humanas. Isso porque fuçam nas lixeiras do parque, encontrando restos de cascas de banana, salgadinhos e bolachas descartados. Ou, então, alimentos fornecidos diretamente por visitantes, como pães e bananas, que não fazem parte da dieta como comumente se acha.

Até porque o parque é repleto de alimentos naturais ideais para os primatas, desde castanhas e pequenos frutos até insetos como aranhas, formigas e cupins. Rafaela já observou até mesmo alguns macacos comerem pequenas aves, pequenos vertebrados. Já o estudante Felipe Santos Machado Pereira, doutorando em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Londrina, tem uma linha de pesquisa diferente, mas totalmente complementar: a dieta e a dispersão de sementes pelos macacos.

Formado em Biologia, em licenciatura e em bacharelado, Felipe tem mestrado e fez estágio na área de primatologia desde 2017. Ao chegar ao terceiro ano de graduação, teve contato com o macaco-prego. No Parque Arthur Thomas, o biólogo iniciou sua pesquisa em 2023. Dentre suas observações, há diversas abordagens. O trabalho começa cedo, de manhãzinha até a tarde, em observação e em busca dos primatas. A observação direta possibilita o estudo comportamental do animal.

Todavia, para entender e compreender com melhor profundidade o comportamento alimentício, o pesquisador precisa coletar amostras fecais dos macacos a fim de identificar o que exatamente ele está defecando. Só assim é possível ter noção da riqueza fecal dos primatas, até porque as sementes ingeridas normalmente são defecadas inteiras. Ou seja, se o macaco ingere uma semente e mastiga, ela perde a função de se reproduzir, perde seu papel ativo. Então, para contribuir na dispersão

de sementes e, assim, no reflorestamento, a semente precisa ser defecada intacta. Dependendo do tamanho da semente, ela sobrevive ao trato digestório e mantém seu papel ativo.

Felipe observou que os macacos são dispersores de sementes através das fezes. E isso é importante para regeneração das espécies da flora. Entretanto, o pesquisador observou que, além das plantas nativas, os primatas consomem muitas plantas exóticas, que estão disponíveis no parque. Ou seja, uma planta exótica pode se proliferar graças à dieta dos macacos-prego, o que pode ser ruim para o ecossistema, porque, dependendo da planta exótica, ela se torna uma invasora e pode provocar um desequilíbrio no ambiente. Entre as sementes que se pode observar dispersadas pelos macacos estão a da ameixa amarela e a da uva-japonesa. É que, durante a redação do livro, os resultados da pesquisa ainda estavam sendo colhidos e tabulados.

Além dos macacos, outros animais podem ser dispersores de sementes, como morcego, anta e capivara. Mas, para Felipe, o macaco é um dispersor ideal porque tem um trato digestório maior que o do morcego e com necessidades alimentares diferentes da anta e da capivara, por exemplo. Isso o torna um dispersor único para determinadas espécies. Só que, independentemente do tipo de fezes coletadas ou observações feitas, é preciso saber que o Parque Arthur Thomas abriga ao menos dois bandos de macacos-prego.

E essa identificação é tarefa para Guilherme Akira Awane, que chegou ao Parque Arthur Thomas em 2023, no último ano de sua graduação em Ciências Biológicas. O então estudante bolsista foi fazer iniciação científica sobre hematologia, mas, antes disso, era preciso identificar individualmente os macacos. A solução foi realizar um levantamento populacional dos primatas do parque. Foram identificados dois bandos, um que Guilherme chamou de Bando Urso, com um número menor de indivíduos, cerca de 13, e cujo líder era um macho adulto grande apelidado de Urso. O outro foi denominado de Bando Dois, com aproximadamente 45 indivíduos, dos quais 15 eram fêmeas.

Desde que o levantamento foi realizado, o número aumentou, porque nasceram mais macaquinhos. O Bando Urso subiu para 18 e o Bando Dois para 51. Guilherme já sabia que esse número aumentaria, porque as cópulas começam entre junho e agosto, com cinco meses de gestação. Os comportamentos

sexuais começam com o cortejo do macho alfa, que monopoliza as fêmeas. Cinco meses depois, nascem os filhotes, que são difíceis de serem identificados porque vivem agarrados às costas das mães, o que impede a observação direta de genitálias, por exemplo. Existem outros tipos de identificação, como o reconhecimento facial através de manchas brancas, marcas, tamanho de orelhas, entre outras características pelo corpo, como marcas naturais, posição do pelo, desenhos.

O Bando Dois tem um indivíduo chamado de Orelha. É uma fêmea que tem uma orelha torta em relação à outra. Alguns macacos podem apresentar deficiências ou até ausência de membros. Um dos macacos, por exemplo, tem uma perna quebrada, que ele vive arrastando por onde passa. Em seguida, Guilherme estudaria o chamado orçamento de atividades, ou seja, quanto tempo os macacos passam em suas atividades diárias. Entre as atividades consideradas estão os comportamentos sociais, o descanso, o deslocamento, a alimentação, o chamado forrageio, que é a busca por alimentos, e a vigilância.

Guilherme iniciou essa pesquisa ainda na graduação, que terminou em maio de 2024, continuando no mestrado. E já percebeu que os primatas investem muito tempo na busca de alimentos. É um comportamento da natureza dos macacos-prego. O biólogo ainda iria estudar o efeito das provisões fornecidas pelos funcionários do Parque Arthur Thomas no orçamento de atividades, isto é, o quanto o fornecimento de alimentos pelos seres humanos interferia no tipo de dieta. É que os colaboradores do parque fornecem uma espécie de provisão, uma vez por semana, contendo cenoura, mandioca, pera e tomate para que os animais não precisem sair da mata e roubar comida dos moradores vizinhos.

Embora algumas pesquisas ainda estejam em andamento e os resultados apareçam com o passar do tempo, todas elas ajudam na compreensão dos hábitos de animais que são silvestres e interagem com os seres humanos. Apesar disso, alguns resultados obtidos com observações e pesquisas dos estudantes da Universidade Estadual de Londrina são reveladores. E inéditos.

## Os Macacos e as Pedras

Os macacos do Parque Arthur Thomas têm um repertório mais complexo de manipulação de objetos do que exemplares da mesma espécie de outros fragmentos urbanos de mata ou em ambientes silvestres. Mais que isso, é possível observar os indivíduos mais velhos ensinarem essa manipulação aos mais novos. Quem observou esse comportamento foi o biólogo Gabriel Leite Saraiva. Formado em Bauru, no interior de São Paulo, o pesquisador se mudou para Londrina em 2023 para realizar o mestrado. E está em sua pesquisa também o tipo de objeto que os macacos manipulam, se são de origem natural ou se há relação antrópica. Isso porque os primatas reviram as lixeiras e podem encontrar algum material como embalagens plásticas, latas de refrigerante, restos de marmita.

Existe até um tipo de classificação manipulatório, desde o simples, que é o manuseio geral de objetos, até comportamentos mais complexos, que envolvem tipos combinatórios como o macaco pegar um objeto e batê-lo no substrato, no solo ou num tronco de árvore. Outro tipo é quando o animal toma um objeto em cada uma de suas mãos e bate um contra o outro. Já a combinação mais complexa

que existe é quando o macaco-prego combina três elementos diferentes, envolvendo o uso de ferramentas: ao utilizar alguma rocha do solo, coloca algum tipo de semente em cima e bate nela com outra rocha com a finalidade de quebrar a semente e se alimentar do que tem no interior.

A pesquisa, ainda em andamento, é tema da dissertação de mestrado da bióloga Julia dos Santos Gutierrez e está prestes a identificar que os macacos-prego (*Sapajus nigritus*) do Parque Arthur Thomas são os únicos dessa espécie que utilizam as ferramentas dessa maneira. O recorte é limitador, porque essa espécie especificamente só ocorre no Brasil, então,



Julia Gutierrez estuda o uso de ferramentas por macacos-prego

FOTO Luciano Schmeiske Pascoal



Macaco-prego

sendo ela a única a utilizar ferramentas de pedra para se alimentar, de fato, torna-se a única do mundo. Obviamente não são os únicos primatas a se valerem de ferramentas. Há registros antigos, além de macacos-prego de outras espécies. Entre elas estão macaco-prego-castanho (*Sapajus apella*), macaco-prego-do-papo-amarelo (*Sapajus cay*), macaco-prego-galego (*Sapajus flavius*), macaco-prego-amarelo (*Sapajus libidinosus*), macaco-prego-ruivo (*Sapajus robustus*) e macaco-prego-do-peito-amarelo (*Sapajus xanthosternus*).

Entretanto, a pesquisa ganha ainda mais relevância porque esse tipo de comportamento ocasionalmente ocorre quando há escassez de alimentos. O que

não é o caso do Parque Arthur Thomas. E mais: é registrada em animais de vida livre, não em cativeiro. Outros indivíduos da mesma espécie estudados em outros fragmentos londrinenses de mata, como a própria Universidade Estadual de Londrina, não desenvolveram essa habilidade. A pesquisa também faz parte do Laboratório de Ecologia e Comportamento Animal, sob orientação da professora doutora Ana Paula Vidotto Magnoni, coordenadora do laboratório. Até então, foram registrados mais de 200 pontos com vestígios de sementes que haviam sido golpeados pelos macacos, com diferentes pedras de tamanhos diversos. Alguns até utilizam pedras quase que do mesmo tamanho do próprio corpo.

Em suas insistentes andanças pelo parque, Julia observou que os macacos-prego do parque fazem parte da única população da espécie conhecida por fazer uso dessas ferramentas, utilizando rochas para quebrarem frutos e comerem o interior. Esse tipo de comportamento é significativo porque demonstra uma capacidade cognitiva que foi aprendida pelos macacos. Um aprendizado que não está relacionado à falta ou ausência de alimentos. E é exatamente isso que ajuda a entender, compreender e elucidar alguns aspectos da própria evolução humana.

O que a pesquisa de Julia está demonstrando é que o fato de os macacos-prego do parque terem desenvolvido a habilidade de utilizarem ferramentas para quebrarem frutos e se alimentarem sem terem uma escassez alimentar que os estimulasse obrigatoriamente a isso, é um dado importante porque pode ser comparado aos primeiros primatas que passaram a desenvolver habilidades não naturais que podem ter contribuído para a evolução humana. Tudo isso dentro do próprio quintal de Londrina. Em 85 hectares de mata preservada, dos quais mais de 66 hectares são remanescentes nativos, no meio da cidade, num parque rodeado por ruas e avenidas, mas, também, por corredores ecológicos importantes.

Além de Londrina ter um parque extremamente importante, fonte de muitas informações ecológicas, a cidade ainda tem uma universidade estadual e outras instituições de ensino, que oferecem um ensino, uma pesquisa e uma extensão de qualidade e de excelência, permitindo descobertas importantes como essa. E tudo começou quatro anos antes, quando um aluno, passeando pelas trilhas do Arthur Thomas, viu, sem querer, um macaco batendo uma pedra no chão e quebrando um fruto. Isso despertou a necessidade de elaborar uma linha de pesquisa que pudesse identificar se esse comportamento era corriqueiro ou extraordinário.

O trabalho de Julia consiste em, literalmente, andar atrás dos macacos. A rotina é tentar encontrá-los para poder observar e registrar. Nem sempre é fácil e nem sempre é possível. A pesquisadora chega ao parque pela manhã, vestida para passar o dia nas trilhas e com todos os seus apetrechos. Enquanto caminha pelas trilhas, Julia tenta ouvir o barulho dos bandos, para ver onde eles estão. Claro que o ouvido dela já está treinado para ouvir e identificar as vocalizações, os sons que eles emitem. Quando identifica, Julia caminha até eles, encontrando-os às vezes parados, às vezes pulando de galho em galho.

O trabalho é seguir os macacos por onde eles forem, anotando tudo o que fazem, principalmente o comportamento de utilizar ferramentas. Com o caderninho em punho, Julia anota dados e busca aprender a linguagem dos macacos-prego. Alguns comportamentos são bem específicos, como os sons de ameaça ou quando eles estão brincando. Ao aprender, a pesquisadora passa a compreender melhor, inclusive ajuda a não interferir na rotina do bando. Afinal, quando se depara com os primatas, o máximo que conseguir absorver é preciosíssimo. Até porque há muitas e muitas vezes que Julia não consegue se encontrar com os macacos. São 85 hectares por onde eles circulam e nem sempre eles estão nas proximidades das trilhas.

Julia já observou algo além do uso de ferramentas. A pesquisadora testemunhou uma briga entre os dois bandos. Certa vez, acompanhando os macacos pelas trilhas, observou a chegada do bando maior onde estava o bando menor. Quando chegaram, começaram a fazer muito barulho, que é um indicativo de ameaçar o outro, mostrando os dentes e batendo com a mão sobre o peito. O outro bando já entende que precisa ir embora, que o território mudou de ocupantes.

Enquanto isso, Julia continua seus estudos. Um dos tópicos é tentar entender e verificar se os macacos-prego do parque utilizam outro tipo de ferramenta, como o encontrado em outras espécies do Brasil agora. Alguns exemplares foram observados utilizando pedaços de pau e gravetos para conseguir alimentos. Por enquanto, os primatas londrinenses não demonstraram essa habilidade. O que demonstraram é que o Parque Arthur Thomas ainda guarda uma série de segredos e descobertas que podem ajudar a compreender diferentes aspectos ecológicos.

## Mil Pássaros

Mais de 400 espécies de plantas, 100 diferentes borboletas catalogadas, inúmeros insetos, um tanto de mamíferos, seis córregos e um ribeirão. O ecossistema não estaria completo se não vivessem no Parque Arthur Thomas alguns pássaros. São pelo menos 100 espécies fotografadas, além de algumas migratórias, que passam pelo fragmento de Mata Atlântica como um refúgio, um descanso, antes de continuarem a migração. Algumas dessas aves estão escondidas na copa das árvores, no meio da mata. Outras, podem ser encontradas pelo chão da floresta. Enquanto outras circulam pelos espaços abertos, passeiam pelas águas da represa e, de repente, pousam em alguma árvore perto de quem quer que esteja passando por ali. Se o raio for ampliado, são 398 espécies em Londrina e 455 numa distância de 50 quilômetros quadrados.

Luiz Fernando Bravo é um dos chamados birdwatching, ou seja, um verdadeiro observador de aves. Mais que isso, um observador que não apenas pratica a atividade de maneira recreativa nem somente como uma forma de ciência cidadã, mas, também, como um registrador, como um fotógrafo dos pássaros. Seus registros ajudam a alimentar a plataforma Wiki Aves, um banco de dados com mais de 5 milhões de imagens feitas por milhares de usuários, 40 mil só no Brasil, de fotógrafos amadores a profissionais. Algumas dessas imagens foram captadas no Parque Arthur Thomas.

Londrinense, empresário e formado em História pela Universidade Estadual de Londrina, é como observador de aves que Luiz já viajou pelo Brasil e registrou pássaros em biomas como a Mata Atlântica, o Cerrado, áreas de banhado, entre



Luiz Bravo é um birdwatching, um observador de aves

FOTO Luciano Schmeiske Pascoal



Benedito-de-testa-amarela

FOTO Luiz Fernando Bravo

outras localizações. Junto com ele, alguns amigos fotógrafos também praticam esse turismo de observação e fotografia, ajudando a alimentar o Wiki Aves. O Parque Arthur Thomas é um prato cheio para qualquer birdwatching, porque o local é um oásis para as espécies de pássaros, um ambiente com uma grande diversidade e que permite ao observador atento ouvir muitos sons emitidos pelos pássaros.

Foi assim durante a entrevista. Enquanto gravava para o documentário sobre o parque, Luiz viu e ouviu um pássaro diferente pousar numa árvore logo em frente. Era o surucuá-variado, que paramos para observar. De barriga vermelha e pelagem preta, emite um som bastante característico. É uma ave relativamente



Periquitão

**FOTO** Luiz Fernando Bravo

comum, que pode até ser confundida com um pica-pau, mas que não era tão avistada no Parque Arthur Thomas. O pássaro encanta os visitantes pela sua imponência. Na realidade, eram dois. Pareciam um casal, que logo pularam de galho em galho e foram para longe.

Para os visitantes, alguns pássaros são mais comuns de serem vistos, como o benedito-de-testa-amarela, a garça-moura, a juruva e o jacaguaçu. Mas Luiz aponta para o lago da represa e mostra uma galinha-d'água, uma ave com menos

frequência em um ambiente urbano. O pássaro também é conhecido como galinhola, no Rio Grande do Sul, jaçanã-galo, no Nordeste, peituda, no Rio de Janeiro, e frango-d'água, no Paraná. Algumas aves encontradas no Parque Arthur Thomas, ou na própria região de Londrina, não existiam por essas bandas, migraram de alguma localidade por algum motivo.

Um dos fatores pode ser, inclusive, o desmatamento, as queimadas e a urbanização acelerada e desordenada. Por isso é tão importante preservar locais como o Parque Arthur Thomas, fragmentos de mata que servem como casa de muitas aves. Outros pássaros, em vez de morarem no parque, utilizam-no como passagem. São animais que permanecem no local durante uns três ou quatro dias, descansando, alimentando-se e repondo as energias. E, claro, preparando-se para continuar a viagem. No caminho de volta, elas passam pelo mesmo local, desta vez em direção ao destino de origem.

Os observadores mais experientes conseguem até acompanhar determinadas aves migratórias ano após ano, registrando o comportamento delas e o período em que permanecem no local. Os visitantes ocasionais nem sempre conseguem acompanhar essa rotina migratória, talvez por não terem o olhar treinado. Luiz, por exemplo, observa há 12 anos uma águia-pescadora que pousa no Lago Igapó, no Ribeirão Cambé, o mesmo que, alguns quilômetros depois, passa pelo Parque Arthur Thomas. Durante o dia ela pesca por lá e durante a noite ela dorme no parque.

Originária da América do Norte, a ave migra para a América do Sul, chegando ao Brasil entre os meses de setembro e outubro, permanecendo na região até abril e maio. Nem sempre no mesmo local. Além de Londrina, já foi registrada em cidades como Manaus (AM), Belém (PA), Rio de Janeiro (RJ), Florianópolis (SC), Porto Alegre (RS), Varjota (CE) e Sobral (CE). É muito comum em ambientes aquáticos como lagos, inclusive os que estejam inseridos em ambientes urbanos. Então, embora Luiz tenha avistado e registrado a ave no Lago Igapó pescando durante o dia, é no Parque Arthur Thomas que a ave escolhe passar a noite, por ser um ambiente mais seguro, longe da presença humana.

Luiz observa que a águia-pescadora tem vindo todo ano há 12 anos, chegando a Londrina no comecinho de novembro e indo embora no fim de fevereiro. Em 2024, entretanto, a ave não migrou no período costumeiro. Ao contrário, ela permaneceu dentro do Parque Arthur Thomas, onde Luiz



Águia-pescadora

FOTO Luiz Fernando Bravo



Canário-da-terra

FOTO Luiz Fernando Bravo



Chupin

FOTO : Luiz Fernando Bravo

observou a troca de penas. O fotógrafo registrou e foi realizando comparações fotográficas. A ave ficou magrinha, mais escura, trocou de penas e, depois disso, voou para o Lago e, aí sim, migrou após alguns dias. Imponente, é uma ave de rapina que mede cerca de 55cm a 58cm de comprimento e pode ter uma envergadura de 1,74m.

Durante suas observações fotográficas ao lado de amigos passarinhos, Luiz já registrou aves como a garça-moura e o pernilongo-de-costas-branca. Os



Irerê

FOTO Luiz Fernando Bravo



Tesourinha

FOTO Luiz Fernando Bravo



Choca-barrada (macho e fêmea)

FOTO Luiz Fernando Bravo

amadores especialistas em pássaros têm técnicas muito avançadas para atrair uma ave. No Wiki Aves, além de compartilharem as fotos, os usuários conseguem publicar sons. E, com esses sons, os fotógrafos buscam atrair os pássaros e registrá-los. Às vezes dá certo, outras não. Então, além da câmera fotográfica e suas lentes, um item essencial é o celular conectado a uma caixa de som portátil. A prática da observação e do registro dos pássaros é também um grande aprendizado.

Luiz aprendeu, por exemplo, que algumas aves podem ser dispersoras de outros



Urutau

FOTO Luiz Fernando Bravo



Garça-branca-grande

FOTO Luiz Fernando Bravo

animais. Ou melhor, dos ovos de outras espécies. Às vezes, uma ave come a ova de um marisco que não se digere no organismo do pássaro e, quando ela defeca em outro lugar, acaba transportando o bicho para um novo ambiente. O mesmo acontece com as ovas de algum tipo de peixe, as quais podem ser ingeridas por uma ave aquática ou ficarem presas em suas pernas, penas ou bicos. E, depois, transportadas para algum outro lago. Aliás, alguns peixes encontrados ao longo do Ribeirão Cambé podem ter aparecido dessa maneira, como o tucunaré.

Pesquisadores já descobriram ovas de peixes que sobreviveram mais de 30 horas dentro de aves. Um desses estudos foi feito pelo Instituto de Pesquisa do Danúbio e do Centro Nacional de Pesquisa e Inovação Agrícola, ambos na Hungria, e a



Sabiá-barranco

FOTO Luiz Fernando Bravo

Estação Biológica de Doñana, Conselho Superior de Investigações Científicas da Espanha, publicados no "Proceedings of the National Academy of Sciences". Assim como grande parte das aves se alimenta de grãos e de frutos, que acabam sendo "plantados" em locais diferentes. Os observadores aprendem sobre os hábitos alimentares, sobre os tipos de bicos, formatos de asas, cada ninho diferente que cada ave prepara, seja de terra, de galhos, de folhas ou de barro.

Lauril Krawczun talvez seja um dos passarinhos que mais tenha fotografado e publicado fotos de pássaros do Parque Arthur Thomas no Wiki Aves. É que, quando a esposa ia para a academia, próximo ao parque, ele aproveitava a uma



Trinca-ferro

FOTO Luiz Fernando Bravo

hora que tinha para se embrenhar na mata, pelas trilhas, ou então observar as aves no lago da represa. E isso lhe rendeu boas observações e raras fotografias de pássaros no local. Na realidade, os registros tiveram início com os sons das aves.

Desde criança, Lauril gostava de pássaros. Nunca em gaiolas. Um dia ele descobriu o professor doutor Luiz dos Anjos, do Departamento de Biologia Animal e Vegetal e no comando do Laboratório de Ornitologia e Bioacústica no Centro de Ciências Biológicas. Doutor em Zootecnia, o professor é o único ornitólogo da Universidade Estadual de Londrina e havia lançado um livro sobre aves de Londrina. Lauril não conseguiu comprar o livro, esgotado. Mas encontrou um exemplar na Biblioteca



Maria-faceira

**FOTO** Luiz Fernando Bravo



Gavião-caramujeiro

FOTO Luiz Fernando Bravo

Pública de Londrina, fez uma cópia e passou a estudar o assunto. Àquela altura, ele não tinha gravador nem máquina fotográfica. O primeiro instrumento que comprou foi um binóculo para observar as aves.

Em 2012, participou de um grupo de estudos na universidade e foi incentivado a frequentar as matas de Londrina para observar os pássaros. Depois, comprou um gravador e, então, começou a publicar os sons dos pássaros no Wiki Aves. Só mais tarde é que ele comprou uma máquina, ainda muito simples, para depois



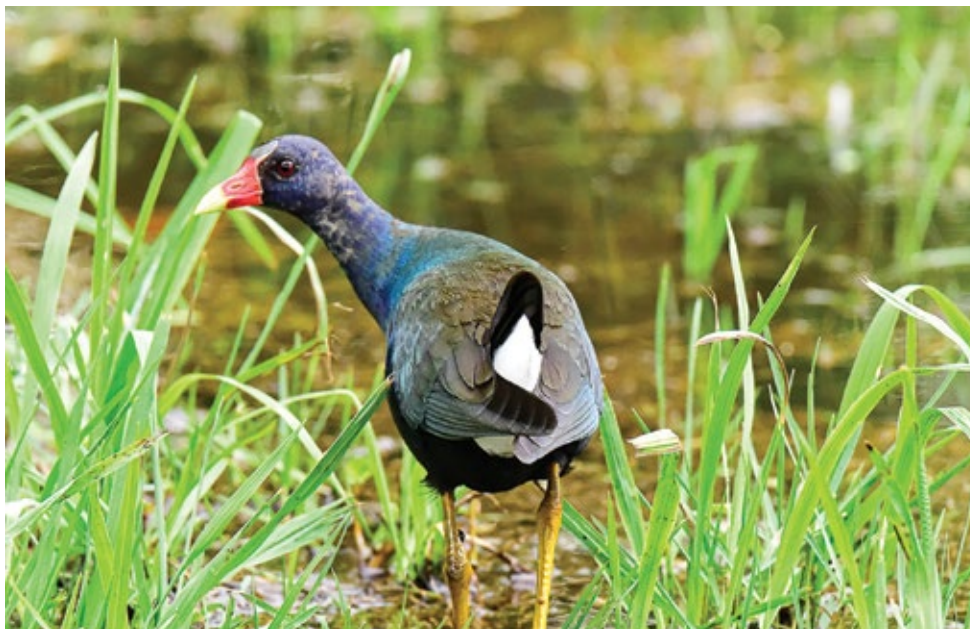
Beija-flor-dourado

FOTO Luiz Fernando Bravo



Biguá

FOTO Luiz Fernando Bravo



Frango-d'água-azul

FOTO Luiz Fernando Bravo

adquirir uma melhor. Lauril sempre registrou sons de pássaros no Parque Arthur Thomas e, nessas andanças, acabou fotografando exemplares incomuns para o local. Um deles foi o gavião-bombachinha, considerado raro em Londrina, ao menos pelos passarinhos. Tanto que poucos fotógrafos registraram o pássaro no Wiki Aves.

A anhuma também não é tão comum, mas foi registrada tanto por Lauril quanto



Coruja-buraqueira

FOTO Luiz Fernando Bravo



Pica-pau-verde-barrado

FOTO Luiz Fernando Bravo

por Luiz Bravo, entre outros passarinhos. Assim como o gavião-bombachinha, é uma ave migratória e, talvez por isso, seja menos comum registrá-las em Londrina. Outro exemplar que Lauril ficou surpreso de encontrar no parque foi o beija-flor-de-rabo-branco pequeno. O fotógrafo amador já havia encontrado em outras matas, mais distantes do centro da cidade. Mas a primeira gravação que conseguiu fazer dele foi no Arthur Thomas. Tal qual foi com o andorinhão-de-

sobre-cinzento, um pássaro que não é urbano. Lauril o encontrou no Parque e também gravou o som da ave. Provavelmente ele subiu a mata ciliar do Ribeirão Cambé, vindo de algum corredor ecológico.

Experiente no registro de pássaros, Lauril já sabe que existem aves aquáticas e outras que se escondem na mata. A saracura-do-mato, entretanto, é uma das que, como o próprio nome diz, fica escondida nos arbustos e costuma se alimentar dentro do rio. No Parque Arthur Thomas, Lauril já flagrou a ave no rio, no caminho para as trilhas. Só que o parque não é o local onde se encontra a maior quantidade de pássaros. Lauril já observou muito mais indivíduos em outros locais. E isso pode ter uma explicação simples: a pouca oferta de alimento.

A solução também é simples: plantar árvores frutíferas que sirvam de alimentos aos animais, de modo especial às aves. Em certa observação, Lauril viu um pica-pau se deliciando com uma jaca, numa área mais para dentro da mata. Mesmo com as dificuldades e os desafios, o Parque Arthur Thomas continua sendo uma joia rara no centro de uma cidade. E continua surpreendendo quem visita, quem pesquisa, quem observa. O próprio Lauril fotografou, em agosto de 2024, um mergulhão-pequeno no lago da represa. E ficou feliz ao saber que foi o primeiro registro da ave do parque no Wiki Aves.

## Sons da Mata

O que os passarinhos observam, os pesquisadores comprovam: o Parque Arthur Thomas tem uma grande variedade de espécies de aves. No total, são 126 diferentes espécies de pássaros no fragmento de mata atlântica, catalogadas pelo Laboratório de Ornitologia e Bioacústica (LOBIO), que faz parte do Departamento de Biologia Animal e Vegetal da Universidade Estadual de Londrina. Formado em Ciências Biológicas em 2023, Matheus Eduardo Bortolloti é um dos mestrandos



Peregilongo

FOTO Marcelo Jardim



Saí-andorinha

FOTO Matheus Eduardo Bortoloti

que estuda o assunto, orientado pelo professor Luiz dos Anjos. O tema trabalhado por ele é justamente a diversidade funcional e taxonômica de aves na Mata Atlântica.

A primeira vez que Matheus foi ao Parque Arthur Thomas para estudar, ainda como um pesquisador iniciante, foi porque um de seus veteranos o levou, Marcelo Jardim. Marcelo estava desenvolvendo um trabalho sobre as espécies de aves do parque, inclusive foi quem identificou o número de diversidade existente, quando

convidou Matheus para começar a aprender a identificar as espécies, seja pela observação direta e contato visual, seja pelos sons emitidos pelas aves e gravados. No primeiro ano da graduação, Matheus já sabia identificar algumas espécies, mas ainda precisava aprender outras.

Nessas primeiras idas ao parque, Matheus e Marcelo ficaram em um ponto de



Martim-pescador-grande

FOTO Marcelo Jardim



Martim-pescador-verde

FOTO Marcelo Jardim



Garça-moura

FOTO Marcelo Jardim

escuta, num local determinado, identificando as aves pela visão e pelos sons. A cada novo barulho, os dois registravam num caderninho. Com o tempo, Matheus passou a ir sozinho, até que um dia também registrou uma águia-pescadora comendo um peixe. Pode até parecer sorte, mas, na realidade, há muita técnica em observar e registrar pássaros. Uma das maneiras é fazer o que se chama de transecção, que compreende em caminhar por uma trilha e ir marcando as espécies avistadas e ouvidas.

Outra técnica, criada na França, é determinar um ponto de escuta, sentar e ficar ouvindo a abundância de sons. Também existem processos para esse tipo de observação, como permanecer a cada 200 metros um pesquisador do outro, a fim conseguir uma amostra padrão. Essa metodologia é importante porque se consegue perceber os sons repetidos ou de diferentes indivíduos, o que contribui para pesquisar não apenas a espécie, mas a abundância dela. Se perceberem que é o mesmo, os pesquisadores não marcam. É um cuidado importante para não comprometer a amostra, para não super amostrar nem sub amostrar.



Socó-boi

FOTO Marcelo Jardim



Quero-quero

FOTO Marcelo Jardim

Por isso é que, para poder anotar na fichinha e depois transferir para uma planilha, é preciso estar com o ouvido treinado. Mais do que contar ou identificar se é o mesmo pássaro, os pesquisadores devem saber que espécie é. Esses ouvidos e olhos treinados contribuem para, inclusive, observar pássaros incomuns ou mais raros. Uma das espécies que Matheus ficou feliz em ver no parque foi a águia-pescadora, registrada também pelos principais passarinhos de Londrina. Não que seja rara, mas que é mais difícil de ver. Como é uma espécie que se alimenta de peixes, o lago do parque é um local ideal para a ave.



Águia-pescadora

FOTO Matheus Eduardo Bortoloti

Uma ave em específico vista por Matheus tanto no Parque Arthur Thomas quanto na Universidade Estadual de Londrina mostra que, apesar do avanço da urbanização e da pressão antrópica sobre os fragmentos de floresta, ainda há esperança. O pesquisador registrou nos dois locais uma jandaia-de-testa-vermelha, inclusive considerada ameaçada de extinção por causa da perda do habitat. Então, avistá-la é um bom indicador biológico. A tese de Matheus é de que a casa dessa espécie é o Parque Estadual Mata dos Godoy, na zona sul de Londrina, mas com boa capacidade de voo, a jandaia-de-testa-vermelha circula por outros fragmentos como a Universidade Estadual de Londrina, que é bastante arborizada, e o Parque Arthur Thomas, um pouco mais longe, principalmente para explorar possibilidades de alimentação. Daí a importância de se arborizar uma cidade e manter fragmentos de mata preservados.

A jandaia-de-testa-vermelha é tipo uma maritaquinha, da família dos papagaios, que, apesar de ser considerada ameaçada de extinção, não necessariamente é difícil de encontrar. No Wiki Aves, por exemplo, existem 115 fotografias do pássaro. Matheus explica que, dada sua natureza, é uma ave barulhenta, que solta ruídos enquanto voa, então, é fácil para os observadores avistarem por onde voa e onde pousará, fazendo o registro da foto. Com cerca de 30 centímetros de comprimento, pesa cerca de 130 gramas. E é fácil entender porque o pássaro chama a atenção. De coloração verde-escura, apresenta a testa e região dos olhos com uma cor vermelho-alaranjada intensa, com uma coroa amarela brilhante.

Já o tucano-de-bico-verde, apesar de não estar ameaçado de extinção, é um pássaro muito visado por caçadores ilegais por conta do comércio clandestino de animais. Não é raro, mas é difícil avistá-lo. E Matheus já o viu no Parque Arthur Thomas. Nesse sentido, o ecossistema do fragmento de mata bem no centro da cidade é um refúgio para os pássaros, não somente para os que vivem no local, mas, também, para os que apenas frequentam e se utilizam dos recursos disponíveis. O tucano-de-bico-verde, por exemplo, é um excelente dispersor de sementes.

No Parque Arthur Thomas, foram registradas as seguintes espécies por Marcelo Jardim: inhambu-chororó, inhambu-chintã, pato-do-mato, marreca-ananaí, jacupemba, biguá, socó-dorminhoco, socozinho, garça-vaqueira, garça-moura, garça-branca-grande, garça-branca-pequena, urubu-de-

cabeça-preta, sovi, gavião-carijó, carão, saracura-do-mato, galinha-d'água, quero-quero, jaçanã, rolinha-roxa, pomba-galega, pomba-asa-branca, pomba-de-bando, juriti-pupu, juriti-de-testa-branca, cuco, alma-de-gato, anu-preto, anu-branco, andorinhão-de-sobre-cinzentos, andorinhão-do-temporal, rabo-branco-pequeno, rabo-branco-acanelado, besourinho-de-bico-vermelho, beija-flor-de-papo-branco, beija-flor-de-garganta-verde, beija-flor-de-peito-azul, surucuá-variado, martim-pescador-grande, martim-pescador-verde, martim-pescador-pequeno, juruva-verde, picapauzinho-barrado, picapauzinho-de-coleira, pica-pau-branco,



Bem-te-vi-rajado  
FOTO Marcelo Jardim



Andorinha-do-rio  
FOTO Marcelo Jardim

pica-pau-verde-carijó, pica-pau-verde-barrado, pica-pau-de-cabeça-amarela, pica-pau-de-banda-branca, carcará, periquitão-maracanã, jandaia-de-testa-vermelha, periquito-de-encontro-amarelo, maitaca-verde, choquinha-lisa, choca-barrada, choca-da-mata, chocão-carijó, arapaçu-verde, arapaçu-de-bico-torto, arapaçu-grande, bico-virado-carijó, joão-de-barro, joão-porca, barranqueiro-de-olho-branco, limpa-folha-ocráceo, limpa-folha-de-testa-baia, pichororé,



Pica-pau-cabeça-amarela  
FOTO Fernando Bravo

caneleiro-preto, caneleiro-de-chapéu-preto, cabeçudo, estalador, bico-chato-de-orelha-preta, tororó, miudinho, risadinha, guaracava-grande, guaracava-de-crista-alaranjada, marianinha-amarela, alegrinho, bem-te-vi-pirata, irré, maria-cavaleira, bem-te-vi, bem-te-vi-rajado, neinei, bentevizinho-de-penacho-vermelho, suiriri-tropical, tesourinha, peitica, filipe-de-peito-riscado, enferrujado, pitiguari, juruviara-boreal, andorinha-pequena-de-casa, andorinha-doméstica-grande, andorinha-do-rio, corruíra, sabiá-barranco, sabiá-laranjeira, sabiá-poca, mariquita, pia-cobra, pula-pula-de-coroa-dourada, canário-do-mato, pula-pula-assobiador, guaxe, chupim, tietinga, sanhaço-cinzentos, saíra-amarela, saíra-de-chapéu-preto, figuinha-de-rabo-castanho, saíra-de-papo-preto, tiê-de-topete, tiê-preto, saí-andorinha, saí-azul, cambacica, bigodinho, coleirinho, tiê-de-bando, azulão, pintassilgo, fim-fim e ferro-velho.

Ao circular pela Avenida Dez de Dezembro, talvez não se perceba a riqueza que está escondida no fragmento de mata ao lado. As pessoas talvez não conhecem ou nem imaginam o valor que a floresta preservada representa. Bem como a mata ciliar, os córregos e ribeirões, os fundos de vale, os animais e até os insetos. Muitas espécies raras, diferentes, incomuns, habitam o pulmão de Londrina. Os londrinenses são vizinhos de uma diversidade ecológica pouco encontrada no meio das grandes cidades brasileiras.

Do mesmo modo que a natureza responde à não preservação, com o sumiço de espécies, com a extinção de determinados exemplares da fauna e da flora, o contrário também é verdade. A natureza mostra toda sua exuberância quando o ser humano entende o significado de preservar. E isso traz consequências ímpares, desde o controle climático até a purificação do ar e da água. O mundo está enfrentando consequências da pressão antrópica sobre a natureza e vai se destacar a cidade que tiver um parque como o Arthur Thomas preservado.

## O Futuro

Não se pode resumir 85 hectares em um único livro. Muito menos uma trajetória de aventuras, de ousadia e de pioneirismo no sertão do Norte do Paraná. Londrina não seria o que é hoje não fosse o trabalho árduo do escocês Arthur Thomas. E Londrina jamais será o que quer que queira ser se não for a preservação do Parque Arthur Thomas. A linha histórica que une o pioneiro ao parque é muito maior que os 25 km de extensão do Ribeirão Cambé. E os 90 anos que Londrina completou em 2024 é pouco tempo para explicar a grandeza do que foi Arthur Thomas e do que é o Parque Arthur Thomas.

Ao mergulhar num enredo fascinante, sinto como se cada capítulo ainda pudesse ter mais algumas páginas. Não porque faltou contar alguma história. Mas porque sempre haverá o que contar sobre essas histórias. Dos 555.965 habitantes que moram na eterna capital mundial do café, sempre haverá alguém que conheceu, que viu, que testemunhou ou que ouviu falar sobre Arthur Thomas. Às vezes, por meio de reportagens, cartas, bilhetes, lembranças transmitidas de geração em geração. Daí a importância de biografias como essa. Ou, então, sempre haverá alguém que visitou o Parque Arthur Thomas com a escola, que se deparou com algum animal, que tem alguma narrativa sobre o parque.

O desafio foi grande. Não apenas por produzir, pesquisar, estudar, ler e me debruçar sobre uma longa e detalhada história, entregando-a escrita em tão pouco tempo, mas por saber que, a cada conversa, a cada leitura, a cada entrevista, a cada pesquisa sempre surgirão fatos novos, boas anedotas e informações relevantes. Por isso é que, tal qual o remanescente nativo da Mata Atlântica é vivo, assim também é uma biografia. Seja de um pioneiro, seja de um parque. Novas histórias sempre poderão ser acrescentadas aos anais da História.

O importante é que, ao terminar a leitura deste livro, o leitor e a leitora sintam-se abastecidos, satisfeitos e saciados por um verdadeiro banquete histórico e por uma sobremesa ecológica. Afinal, os mesmos ideais que trouxeram o progresso nos anos 1930 ajudaram a preservar a natureza nos anos 1970-1980 até os dias de hoje. O que foi feito, já o foi. O importante é saber o que virá a partir de agora. Por isso é que, ao registrarmos o passado, valorizamos o presente e olhamos para o futuro com um novo olhar, mais sensível e mais sensibilizado.

O que nos espera o futuro? A resposta para essa pergunta depende de cada pessoa que gastou seu precioso tempo para entender de onde viemos, para saber onde estamos e para pensar para onde iremos. Só depende de você decidir e escolher que trilha seguir: eu escolherei a preservação da memória junto da preservação da natureza. Quando digo que uma biografia é viva, quero dizer que, ao encerrar o ponto final deste livro, o trabalho não acabou. Ao contrário, está só começando. Ainda há muito o que ser feito. Recuperar e restaurar a primeira usina hidrelétrica de Londrina é um dos grandes desafios.

Preservar a mata é outro, tão enorme quanto as grandes questões da humanidade. Por felicidade, temos grandes aliados, como os heroicos servidores da Secretaria Municipal do Ambiente (SEMA) ou os guerreiros pesquisadores das universidades, de modo especial os da Universidade Estadual de Londrina. Não se pode esquecer dos entusiastas, voluntários e amantes do Arthur Thomas. O esforço, afinal, deve ser coletivo. E cada braçada ajuda a gente a nadar mais firme na direção certa.

A pergunta, então, é: o que podemos fazer pelo Parque Municipal Arthur Thomas? O que podemos fazer para preservar ainda mais a memória e as lembranças do pioneiro de Londrina? O que podemos fazer para preservar ainda mais o pulmão londrinense? Por aqui, muitas boas ideias transformadas em bons projetos que necessitam sempre de um empurrãozinho chamado investimento. Não desistiremos. Continuaremos caminhando e trabalhando no que pudermos para que a Londrina do passado jamais seja esquecida, para que o parque do presente jamais seja abandonado e para que o mundo do futuro que queremos se torne realidade.





## **Entrevistados**

Ademar Santo Ferreira

Alan Thomas

Alex Canziani

Alini Nunes de Oliveira

Ana Paula Vidotto Magnoni

Carlos Alberto Hirata

Daiane Fernandes Ferreira

David Leiroza

Elvira Alegre

Felipe Santos Machado Pereira

Gabriel Brambila Milleo

Gabriel Leite Saraiva

Guilherme Akira Awane

Jonas Henrique Pugina

Jorge Akira Oyama

José Fernando Mangili Júnior

Julia dos Santos Gutierrez

Lauril Krawczun

Lidiani Maria Damiani Isidoro

Lucas Mastellini Theodoro

Luiz Fernando Bravo

Marcelo Arasaki

Matheus Bortolotti

Nilson Pereira

Omeletino Benatto

Queila Spoladore

Rafaela Guglak Cavichia

Sidney Antonio Bertho

Solange Cristina Batigliana

## Bibliografia

- Londrina 25 anos de sua história. COUTINHO, Humberto Puiggari. São Paulo, 1959. 142p. 2ª edição: Londrina, Gráfica Universal, 1997.
- Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná. COMPANHIA MELHORAMENTOS DO PARANÁ. São Paulo: Editora Ave-Maria Ltda, 1975.
- A Santa luta da nossa Casa – Gênese, personagens e desafios da Irmandade da Santa Casa de Londrina. PEDRIALI, José Antonio. Londrina: ISCAL e Midiograf, 2012. 384p.
- Um pioneiro na selva brasileira: a história de aventuras da colônia alemã de Rolândia. NIXDORF, Oswald. Tradutor: Werner Paulo Oesterle. Londrina: Eduel, 2016. 364p.
- A criação do Parque Arthur Thomas em Londrina-Pr: Aspectos jurídicos e de Educação Ambiental. BALLAROTTI, Carlos Roberto. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.
- Fragments da história – O uso da fotografia para recuperação e a preservação da memória de Londrina. HOFFMANN, Maria Luisa. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2015. 451p.
- Temas e Questões para o ensino de História do Paraná. Organizadoras: ALEGRO, Regina Célia; MOLINA, Ana Heloísa; CUNHA, Maria de Fátima da; SILVA, Lúcia Helena Oliveira. Vários autores. Eduel: Londrina, 2015. 298p.
- Um olhar sobre o Parque Arthur Thomas no centro urbano de Londrina/PR. CAMPOS, Ricardo Aparecido. PIMENTA, Paulo Sérgio Pereira. STIPP, Nilza Aparecida Freres. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo.
- PARECER Nº 200/2023 da Diretoria de Patrimônio Artístico e Histórico-Cultural. Processo: SEI 19.023.124035/2023-06. USINA CAMBÉ – PARQUE ARTHUR THOMAS
- INVENTÁRIO URBANO-PAISAGÍSTICO P38 – Plano Diretor de Patrimônio Histórico-Cultural: Parque Arthur Thomas.
- Microbacia do Ribeirão Cambé-Londrina-PR: Levantamento Ambiental Utilizando Técnicas de Geoprocessamento e Sensoriamento Remoto. ARAUJO, Rafael Silva. Orientação: TORRES, Eloiza Cristiane. Universidade Estadual de Londrina (UEL). Dezembro, 2004. 140 p.
- Rafael Silva de Araujo, TCC para obtenção do título de bacharel em Geografia, sob orientação da professora doutora Eloiza Cristiane Torres, da Universidade Estadual de Londrina (UEL),
- “Médicos desde o tempo das epidemias”, SCHWARTZ, Widson. Jornal de Londrina, 3 de abril de 2004, Página 4B.
- “Um outro Paraná estava surgindo”, SCHWARTZ, Widson. Folha de Londrina, 29 de abril de 1984. Página 28.
- “Hugh e Londrina”, SCHWARTZ, Widson. Jornal de Londrina, 16 de setembro de 1998. Página 3B.
- Estudo florístico e fitossociológico do Parque Arthur Thomas, Londrina – PR. DOLIBAINA, P.C. 1992. (Monografia de Bacharelado – Departamento de Biologia Animal e Vegetal – Universidade Estadual de Londrina).
- Comunidades de aves em unidades de conservação urbanas no Norte do Paraná, Sul do Brasil. JARDIM, Marcelo Tiago. Londrina, 2020.

<https://www.londrinahistorica.com.br/publicacoes/23/lord-lovat>  
<https://www.maringahistorica.com.br/publicacoes/4313/lord-lovat>  
<https://www.maringahistorica.com.br/index.php/2009/04/verdade-sobre-companhia-de-terras-norte.html>  
<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/maringa/lord-lovat-o-ingles-mais-influente-do-norte-do-parana-bdndb7qlp5zyd8vtau46zaf9e6/>  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Eduardo\\_VII\\_do\\_Reino\\_Unido](https://pt.wikipedia.org/wiki/Eduardo_VII_do_Reino_Unido)  
<https://vontadedeviajar.com/pequena-dundee-na-escocia/>  
[https://en.wikipedia.org/wiki/DC\\_Thomson](https://en.wikipedia.org/wiki/DC_Thomson)  
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Singapura#Geografia>  
[https://archives-bodleian-ox-ac-uk.translate.goog/repositories/2/archival\\_objects/231305?\\_x\\_tr\\_sl=en&\\_x\\_tr\\_tl=pt&\\_x\\_tr\\_hl=pt-BR&\\_x\\_tr\\_pto=sc](https://archives-bodleian-ox-ac-uk.translate.goog/repositories/2/archival_objects/231305?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc)  
<https://academiaparanaensedeletras.com.br/portfolio/a-colonizacao-agricola-e-urbana-do-norte-do-parana/>  
<https://portal.londrina.pr.gov.br/index.php/historia-cidade>  
<https://www.londrinahistorica.com.br/publicacoes/396/a-construcao-da-ponte-sobre-o-rio-tibagi-em-1933>  
<https://cbnlondrina.com.br/index.php/projeto-especial/manoel-ribas-e-a-decisao-de-construir-a-ponte-do-rio-tibagi-pessao-de-caminhoneiros-e-diretores-da-acl-em-1942->  
<https://acil.com.br/historia/>  
<https://www.casacivil.pr.gov.br/Pagina/Manoel-Ribas>  
<https://davidarioch.wordpress.com/tag/achilles-pimpao/>  
<https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/celia-musilli---memorias-de-levi-strauss-700826.html?d=1>  
<https://www.londrinahistorica.com.br/publicacoes/190/a-visita-de-claude-levi-strauss-a-londrina>  
<https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/esse-cara-ainda-esta-aqui-752888.html>  
[https://www.uel.br/com/agenciaueldenoticias/index.php?arq=ARQ\\_not&FWS\\_Ano\\_Edicao=1&FWS\\_N\\_Edicao=1&FWS\\_N\\_Texto=13960&FWS\\_Cod\\_Categoria=2](https://www.uel.br/com/agenciaueldenoticias/index.php?arq=ARQ_not&FWS_Ano_Edicao=1&FWS_N_Edicao=1&FWS_N_Texto=13960&FWS_Cod_Categoria=2)  
<https://www.folhadelondrina.com.br/reportagem/o-melhor-restaurante-do-parana-890543.html?d=1>  
<https://cbnlondrina.com.br/projeto-especial/dutra-e-lupon-em-londrina-uma-visita-presidencial-historica>  
<https://cbnlondrina.com.br/index.php/projeto-especial/a-farsa-da-prisao-de-julius-streicher-em-londrina-1942-uma-invencao-de-arthur-thomas->  
<https://cbnlondrina.com.br/index.php/projeto-especial/a-sociedade-amigos-da-america-e-o-avanco-da-energia-hidreletrica-em-londrina>  
<https://portal.londrina.pr.gov.br/unidades-de-conservacao/parque-municipal-arthur-thomas>  
<https://www2.cml.pr.gov.br/cons/lnd/leis/1975/L02564.htm>

<https://www2.cml.pr.gov.br/cons/lnd/leis/1988/L04061.htm>  
<https://hospitalsaorafael.org.br/nossa-historia/>  
<https://sites.google.com/edu.londrina.pr.gov.br/conhecerc Londrina/roteiro-6/segunda-parada>  
<https://www.londrinahistorica.com.br/publicacoes/483/imigrantes-alemaes-e-o-norte-do-parana-desafios-e-contribuicoes>  
[https://www.ibipora.pr.gov.br/pagina/1689\\_Nossa-Historia.html](https://www.ibipora.pr.gov.br/pagina/1689_Nossa-Historia.html)  
<https://www.londrinahistorica.com.br/publicacoes/88/o-estadio-vitorino-goncalves-dias>  
<https://desabafosdejoseroberto.blogspot.com/2015/10/fabrinca-de-foices-foi-primeira.html>  
[https://www.uel.br/portaldoaposentado/entrevista/entrevista\\_17.php#:~:text=O%20professor%20foi%20um%20dos,Secret%C3%A1rio%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20Londrina.](https://www.uel.br/portaldoaposentado/entrevista/entrevista_17.php#:~:text=O%20professor%20foi%20um%20dos,Secret%C3%A1rio%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20Londrina.)  
<https://www2.cml.pr.gov.br/cons/lnd/leis/1966/L01154.htm>  
<https://id-cultura.londrina.pr.gov.br/espaco/312/>  
<https://crillon.com.br/destino-londrina/11/parque-arthur-thomas>  
<https://www2.cml.pr.gov.br/cons/lnd/leis/1988/L04061.htm>  
<https://www.bonde.com.br/bondenews/londrina/prefeitura-anuncia-revitalizacao-do-parque-arthur-thomas-com-previsao-de-entrega-para-dezembro-de-2024>  
<https://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2016/01/prefeitura-de-londrina-decreta-situacao-de-emergencia-apos-chuvas.html>  
<https://www.londrinahistorica.com.br/publicacoes/273/a-construcao-da-avenida-dez-de-dezembro>  
<https://www1.cml.pr.gov.br/leis/1993/web/LE054971993consol.html>  
[https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/l/lt#:~:text=A%20Leishmaniose%20Tegumentar%20%C3%A9%20uma,\(Leishmania\)%20amazonensis%2C%20L.](https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/l/lt#:~:text=A%20Leishmaniose%20Tegumentar%20%C3%A9%20uma,(Leishmania)%20amazonensis%2C%20L.)  
<https://www.iat.pr.gov.br/Pagina/ICMS-Ecologico-por-Biodiversidade#:~:text=%E2%80%9CO%20ICMS%20Ecol%C3%B3gico%20%C3%A9%20um,unidades%20de%20conserva%C3%A7%C3%A3o%20e%20mananciais.>  
<https://www.londrinahistorica.com.br/publicacoes/84/armazem-companhia-de-teatro>  
<https://www.bonde.com.br/bondenews/londrina/parque-arthur-thomas-retoma-visitas-monitoradas-em-londrina-427832.html>  
<https://agoralondrina.wordpress.com/2018/08/21/projeto-descobrimdo-o-parque-leva-alunos-ao-arthur-thomas/>  
<https://jornaluniao.com.br/noticias/meio-ambiente/alunos-visitam-e-aprendem-historia-do-parque-arthur-thomas-2018-09-04>  
<https://catve.com/noticia/6/147469/>  
<https://taroba.com.br/noticias/cidade/moradora-flagra-macacos-roubando-bananas-em-quintal-no-jardim-monte-carlo>

<https://taroba.com.br/noticias/policial/apos-uma-hora-de-trabalho-bombeiros-extinguem-incendio-proximo-do-parque-arthur-thomas-xbYoe.html>

<https://www.uel.br/cca/dmvp/pages/docentes.php>

<https://www.bonde.com.br/bondenews/londrina/incendio-atinge-borda-do-parque-arthur-thomas-em-londrina-460048.html>

<https://radionortelondrina.com.br/index.php/noticias/item/3526-parque-arthur-thomas-vai-receber-obras-para-revitalizacao>

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/4/03/ilustrada/13.html>

<https://www.youtube.com/watch?v=Zpov9bJ28rs>

<https://portal.londrina.pr.gov.br/unidades-de-conservacao/parque-ecologico-dr-daisaku-ikedada>

<https://operobal.uel.br/jornal-noticia/2023/04/20/paca-tatu-cotia-sim/>

<https://www.uel.br/laboratorios/leca/>

<https://www.bonde.com.br/automotivo/com-acidentes-envolvendo-animais-ao-redor-do-parque-arthur-thomas-sema-pede-mais-sinalizacao>

<https://www.nationalgeographicbrasil.com/animais/2024/02/qual-a-diferenca-entre-a-cobra-coral-verdadeira-e-a-cobra-coral-falsa>

<https://www.folhadelondrina.com.br/economia/beto-carrero-estuda-a-construcao-de-parque-tematico-em-londrina-23672.html?d=1>

<https://www.folhadelondrina.com.br/economia/carrero-diz-que-parque-demandaria-r-35-milhoes-23852.html?d=1>

<https://temlondrina.com.br/meio-ambiente/estatua-de-capivara-do-parque-arthur-thomas-ganha-nome-de-capitu/>

<https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/ama-lana-mascote-em-estande-montado-no-parque-ney-braga-280802.html?d=1>

<https://www.folhadelondrina.com.br/geral/macacos-prego-de-londrina-ajudam-a-explicar-nossa-linha-evolutiva-3262585e.html>

## **PDF**

<chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/menu-planejamento/gpi/perfil-de-londrina-2021/38253-2-1-5/file>

[chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://codel.londrina.pr.gov.br/images/images/Galeria\\_de\\_Presidentes.pdf](chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://codel.londrina.pr.gov.br/images/images/Galeria_de_Presidentes.pdf)

## **Documentário**

<http://bcc.cinemateca.org.br/filmes/889110>

## **Agradecimentos**

Não fosse Deus, estas linhas não teriam sido escritas. Foi Ele quem me sustentou quando as forças humanas já não eram suficientes. Foi Ele que me inspirou quando a sabedoria me faltava.

Gratidão também à minha família, responsáveis por ser quem eu sou. Minha mãe Tania, meu pai Carlos e minha irmã Camila.

Um projeto desta magnitude, afinal, não se faz sozinho. Por isso, a lista de agradecimentos é longa.

Em primeiro lugar, ao amigo Alex Canziani. A ideia deste projeto surgiu num despretenso bate-papo em uma entrevista ao podcast do Marcão Kareca, na Rádio Paiquerê 91,7. De lá até o projeto efetivamente começar, foi um longo percurso. Não sem antes ficar um pouco maior.

Ao compartilhar a ideia com o grande e admirável amigo, o jornalista Luciano Pascoal, o livro virou também um documentário. Após algumas reuniões e tentativas de financiamento, foi Alex quem nos avisou que um edital da Secretaria Municipal do Ambiente (SEMA) havia sido aberto e poderíamos tentar inscrever o projeto em uma das linhas estipuladas.

Luciano é o responsável por transformar a ideia em um projeto, por inscrever o projeto em um edital. Suas habilidades vão além da percepção do olhar clínico para uma história narrada em vídeo. Mas, ainda assim, era preciso um CNPJ que abraçasse a ideia.

Sem o Instituto Alicerce, isso não teria sido possível. Era preciso uma entidade para ser proponente. E escolhemos uma instituição que acredita na educação como um alicerce para a construção de uma sociedade mais justa e mais igualitária. Ao agradecer meu amigo Paulo Brito, agradeço a todos e todas que atuam no instituto.

Não preciso dizer que deu certo. Gratidão à equipe que analisou o projeto, que apostou na nossa ideia e que embarcou conosco nesta aventura de mergulhar na História de Londrina e do Parque Arthur Thomas. De modo especial à Lidiani Maria Damiani Izidoro, titular da assessoria de educação ambiental, que não mediu esforços para compartilhar informações, contatos e histórias. O agradecimento se estende a cada integrante de sua equipe.

O processo de um livro não é um caminho de rosas. É preciso pesquisar documentos, ler jornais antigos, entrevistar muitas pessoas e conversar com muita gente. É preciso saber onde está escondida a história que faz parte da História. A primeira fonte é, sem dúvida, o Museu Histórico Padre Carlos Weiss. Sem a diretora Edméia Ribeiro, metade deste livro não existiria. Assim como sua equipe, de modo especial a cientista social e estagiária do museu, Júlia Cebulski, responsável por me enviar uma pesquisa imprescindível.

Além dos registros oficiais e documentos históricos, não sei o que seria do resgate biográfico não fosse a imprensa da época. Sem meus colegas jornalistas, seria impossível saber ou confirmar algumas anedotas. Por isso, mais do que nunca, o jornalista é um profissional sem o qual uma cidade não se mantém viva na História. Destaco aqui o primeiro jornal de Londrina, o Paraná Norte, cujo jornalista fundador ainda fez o grande favor de registrar em livro algumas memórias, além da insubstituível Folha de Londrina, um periódico que atravessa mais de sete décadas londrinenses e cujas narrativas da Pequena Londres estão impressas nas reportagens ou nas entrelinhas.

E foi justamente na Folha de Londrina que Laureci Silvana Cardoso, do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH) da Universidade Estadual de Londrina (UEL) encontrou as lendárias fotos que comprovam e testemunham a existência do mini zoológico no parque, sem as quais o registro permaneceria no imaginário popular e nas lembranças da época. Quase nos acréscimos do segundo tempo, Laureci entrou em contato comigo dizendo que havia encontrado as imagens no acervo do jornal, hoje sob custódia do NDPH, órgão da UEL que presta um serviço dos mais relevantes para a memória da cidade e da região.

Por fim, agradeço especialmente à Universidade Estadual de Londrina, um patrimônio incalculável, por ter produzido tantos pesquisadores que se debruçaram sobre o Parque Arthur Thomas, por ter possibilitado tantas teses e por ter se disponibilizado a encontrar tantos personagens e entrevistados, na pessoa do jornalista assessor de imprensa Vitor Struck.

Gratidão não se define. Mas, ao menos, registra-se. E cá estão registrados os principais, muito embora cada um que contribuiu de alguma maneira seja parte importante do processo.

E que venham outros grandes projetos para contar histórias e registrar a História!



**Fábio Luporini** é jornalista formado pela UNOPAR e cientista social formado pela UEL. Atuou nos principais veículos de comunicação do Paraná, entre eles Jornal de Londrina, Gazeta do Povo, RPC (afiliada da Globo), G1, Rádio UEL FM, Folha de Londrina e Multi TV. Especialista em biografias de personagens, empresas e instituições, é autor de “Adma – Uma História de Fé” (2016), “Sonia Secco – De Volta à Vida” (2019), “Enfermagem UEL – 50 Anos de Muitas Histórias Para Contar” (2020) e “Trajetória de Fé: Da Capelinha ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida” (2022). É referência em assessoria de imprensa e comunicação empresarial e corporativa, além de celebrante social de casamentos e mestre de cerimônias em eventos sociais e corporativos.



PATROCÍNIO





A P O I O





PROPONENTE



"ARTHUR THOMAS: DA MARCHA PARA O OESTE AO PARQUE MUNICIPAL"  
FOI COMPOSTO NA TIPOLOGIA NOFRET, IMPRESSO EM  
PAPEL POLÉN BOLD 90GR E PAPEL COUCHE FOSCO 150GR.  
IMPRESSO PELA MIDIOGRAF EM DEZEMBRO DE 2024.

**“Arthur Thomas: da marcha para o oeste ao Parque Municipal” é um mergulho na ousada e bem-sucedida empreitada inglesa no sertão do Paraná. A jornada inicia-se com a marcha para o oeste paranaense na década de 1930 e os resultados se revelam na cidade de Londrina que completa 90 anos. Ao longo do caminho, nasceu uma joia ambiental preservada no meio de Londrina: o Parque Municipal Arthur Thomas. Essa é a narrativa que o leitor encontrará neste livro. Suas páginas nos levam a conhecer detalhes da colonização da Companhia de Terras Norte do Paraná, assim como fatos, curiosidades e anedotas sobre o pioneiro Arthur Thomas e seu legado. Da mesma maneira, registra e reforça a importância de se preservar não apenas a História, mas também a biodiversidade que vive no meio urbano de Londrina. O livro é um marco da cidade que completa 90 anos e projeta seu futuro. A Londrina do futuro não sobreviverá se não valorizar seu passado nem tampouco preservar sua fauna e flora.**

ISBN: 978-65-86198-38-6



9 786586 198386